FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 7 DE JANEIRO DE 1961

ANO 40.º — NÚMERO 13 674

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: L I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Um enviado de Kennedy vai sondar as intenções *de Kruchtchev*

WASHINGTON, 7. — Fontes dignas de crédito anunciaram, a noite passada, que o presidente eleito John Kennedy está a estudar o envio de um emissário a Moscovo para conferenciar com Nikita Kruchtchev imediatamente após a sua posse, em 20 de Janeiro.

Afirma-se que a sondagem das intenções soviéticas será um dos objectivos principais da nova administração.

Não se soube, imediatamente, se o assunto fora discutido na conferência que, tiveram ontem á noite, nesta capital, Kennedy e o secretário de Estado designado, Dean Rusk.

Crê-se saber, de boa fonte, que Averell Harriman, antigo chefe da missão diplomática americana na capital soviética, recentemente nomeado embaixador itinerante da futura administração democrática, seria encarregado dessa missão.—F.P., R. e A.N.I.).

O sr. «H», durante a sua recente visita ao Congo, conferenciou com o presidente Kasavubu, que aqui vemos, sorridente, ao seu lado

Jânio Quadros abandonou inesperadamente o nosso País

a bordo de um cargueiro inglês

O presidente eleito do Brasil escapou-se rocambolescamente de Portugal, a bordo do cargueiro inglês «Durango», uma hora depois de, pessoalmente, nos ter afirmado que dava amanhã, ás 10 horas, no hotel, uma conferência de Imprensa.

— Amanhã, ás 10 horas, falamos... — disse o dr. Jânio Quadros quando, sorridente, evitou ali a interpelação dos jornalistas.

A «fuga» do futuro chefe do país irmão revestiu-se de aspectos desconcertantes, no estilo do cinema americano. Foi engenhosamente arquitectada e contou com a solicita conivência da Embaixada, do pessoal do hotel, da companhia de navegação da empresa que transportou a bagagem até ao barco, etc. Por outro lado, a representação do próprio estadista brasileiro, perfeita em todos os pormenores, não fazia crer, de forma alguma, que ele estaria a poucos minutos de abandonar subita e inesperadamente o nosso País...

Um passeio tranquilo pelas ruas de Lisboa

Com efeito, o dr. Jânio Quadros abandonou, calmamente, o hotel, pouco depois das 10 horas, sózinho, sem óculos e envergando um grosso sobretudo castanho-tijolo e um chapeu cinzento-escuro descaído sobre a face. Esteve mais de meia-hora sentado num banco do jardim Alfredo Keil, na Praça da Alegria, ao lado da pequena biblioteca municipal. Plácidamente, sem ser notado pelos transeuntes que com ele se cruzavam, passando por entre canastras de peixe e cestos de hortaliça, percorreu, a seguir, a Rua da Alegria, a Calçada da Patriarcal, Rua das Taipas e Rua da Conceição da Glória, onde, ao pé do Hotel Suíço-Atlantico, foi reconhecido por três jovens rapazes que lhe solicitaram autógrafos e aos quais tirou o seu chapeu e deu palmadas nas costas. Desceu, pela Calçada da Glória aos Restauradores, passou pelo Condes e pelo Odéon, cujos cartazes observou, e pela Rua das Portas de Santo Antão, onde foi abordado pelo sr. engenheiro-silvicultor Lino Ferreira, que lhe pediu uma assinatura sobre uma foto do presidente eleito recortada de um folheto de propaganda eleitoral.

(Continua na página central)

Novos comícios *em Liège* apesar da proibição do burgomestre

BRUXELAS, 7. — As ultimas notícias indicam que nas desordens ontem registadas em Liege houve cinquenta e um feridos, seis dos quais a tiro.

Hoje, não se registaram manifestações em Bruxelas. Em Verviers, foi cancelado um comício marcado para esta manhã.

Esta manhã, descarrilou um comboio entre Liege e Verviers, pelo que ficou completamente interrompido o tráfego ferroviário entre as duas cidades. O descarrilamento foi provocado por sabotagem, mas não se registaram feridos.

Em Liege, apesar da proibição decretada pelo burgomestre, realizaram-se esta manhã, diversos comícios. Para a tarde, está marcado outro comício dos ferroviários e condutores de autocarros e eléctricos.

As ruas estão, ainda, juncadas de destroços e lixo, vendo-se as pedras das calçadas arrancadas em muitos sítios.

As lojas estão fechadas e forças da Polícia e do Exército guardam a estação dos caminhos de ferro. — (R.).

Nas ruas de Bruxelas continuam a ver-se polícias armados e barricadas de arame farpado

Nota do dia

REPRESSÃO INDISPENSÁVEL

É conhecida a história daquele jornalista americano que tomou parte na viagem inaugural das carreiras de «Clipper» entre Nova York e Lisboa e que pôs ao seu primeiro artigo este título expressivo: «Atravessei o Atlântico de avião e não tive medo; mas «cortei-as» ao atravessar Lisboa de táxi». O calão não é nosso, é dele. Com efeito, a velocidade a que alguns condutores de táxi se entregam com frequência em Lisboa, por maior que seja a sua perícia, não deixa de ser perigosa e inquietante. E não apenas os «chauffeurs» de táxi, mas também certos condutores de carros particulares, que não hesitam em transformar algumas artérias da cidade em pistas de corrida onde põem à prova o seu virtuosismo, com perigo iminente para os transeuntes incautos. Felizmente que a Polícia começou a reprimir os abusos, utilizando um sistema de «contrôle» electrónico que está já em pleno funcionamento e que muito pode contribuir para salvar algumas vidas e evitar que se fracture um certo número de costelas nas ruas de Lisboa. A vigilância começa por se exercer a título preventivo, sendo os condutores avisados por meio de cartazes da proximidade das brigadas da Polícia. Pois nem mesmo assim os impacientes e os apressados se contêm e alguns metros adiante (leiam-se os comunicados diários da Polícia) caem como tordos na esparrela de cuja existência tinham sido avisados. A vida, não o ignoramos, decorre num ritmo cada vez mais apressado. Mas não tanto que, para ganhar alguns minutos, seja preciso abrir nos cemitérios covas suplementares e aumentar o número de camas nos hospitais.

Magazine ✱ Juvenil ✱

Diario de Lisbôa de hoje é de 32 páginas e inclui

Magazine

Com quem se parecerá o bebé de Margarida ✲ As grandes civilizações africanas ✲ Para os mais pequenos ✲ «O senhor H» ✲ Xadrez para todos ✲ Mais isto e mais aquilo ✲ Conheça a sua estrela (Horóscopo) ✲ Coisas novas na ciência e na técnica ✲ Para bem da saude ✲ Aqui entre nós ✲ As crianças de que o Mundo se esquece ✲ Há mais de três mil anos já os Chineses previam as datas dos eclipses ✲ O riso da semana ✲ Kennedy foi o candidato dos homens de cor ✲ O que é um Americano ✲ No mundo dos discos ✲ Jardinagem ✲ Panorama Internacional ✲ De uma semana para a outra

Juvenil

Panorama do Teatro português ✲ A bruxa em decadência ✲ Cada qual sabe o que sabe ✲ Os grandes homens de Portugal (Alexandre Herculano) ✲ Como fazer uma casa de bonecas ✲ Chuva na noite ✲ O meu professor tal ✲ Balada ✲ Mascarilha ✲ Os meus problemas

Magazine ✱ Juvenil ✱

Não é iminente a invasão de Cuba pelos Estados Unidos — declarou "Che" Guevara

HAVANA, 7 — «Os jornais exageram um pouco» — declarou ontem, na Rádio, o dr. Ernesto «Che» Guevara, presidente do Banco Nacional de Cuba, comentando as informações de que a «invasão é iminente».

Afirmou que os Estados Unidos se preparavam e nós nada mais fizemos do que denunciá-los», mas sobre o assunto «não recebemos mais nenhuma informação».

(Continua na 14.ª página)

As companhias britânicas de óleos e gasolina, com o espírito de competição que as anima e as incita a fazer sempre mais e melhor, inventaram agora, como propaganda, estas instalações para os cães, que acompanham os humanos e cujas necessidades não foram em nenhum aspecto descuradas, desde a água fresca para matar a sede á arvorezita tão da sua simpatia...

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Linha de SINTRA

EXPOSIÇÃO

de pintura Luso-Espanhola

EM SINTRA

Com o alto patrocínio da Comissão Municipal de Turismo de Sintra, inaugurou-se no antigo casino da Estefania uma exposição de pintura luso-espanhola, acto a que assistiram os srs. presidente do Município, visconde de Asseca; vereador João da Conceição Brito, juiz-delegado, notários, conservadores, médicos, artistas, jornalistas e outras altas individualidades ligadas ao meio artístico, os quais foram recebidos no átrio daquele edifício pelo presidente da Comissão de Turismo, sr. Rui da Cunha, e pelo pintor-expositor espanhol Yella.

No vasto salão de festas, tornado galeria de arte para o efeito, ficaram patentes ao publico uma gama de valiosas obras de pintura clássica, versando em geral sobre paisagem, motivos marinhos e natureza morta, ás quais foram observadas com o mais vivo interesse por todos os visitantes.

São expositores: Höllnet, Pichard, Bastida, Yella, Ventura Moutinho, Candelas, Ingrain, Patricio, Cascajares, C. Calzada, Angel Cerezo, Mário Ferreira, Félix Rodrigues, Rafael Ortega, Beller e Eduarda Lapa, cujos nomes são consagrados no mundo das artes plásticas.

Mereceu-nos especial atenção o quadro de Ventura Moutinho «Entardecer» (em Sintra), uma obra a todos os títulos digna dessa «oitava maravilha do Mundo», em que o pincel do artista transmitiu á tela uma perfeita e admirável imagem dum maravilhoso cair da tarde, em Sintra, através de um cenário de sonho imprimindo ao conjunto a expressão real da imponência e romantismo prodigalizada por este soberbo empório turístico.

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — Ás 21 e 15: «Pagas ou morres» (17 anos). *Amanhã:* «matinée», «Um militar e meio» (12 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — Ás 21 e 15: «Dez anos na contra-espionagem» e «4 passos nas nuvens» (17 anos). *Amanhã:* «matinée», «O garoto do circo» e «Justiça sem lei» (12 anos).

CACEM — Cinema S. João — Ás 21: «Os amantes do deserto» e «O cão milionário» (12 anos). *Amanhã:* «matinée», «Alta espionagem» (17 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — Ás 21 e 30: «A marca do chicote» (17 anos). *Amanhã:* «matinée», «Pagas ou morres» (17 anos).

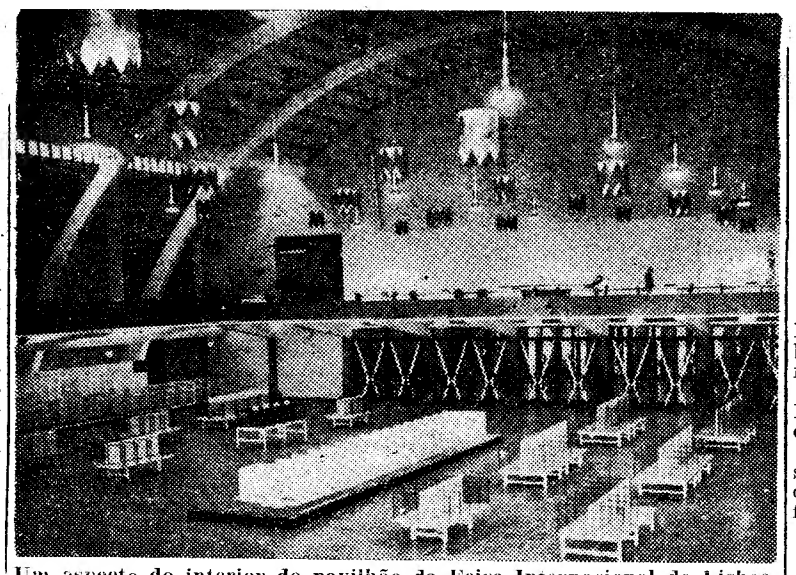
Farmácias de serviço

AMADORA — Carmela — Rua Elias Garcia — Telefone 931303 — Helénica — Rua Elias Garcia, JPL-B — Tel. 930243.

QUELUZ — Zeller — Rua da Republica, 61 — Tel. 95005.

SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque — Tel. 980058.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.



Um aspecto do interior do pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, já adaptado para a Exposição Canina

Termina hoje

o prazo de inscrição

na Exposição Canina Internacional

que se realizará este mês

Termina hoje, até ás 24 horas, o prazo de inscrição na 35.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que, promovida pelo Clube Português de Canicultura, e com o patrocínio do nosso jornal, se realizará nos dias 21 e 22 deste mês, no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa.

O numero de inscrições recebidas elevam-se a algumas centenas. Como no Inverno passado, em que o festival dos cães obteve assinalado êxito, a exposição deste mês caracteriza-se especialmente pela enorme variedade de raças. Há a acrescentar, todavia, o facto de nela participarem muitos animais adultos importados do estrangeiro.

Por outro lado, existe ainda o atractivo da vibrante competição entre os mais formosos e educados animais dos canicultores portugueses.

O interesse que o certame está suscitando no estrangeiro, manifesta-se pelo conjunto de inscrições recebidas de vários países. Até agora, estão inscritos concorrentes dos Estados Unidos, Venezuela e Espanha, os quais fazem deslocar os seus animais a Lisboa, expressamente para participarem no concurso.

Não se pode, também, deixar de apontar as excelentes condições do moderno pavilhão da Junqueira para o festival canino, proporcionando a oportunidade de realizar em Portugal manifestações semelhantes aos «Salões de Inverno» promovidos em várias capitais europeias, por se tratar de um recinto de grande amplitude, coberto, aquecido, alegre, com longas galerias onde, beneficiando de serviços de restaurante e de chá, se pode assistir a todas as fases das provas, bancadas improvisadas na nave central, zonas de exposição de produtos relacionados com a canicultura e largo espaço para a instalação de «boxes» rigorosamente ordenados.

Um juiz inglês julgará as raças estrangeiras

Valiosas taças e medalhas premiarão os melhores exemplares apresentados. Entre os principais troféus, contar-se-ão os oferecidos pelos Clube Português de Canicultura, «Diário de Lisboa», Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, Feira das Industrias Portuguesas, Junta de Turismo da Costa do Sol, as taças «Alberto Maria Bravo» e «A. M. Silva», etc. O juri das raças estrangeiras será presidido pelo sr. V. Hirst, juiz «al-round» do «Kennel Club», de Londres.

O programa da exposição é o seguinte:

Dia 30 — Ás 15 horas, entrada dos exemplares; 16, início da classificação; das 20 ás 21, intervalo; 21 e 30, continuação da classificação; 24, saída dos exemplares.

Dia 31 — Ás 15 horas, entrada dos exemplares; 16, continuação da classificação; 19, recepção das entidades oficiais; das 20 ás 21, intervalo; 21 e 30, desfile dos exemplares premiados e distribuição de prémios; e 24, encerramento da exposição.

Na secretaria do Clube Português de Canicultura (Praça D. João da Camara, 4, 3.º, Lisboa — Telefone 21 478), recebem-se hoje as ultimas inscrições e prestam-se todos os esclarecimentos respeitantes ao importante certame canino que deverá constituir uma excepcional manifestação desportiva e mundana.

PRECONIZA-SE

o emparcelamento

da propriedade rústica

na Madeira

FUNCHAL, 7. — O «Jornal da Madeira» publicou um editorial da autoria do eng.º Inácio da Costa Sousa, intitulado «O grave problema da fragmentação da propriedade rustica na Madeira».

Depois de assinalar que «a Madeira é das regiões de Portugal onde a propriedade rustica se apresenta mais pulverizada e dispersa», preconiza o emparcelamento desse tipo de propriedade como medida a seguir a fim de se evitar o prosseguimento da já excessiva fragmentação, causá de sérios males que conduzem a exploração da terra a uma economia debilitada.

O articulista conclui: «Não há duvida nenhuma que o emparcelamento da propriedade rustica madeirense traria altos benefícios á lavoura e a todos os serviços inerentes á agricultura da região». — (A. N. I.).

O RESTAURANTE — «BOITE»

SORRENTO

abre hoje ao público nas suas novas instalações na

Avenida Óscar Monteiro Torres, n.º 60-C
Telef. 771432

ALMOÇOS — CHÁS-DANÇANTES
JANTARES — CEIAS

LORIS VELLI e seu conjunto

DIRECÇÃO DE

ARMANDO FERNANDES e ARMÉNIO MOTA

A CIDADE

Incêndio

numa barraca nos Olivais

Esta manhã, pouco antes das 10 horas, manifestou-se incêndio na barraca 28 do Bairro do Seminário, aos Olivais.

Morava lá a sr.ª D. Maria dos Prazeres. O fogo teve início no colchão e a barraca ardeu em parte.

Foi extinto o incêndio pelo pessoal do B. S. B., com uma agulha de nevoeiro, sob a direcção do chefe César.

Pela Polícia

ROUBO DE FAZENDAS — No passado mês de Novembro, da alfaiataria Ferreira, Ld.ª, na Rua Conde Redondo, 2, 1.º, foram furtados nove cortes de fazenda de lã inglesa com a marca «Ferwoolen». A P. J., que está a proceder a investigações para a descoberta do autor do furto, chama a atenção das alfaiatarias, casas de fazendas e outros estabelecimentos para, no caso de tais cortes terem sido, ou virem a ser, apresentados para serem confeccionados, ou para transacção, comunicarem á 6.ª secção, 2.ª brigada, da mesma Polícia, sob pena de serem considerados encobridores.

Festas associativas

Especialmente dedicadas aos associados e suas famílias, e abrilhantadas por conjuntos musicais, haverá festas amanhã, de tarde, na Casa do Alentejo, Casa das Beiras, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul e Casa da Covilhã; e á noite, na Casa de Ferreira do Zêzere e Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos.

Pelos hospitais

DOENÇA SUBITA E MORTAL — O guarda-cabos da A. P. T. Fernando Vítor, que se sabe residia no Bairro da Encarnação, adoeceu repentinamente na central telefónica do Campo Pequeno. Transportado ao Hospital de S. José, chegou ali sem vida, pelo que o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

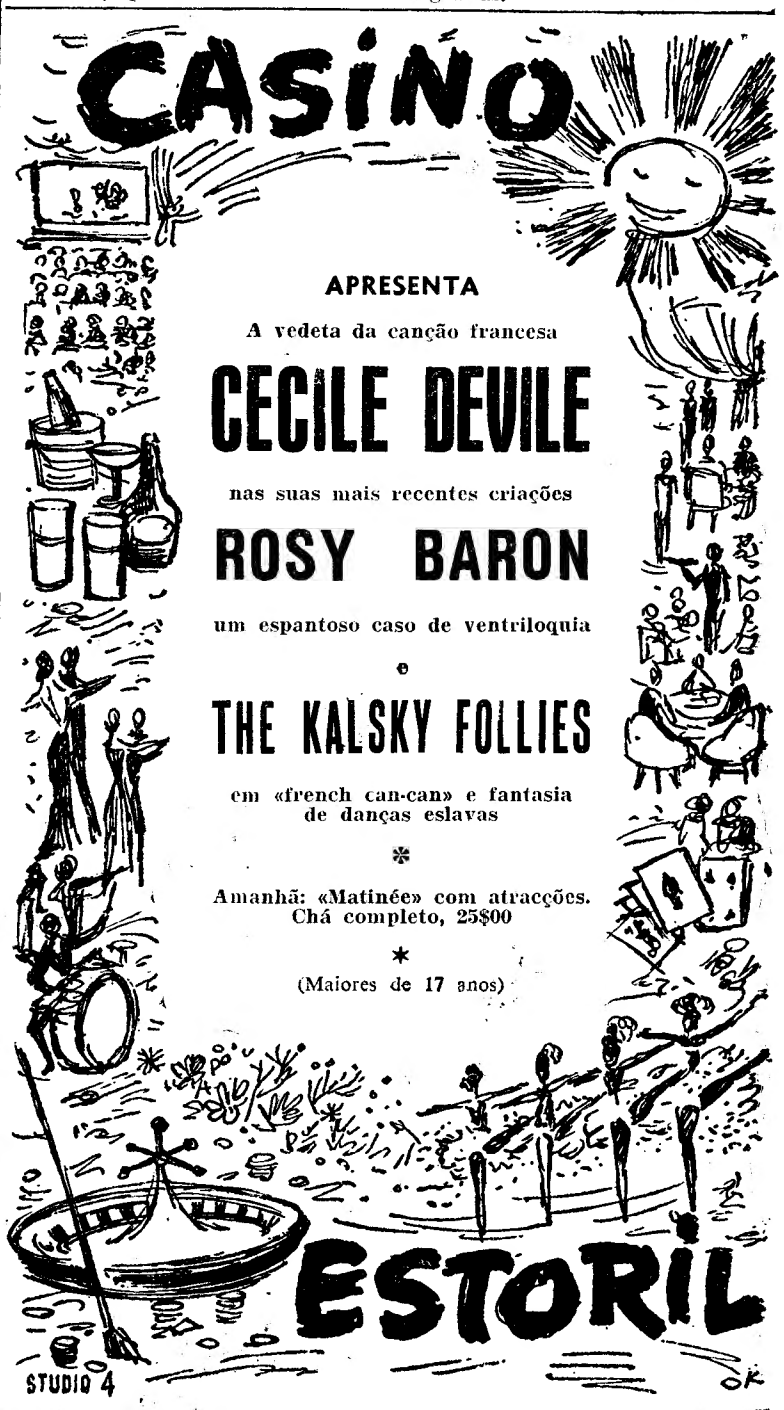
AGREDIDO A' SACHOLADA — O servente de pedreiro Manuel Nascimento, de 37 anos, residente na Quinta do Rondão, ás Galinheiras, foi ali agredido á sacholada por António Manete, que reside também ali. Conduzido ao Hospital de S. José, o Nascimento ficou internado na sala de observações, muito ferido na cabeça.

COLHIDO POR UM AUTOMOVEL — O carteiro João Pedro Reis, de 60 anos, morador na Rua do Vale a Jesus, 14-2.º, Dto., foi colhido por um automóvel na rua da sua residência e fracturou uma perna. Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

CHOQUE DE VEICULOS — Na Rua de Cintura, quando seguia montado na sua bicicleta motorizada, o carpinteiro José Frade, de 53 anos, residente na Rua Carvalho Araujo, n.º 10, r/c., em Moscavide, chocou com um automóvel e ficou muito contuso na cabeça. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um relógio de pulso; um anel de ouro; duas quantias em dinheiro; umas botas de homem; um piriquito; uma roda para automóvel; uma mala para senhora; um casaco de fazenda; dois casacos de malha; um fio de ouro; um bilhete de identidade; uma carteira profissional; uns óculos graduados; um caixote; uma botinha para criança; um «claxon» de bicicleta; um tampão para roda de automóvel; um aro para roda de automóvel; duas sombrinhas; três luvas desirmanadas; argolas com chaves; uma caixa com películas para radiografias.



A importação livre de batata de semente
Uma opinião favorável

Sr. director do «Diário de Lisboa»: — O que, para a lavoura nacional, representou o regime de condicionalismo da importação de batata de semente, sei-o eu, que dediquei o melhor de vinte anos á actividade, com esforçado entusiasmo e sabe-o a própria lavoura, a principal vítima de uns tantos aventureiros ou exploradores das ideias alheias e mecanizadoras de proventos para uso privado.

Por isso, foi com verdadeiro jubilo que vi chegar a hora do almejado êxito, para todos os trabalhos, diligências e discussões em que, até certo ponto colaborei dedicadamente, com a publicação da meritória portaria determinante da liberalização da importação das batatas para semente.

Tal medida colocou em igualdade de circunstancias o verdadeiro comércio importador e veio emancipar a lavoura das tais cooperativas e ao mesmo tempo beneficiá-la, por meio da natural concorrência de preços, como ficou demonstrado numa exposição apresentada a quem de direito e se pedia a limitação do lucro imposto pelo condicionalismo, como beneplácito dos Grémios da Lavoura, das cooperativas, etc.

Todavia, parece que a determinação, por demais justificada e moralizadora não agradou a uns tantos e muito especialmente a «Um produtor de batata para semente certificada». Pelo menos, ele nesse sentido corajosamente exteriorizou o seu pensamento e defendeu a sua tese muito pessoal e, portanto, para uso privado.

Na verdade, como contava, esperei que mais alguém o secundasse, mas tal não se verificou e para que a Administração não seja induzida em erro, se isso é ainda possível depois da lição recebida da prática do sistema e uma vez que as instancias superiores demonstraram estar bem esclarecidas, acerca do passado com batatas de semente, aproveito a tradicionalmente gentil e acolhedora hospitalidade do prestigioso «Diário de Lisboa» para responder e aproveitar a vacuidade dos argumentos apresentados, para os dissipar aos olhos daqueles que ainda acreditam na eficiência da acção das cooperativas como motoras de benefícios ou objectivos utilitários para a lavoura.

Não há duvida alguma: económicamente o problema da batata para semente foi totalmente resolvido pela portaria que liberalizou a importação do produto, visto que os lavradores necessitados de o adquirir o podem fazer mais fácilmente e, repito, em condições — as do crédito — e preços mais acessíveis do que se houvesse peias na importação, porque o regime de contingentes era mantido em benefício, apenas, de uns poucos e com o prejuizo para 90 % dos produtores de batata de consumo. O prejuizo apontado por «Um produtor de batata certificada» é, se o compararmos com o benefício para a lavoura do País, de importancia microscópica... Mal do produtor de batata para consumo, se a lei o obrigasse a utilizar sómente batata de semente de origem nacional!...

Mas eu esclareço convenientemente, para quem de direito e os que o ignoram poderão avaliar da justeza das afirmações. Oitenta por cento, ou mais, das plantações de batatas são feitas com sementais oriundos de batatas estrangeiras, que é melhor — a afirmação fica sem exagero e sem receio de contraditória — como pode ser confirmado por todos os produtores de batata e pelas entidades técnicas, do que a semente nacional, mesmo certificada.

E isto acontece porquê?

Porque as cooperativas não foram técnicamente bem orientadas, antes pelo contrário, começaram a laborar á deriva, e logo á vista da primeira tentativa se operou uma corrida louca, fruto do grande poder de... imitação muito característica da mentalidade portuguesa e um sem numero de baldios foram mobilizados para a execução da grande *ideia*, sem protecções ou cuidados de ordem científica. Até terrenos que se via logo não poderem produzir boas batatas nem de semente nem de consumo — o erro tornou-se mais notório nas regiões do Norte do País, onde predominam as cooperativas de batata de semente certificada — foram aproveitados impensadamente, para não dizer criminosamente.

Disso resultou que ainda hoje é naquela região que se localiza a maior percentagem de focos deletéricos e contaminantes de doenças fitopatológicas, bem como de deficiências de ambiente para a formação normal dos tubérculos.

Contra o que se afigura á primeira análise, não é bastante a diferença entre o clima dos terrenos montanhosos ou do Norte e o dos locais onde se há-de cultivar a batata. E' preciso que muito mais do que a curiosidade, amadorismo ou espírito de aventura e imitação de uns tantos produtores, senhores de uma ideia que a boa fé de alguns organismos aceitou e a bafejaram com medidas alentadoras e proteccionistas, conseguindo mesmo que a Administração, pelos mesmos motivos, muito carinhosamente fomentasse a formação das cooperativas de batata para semente nacional, com o intuito de erguer um centro de apoio ao progresso da lavoura nacional, mas que falhou o objectivo, visto que os componentes dessas organizações o desvirtuaram, para chegarem ao ponto culminante de obrigarem a compra de sementes nacionais a quem importasse as sementes estrangeiras, porque, afinal, a venda das suas produções só seria possível ou por meio de medidas drásticas ou depois de esgotadas as estrangeiras e, consequentemente, a obrigarem a lavoura estranha a essas mesmas cooperativas, a adquirirem um produto que lhes teria custado três ou quatro vezes menos e seria melhor, se o tivesse podido produzir nos seus próprios terrenos.

Mas não é tudo ainda: os produtores, sócios das coperativas, quase sempre manifestavam quantidades que não produziam, iludindo, assim, os dirigentes dos organismos reguladores do comércio de importação, para muitas vezes negociarem apenas o «papel» que desobrigava o importador de determinadas condições e poder importar as sementes estrangeiras, ao que se pode chamar um negócio escuro, e, claro, a cedência do manifesto era cotada pelo lavrador a tanto por quilo da produção falsamente manifestada. Flagrante cumplicidade entre o produtor desonesto e o importador peado, em desrespeito pela organica e pelos interesses gerais!...

Estas irregularidades foram-se descobrindo, a confiança foi-se abalando e as coisas foram tomando aspectos mais sérios. Nunca se trilhou o caminho da lisura, senão os *casos* da ultima safra teriam sido diferentes. Ninguém das gentes ligadas ao problema ignora que se transaccionaram batatas para entrega imediata, em Novembro, e, contudo, apesar de serem reclamadas insistentemente, semana a semana, telefónicamente, por escrito e verbalmente, aquando das necessárias deslocações até junto dos produtores, sempre estes apresentavam desculpas de toda a espécie e que não podiam receber nos silos, devido a

(Continua na 14.ª página)

Fátima Redentora

No 1.º Sábado do ano

(Musica: «Sobre os braços da azinheira» — ou outra)

Ó Fátima Redentora,
Dos corações alegria.
Solar de Nossa Senhora.
Altar da Virgem Maria

Ó Fátima Redentora
Facho de luz imortal.
Terra onde Nossa Senhora
Veio salvar Portugal

Ó Fátima Redentora,
Viva Fé, amor profundo.
Terça onde Nossa Senhora
Veio p'ra salvar o Mundo

Todo o Mundo em Vós confia,
Senhora da Piedade!
Fazei raiar novo dia
Sobre a pobre humanidade!...

De ontem para hoje

DIA DE REIS

O dia da Epifania ou dos Santos Reis Magos, como outrora era chamado, no tempo em que os cortejos com charamelas percorriam os burgos retumbantes de alegria, não perdeu entre nós a sua expressão de convívio e de festa familiar em que tradicionalmente a esperança no ano novo é simbolizada pelos doze bagos de romã. Ontem, por iniciativa do prof. Paulo Cunha, diversos professores dos vários graus do ensino convidaram para jantar em suas casas estudantes da Metrópole e em especial do Ultramar. O simbolismo particular desta confraternização reside no facto de os Reis Magos serem também de diversas raças. A festa do Dia de Reis foi também celebrada pela Mocidade Portuguesa, cujos dirigentes se reuniram num jantar, em numero de cerca de quinhentos, no Pavilhão da Feira das Industrias, sob a presidência do ministro da Educação. Com esta festa se recordou igualmente o 25.º aniversário da fundação da M. P.

NO PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu ontem, em audiência no Palácio Nacional de Belém, os srs. general Afonso Botelho, coronel Emílio Duarte Cadima e contra-almirante Nuno de Brion.

Estiveram ali a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Presidente da Republica, os srs. general Mira Delgado, general Laurénio Cotta Morais dos Reis, comandante-geral da Legião Portuguesa; brigadeiros Machado Barros e Costa Franco; Manuel Queirós Pereira e Viriato de Araujo F. de Oliveira e a direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários de Carcavelos.

MORTE de um ciclista

Andar de bicicleta, por ruas e estradas infestadas de perigos, como são as de hoje em qualquer parte, representa uma aventura. Foi mortal a simples queda que deu, perto de Ovar, o jovem Manuel Virgílio da Silva, de 18 anos. Vinha por trás uma camioneta e... nem o condutor desta teve culpa. Como parar? Sim, como parar tanta morte na estrada?

Presidência do Conselho

Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Justiça e das Finanças.

O PATÉTICO e a prudência

Aos catorze meses, um corpinho de rosas todo queimado com água fervente — não se trata de explorar o dramático gratuitamente, puxando a lágrima para as desgraças irremediáveis. Não. Trata-se, apenas de apelar para a prudência (que nunca é demais) de quantos velam pelas crianças na esperança de que se registem menos casos como este que causou a morte do pequenito António da Silva Martins, em Riba de Ave.

O PICARESCO NA BAIXA

O larápio foi surpreendido pela Polícia a tentar roubar — imaginem o quê — o candeeiro do patamar de uma escada... Electricista desempregado, apertado pelo mau passado, esqueceu-se de que até agora vivera livremente e do que vale um nome honrado. E deitou as vistas ao candeeiro... muniu-se de um escadote. Em plena tarde. Mas as situações cómicas ainda mal haviam começado. Iniciada a perseguição, com correrias aos zigue-zagues e transeuntes empurrados, eis que o Benjamim de Sousa Santos entra pela montra de uma manteigaria da Rua da Prata, onde logo o guarda Francisco Baptista, rompendo, por sua vez, o vidro estilhaçado, se lhe vai reunir, entre os cremes, os pasteis e os queijos, transformados numa massa estranha e pegajosa. Parece que estamos a assistir a um filme de Charlot. Mas não: a vida é sempre mais inverosímil do que quaisquer ficções...

Extraído o plasma o sangue será devolvido aos dadores

WASHINGTON, 7 — Os dadores de sangue podem reaver o seu sangue, depois de se haver extraído o plasma, segundo um novo método de transfusões descrito pelo dr. Allan Kliman, do Instituto Nacional de Saude.

O dr. Kliman declarou a noite passada, a jornalistas, que a técnica permitiria expandir as possibilidades de abastecimento de plasma, pelo menos, trinta vezes mais.

Os dadores podem, agora, dar cerca de meio litro de sangue de dois em dois meses, produzindo metade de meio litro de plasma. O novo processo permitiria que a mesma pessoa pudesse dar repetidas vezes o seu sangue, sempre até metade de meio litro de plasma, numa semana.

O dr. Kliman afirmou, ainda, que num caso fora extraído de uma dador metade de meio litro de plasma, todas as semanas, durante nove semanas, sem quaisquer más consequências. Acrescentou que o novo método oferecia um meio mais rápido, e potencialmente mais seguro, de auxiliar as vitimas de leucémia, doenças causadas por radiações e alguns outros males. — (R.).

HOMENAGEM a beneméritos do Hospital Condes de Castro Guimarães

Em comemoração do 20.º ano em que os «Dois Grupos de Amigos do Hospital dos Condes de Castro Guimarães» — empregados no Casino Estoril — começaram a entregar mensalmente um donativo, que em 1956 atingiu aproximadamente mil contos, a mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Cascais leva amanhã a efeito diversas cerimónias, entre as quais, uma missa de «requiem», uma romagem e uma sessão solene, em memória dos referidos beneméritos.

O FILHO de André Malraux coroado «rei» na Casa de Portugal em Paris

PARIS, 7. — Numerosas individualidades francesas e elementos da colónia portuguesa de Paris saborearam, ontem, broas castelar e bolo-rei, pouco antes chegados de avião de Lisboa, numa festa realizada na Casa de Portugal.

Em seguida, conformando-se com a tradição em todos os pontos, foram coroados os «reis» designados pela fava do bolo: Gauthier Malraux, filho do ministro francês André Malraux, foi o «rei» da tarde de ontem; a «rainha» foi a senhora D. Mary John Caula Palma, da colónia portuguesa de Paris.

Os convidados aproveitaram o ensejo para rever ou visitar pela primeira vez, a exposição «Henrique, Príncipe do Mar-Oceano». — (A. N. I.).

A 1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem

Embora tenha por objectivo principal informar os industriais portugueses e o publico em geral sobre os complexos problemas da embalagem, a 1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem, que o Fundo de Fomento de Exportação está a organizar, não descurará, para além daquele aspecto educativo e didáctico, os aspectos comerciais próprios de um Salão de Embalagem.

Assim, poderão participar livremente na E. M. B. A., que se realiza de 12 a 26 de Março de 1961, no recinto da F. I. I., todas as firmas nacionais e estrangeiras produtoras de matéria-prima e máquinas para a industria de embalagem, e fabricantes de embalagens.

Procurou-se, deste modo, dar aos nossos industriais uma oportunidade de analisarem, entre os inumeros produtos que serão expostos, aqueles que melhor sirvam as respectivas industrias, numa contribuição indirecta mas decisiva para a expansão da produção portuguesa.

A realização da E. M. B. A. traduz a preocupação do Governo por uma aceitação cada vez maior dos produtos portugueses no estrangeiro, reconhecida como está a importancia da embalagem como uma das determinantes principais de comercialização de um produto. É, portanto, uma iniciativa que será, certamente, acarinhada pela industria portuguesa, na medida em que traduz um esforço em prol da economia nacional.

Já se encontra a funcionar no recinto da Feira Internacional de Lisboa, o Serviço Central da E. M. B. A., cujo endereço é: «1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem — E. M. B. A.», Avenida da India (F. I. L.), Lisboa — onde serão prestados todos os esclarecimentos e informações, directamente ou por escrito.

Tribunais

Quatro operários amnistiados no Plenário da Boa Hora

O Plenário Criminal da Boa Hora, reunido sob a presidência do desembargador Silva Caldeira, apreciou um processo que incriminou quatro operários de Alhandra: João Manuel Garrafão Lourenço, António Álvaro da Fonseca Paixão, de 26 anos; Manuel Ferreira da Silva, de 22 anos; e Rufino da Piedade Bispo, de 25 anos, acusados de em Abril do ano passado terem espalhado naquela localidade vários papeis escritos com dizeres subversivos, com o fim de alterarem a ordem.

Depuseram várias testemunhas de acusação e de defesa. O sr. dr. Duarte Turras defendeu os incriminados.

O colectivo, reunido em conferência, decidiu aplicar-lhes a ultima amnistia, pelo que foram postos em liberdade.

Motorista condenado

No 6.º juizo correccional da Boa Hora, terminou o julgamento do motorista Domingos Ferreira, de 35 anos, de Estarreja, que, na tarde de 2 de Novembro do ano passado, na Rua de Luciano Cordeiro, colheu mortalmente José Pereira, de 80 anos, reformado da Guarda Fiscal. Discutida a causa, foi condenado em seis meses de prisão e igual tempo de multa, a 10 escudos por dia, 200 escudos do contravenção, 500 escudos de imposto de justiça e 30 contos de indemnização ao filho da vítima.

Condenados por crimes graves

Na Boa Hora foram condenados por crimes graves: Hernani dos Santos Alves Carneiro, de 43 anos, casado, industrial, de Vila Nova de Gaia, em seis anos de prisão maior, 1500 escudos de imposto de justiça e 25 contos de indemnização á ofendida; e João Fernandes, de 33 anos, sapateiro, casado, de Paredes de Coura, em três anos de prisão maior, 1000 escudos de imposto de justiça e 20 contos de indemnização á ofendida.

CARRO ROUBADO

HH-45-97

FIAT 1.100, LUXO AZUL

Agradece informações para Telefones 012430-849779 e 784354. Gratifica-se

TEATROS E CINEMAS

«A Casa dos Vivos», no Trindade

Esta peça em quatro actos, de Graham Grenne, com toda a sua riqueza e densidade, fora já vista, há anos, pelo mesmo publico de Lisboa que ontem a consagrou no Trindade. Uma reposição, a curto prazo. Sim, mas com este simples e maravilhoso estímulo: a revelação de uma extraordinária actriz e, graças a ela, a transmissão exacta dos valores dramáticos do texto.

Há dois motivos entrelaçados, que são, afinal, um e o mesmo tema, em «A Casa dos Vivos»: o sortilégio dos quartos fechados, que reflecte a ansiedade neurótica das excêntricas tias de Rosa, e o problema do amor sem esperança. O medo á morte, por um lado; a suplica á vida pelo outro. E, ainda, nesta encruzilhada do amor e da morte, a situação agónica do padre ante a impotência da oração. Nasce-se, ama-se, morre-se — e tal é a vida. Mas Helena e Teresa Browne quiseram sair desse círculo e vão cerrando todos os aposentos onde alguém se finou: preservam ilusòriamente dessa geral condenação á morte o encantado e bafiento «living room», onde Rosa terá de escolher o seu destino. A jovem que se alimenta da sua própria tensão de desespero, como lhe tenha cabido em sorte o amor tardio de um homem dividído, não se dispõe a aceitar o tempo como remédio, nem a religião como abrigo, nem o sofrimento e o remorso como contrapeso de uma felicidade lograda á custa de outrém. E' o trapézio do prazer e da dor que está em questão; é a impureza de viver, em ultima análise, aquilo a que Rosa se nega, ao preferir a morte, desse modo desencantando a *casa dos vivos*. O sacrifício de um inocente restitui ás «senhoras piedosas» a consciência do seu cobarde egoísmo e, assim, desfecha em lágrimas sensíveis este drama que tão aguda e generosamente opõe as forças da paixão e da solidariedade, da aventura e do hábito, do instinto e da razão, que habitam a dilacerada personagem de Miguel Dennis, o homem sem vocação de carrasco, que á sua volta semeia, no entanto, a desgraça, apenas porque é ilimitadamente humano.

E muito mais teríamos a dizer se a peça não tivesse já sido largamente discutida entre nós. Voltemos, portanto, ao aspecto da sua revalorização através de um desempenho excepcional. O que caracteriza um desempenho excepcional é, ao invés do que correntemente entre nós se aplaude, o seu harmonioso equilíbrio, só atingível por via de interioridade. Eis o que Lígia Teles nos deu: toda a verdade de uma jovem apaixonada, com o deslumbramento dos sentidos, a ternura ainda desajeitada, os gestos bruscos da adolescência, os repentes de uma natureza inteira, a mágoa humilhante de quem vive um amor aos quartos de hora, privada da continuidade e da segurança a que vai progressivamente aspirando. Bastaria a cena do suicídio para creditar uma grande actriz. Tudo na sua expressão vem de dentro: lentamente, ela parece despegar-se da sua intolerável angustia e regressar ao berço a caminho do tumulo. Não esqueçamos a propósito, que esse momento é, também, (nem de outro modo ele seria possível) um dos mais altos da encenação. Seria, igualmente, injusto deixar de acentuar a extrema correcção que foi o timbre do desempenho de Álvaro Benamor, o apaixonado já maduro, cujo presente se encurta, tolhido por um passado trágicamente inalienável. Mariana Vilar deu o melhor de si, com muita dignidade, á figura, tão difícil, da mulher histérica de Miguel Dennis, conseguindo torná-la convincente; e Brunilde Judice esteve á altura do seu talento, com magnífico domínio da *nuance*, na personagem recalcada e decisiva da tia Helena, obreira inconsciente da fatalidade Alma Flora, num papel de composição, que a envelhece mais do que seria para desejar, defendeu-se bem e, nalguns lances, mesmo excelentemente, como no da doença de sugestão. Luís Tito, finalmente, com uma impecável dicção e uma presença que se impõe, um jogo fisionómico fácil e exuberante, pareceu-nos muito decorativo e até brilhante, de um ponto de vista exterior, mas sempre aquém da profundidade da personagem que encarna, fora do tom que para ela ambicionaríamos. Porventura tal restrição deriva da memória que guardámos da representação desta peça em Paris e não enturva afinal o brio nem o valor do artista em causa.

A tradução, assinada por Miguel Fontana, é fluente e agradável, mau grado um ou outro preciosismo a limpar.

Enfim — há que reconhecê-lo — o Teatro d'Arte de Lisboa, dirigido por Orlando Vitorino, deu-nos efectivamente teatro de arte e trouxe para a grande luz da ribalta uma jovem actriz do maior merecimento, a quem se deve ainda pedir que não fique por aqui, pois dela há muito que esperar. — *U. T. R.*

Atrás do reposteiro

- No Teatro da TV, vai ser apresentada a peça «A bolsa», adaptada de um conto de Balzac, por Manuel Lereno.
- Na quinta-feira da próxima semana realiza-se no Teatro Avenida, o ensaio geral da revista «Garotas do rebolado», que no dia seguinte subirá á cena, desempenhada por Eva Todor e a sua companhia.
- Os famosos voadores Alizés, fazem parte da nova companhia de circo que, na sexta-feira, 13, se estreia no Coliseu.
- Depois de amanhã, no Teatro de Bolso do Experimental do Porto, sobe á cena a peça «Hedda Gabler», de Ibsen, na tradução de Correia Alves.

No Ultramar

- Em Lourenço Marques, está dirigindo um teatro de amadores, o actor Henrique Santos.

No Estrangeiro

- O artista português Guto, com o seu numero «Robot humano», há anos que percorre os circos da América do Sul, está presentemente a actuar em Cuucuta, na Colômbia.

No D. Maria II

«Do Alto da Ponte», a preços reduzidos na 1.ª tarde popular

A peça de Arthur Miller «Do Alto da Ponte», na versão de Natércia Freire, cuja carreira prossegue no D. Maria II com êxito excepcional, que excede as previsões mais optimistas, representa-se hoje também em tarde popular, a preços reduzidos. E' esta a primeira vez que se representa em tarde popular este espectáculo empolgante, que tem atraído á elegante sala do Rossio um publico entusiástico nos seus aplausos, a reconhecer o esforço de um conjunto de artistas que soube integrar-se profundamente no espírito da obra do grande dramaturgo americano. E' na verdade uma peça que se destina ao publico de todas as camadas, pelas suas características populares, no melhor e mais nobre sentido do termo.

Encenada com a competência de Cayetano Luca de Tena, que obteve um novo e grande triunfo depois de «O Processo de Jesus» e «A Visita da Velha Senhora», a tragédia moderna de Miller decorre nos ambientes magistralmente criados pela deslumbrante cenografia de Lucien Donnat. Na interpretação, brilhantíssima, participam, nas figuras dominantes, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Raul de Carvalho, Paiva Raposo, José de Castro e Varela Silva.

Na quinta-feira da próxima semana haverá a primeira tarde cultural da temporada, preenchida com teatro de Gil Vicente, encenado por Pedro Lemos. Participam na representação todos os artistas da companhia.

No Monumental

«Boa noite, Betina!», em 13.ª semana

Lisboa tem no cartaz do seu melhor teatro um dos mais extraordinários espectáculos dos ultimos tempos; uma super-produção de Vasco Morgado que veio revolucionar o nosso teatro musicado, pois que, com «Boa Noite, Betina!», uma nova era do teatro contemporaneo coloca Lisboa a par das grandes cidades. Assim, o teatro do Saldanha, com «Boa Noite, Betina!», a comédia musical italiana de Giovannini e Garinei, com musica de Kramer, entra hoje em 13.ª semana de triunfal êxito.

No elenco de «Boa Noite, Betina!» os nomes de Laura Alves, Rui de Carvalho no protagonista, Maria Paula, Paulo Renato, Fernando Muralha, o cantor Guilherme Kjolner, os bailarinos Yola e Paulo, e o conjunto vocal «4 de Espadas», com o belo friso de mulheres que é o «ballet» inglês John Keet Dancers.

Hoje haverá espectáculos em duas sesões, ás 20 e 30 e 23 horas, para adultos, e amanhã, também á tarde, ás 16 horas.

«Nova História da Carochinha» para os mais pequeninos

Vai ser pequeno o Teatro Monumental para, nas tardes de hoje e amanhã, ás 18 e 30, receber o publico infantil, maior de 4 anos, que vai aplaudir um dos mais encantadores espectáculos para crianças apresentados por Vasco Morgado, pelo elenco do Teatro do Gerifalto, sob a direcção de António Manuel Couto Viana, pois que se trata de «Nova História da Carochinha», original de Pedro Bom. E' um espectáculo com graça, com cor, com interesse e com linda musica, que nos traz a revelação de uma nova artista, Irene Cruz, a «Carochinha»; ao lado de todo o elenco destes espectáculos.

«Nova História da Carochinha» representa-se hoje e todas as tardes de sábados e domingos em espectáculos para maiores de 4 anos, com entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, a preços populares: plateia a 15$00, 2.º balcão de frente, a 10$00, e 3.º balcão de frente a 5$00.

No Maria Vitória

O público aplaude «Chá - Chá - Chá»

No Maria Vitória, todas as noites em duas sessões, ás 20 e 30 e ás 22 e 45 horas, Salvador, o artista-empresário tão querido das nossas plateias, apresenta triunfalmente «Chá-Chá-Chá», original de Amadeu do Vale, Aníbal Nazaré e Paulo da Fonseca, com musica de Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo — considerada a sua melhor e mais alegre revista popular, que o publico aplaude justa e delirantemente.

Espectáculo brilhantíssimo, onde a graça alterna com os mais belos momentos de fantasia, «Chá-Chá-Chá» tem uma notável montagem, superiormente dirigida por Hernani e Rui Martins, onde ressalta pela sua beleza e bom gosto, o luxuoso guarda-roupa confeccionado pelos afamados «Ateliers» Paiva e executado sob magistrais figurinos de Pinto de Campos. «Chá-Chá-Chá» é o indiscutível triunfo do maior elenco artístico que até hoje tem actuado no Maria Vitória e á frente do qual se encontram: a grande vedeta internacional Xiomara Alfaro, os grandes e queridos actores cómicos António Silva e Costinha, Maria Domingas, Barroso Lopes, Anita Guerreiro, Luisa Durão, Ausenda Miranda, Lucinha Amaral, Octávio de Matos (Filho). A revista tem a colaboração de Leónia Mendes, da fantasista italiana Rita Truzi e do «Conjunto sem nome». «Chá-Chá-Chá» é um espectáculo para maiores de 17 anos. Amanhã, domingo, haverá espectáculo ás 16 horas.

Expressivo louvor

a um funcionário superior da Câmara Municipal

O presidente do Município louvou o sr. dr. João Pina Vidal, chefe da secção de Propaganda e Turismo, pela acção inteligente e altamente produtiva que ali tem desempenhado.

E' o seguinte o teor do despacho de louvor: «Louvo o sr. chefe da Secção de Propaganda e Turismo, dr. João Augusto Pais Pina Vidal, «pela inteligência, consciência, altas qualidades de trabalho, preocupação constante de realizar mais e melhor, qualidades essas demonstradas em tudo quanto se refere ás publicações municipais de divulgação de monumentos e turismo da cidade, o que tem realizado com muito brilho mercê da sua notável dedicação e animada força de vontade.

Os serviços de turismo, e não só estes como a divulgação de melhoramentos realizados e dos variados serviços municipais, devem-lhe também a mais valiosa e eficiente colaboração que já foi posta em destaque em reunião publica desta Camara».

VIDA MUSICAL

Curso Especial de Viola

Está aberta, na secretaria do Conservatório Nacional, a inscrição para a frequência no Curso Especial de Viola (Guitarra Hispanica), regido pelo subdito espanhol professor Emílio Pujol, cujo curso tem início na próxima segunda-feira.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de litografia e pedra gravada

Na galeria do «Diário de Notícias», abre depois de amanhã, ás 18 horas, e ficará patente até dia 19, uma exposição de água-forte, litografia e pedra gravada de Bartolomeu Cid.

Primeiras exibições

«Senda de Gigantes», no Condes

O movimentado *western* «Senda de Gigantes» levou ontem ao Condes uma assistência entusiástica, que habitualmente acorre ás estreias de filmes deste género. Apesar de conhecedora e exigente, a assistência saiu bem impressionada (o que nem sempre acontece). E' que, na verdade, «Senda de Gigantes» possui as virtudes dos bons *westerns* e consegue, até, dar-nos o tradicional ambiente do Oeste de forma original. A fuga de dois pistoleiros famosos mantém os espectadores em constante expectativa, não só devido ao ritmo da acção, como também á qualidade da interpretação, a cargo de Jeff Chandler, Fess Parker, Nicole Maurey e outros. O filme é em «vistavision» e «tecnicolor».

Complementos agradáveis. — *Vi, sor 100.*

Coliseu

O circo em Lisboa! Os dois últimos dias de uma carreira triunfal! Hoje, às 21 e 30. Amanhã em despedida às 16 e 21.30 horas, último dia

Lisboa vai despedir-se de uma das mais sensacionais Companhias de Circo dos ultimos anos! Hoje, ás 21 e 30, a multidão aplaude no Coliseu os gigantes de um cartaz incomparável. A euforia dos palhaços! A coragem dos malabaristas! O ritmo dos saltadores marroquinos! O espectáculo das gerações na casa mais popular!

Sexta-feira, 13, ás 21 e 30, a estreia do ano, a 1.ª grande Companhia de Circo de 1961! Um acontecimento!

LIZ TAYLOR pede a revistas 220 mil contos de indemnizações

NOVA YORK, 7. — Elizabeth Taylor e Eddie Fisher apresentaram uma acção, no Supremo Tribunal, do Estado de Nova York, pedindo uma indemnização de 500 000 dólares, cerca de 14 mil contos, por prejuizos contra uma revista cinematográfica.

A acção, apresentada ontem, alega que o casal de artistas foi difamado no numero de Outubro de 1960 da «T. V. Film Stars Magazine».

Em Novembro ultimo, o casal apresentou uma acção de difamação, pedindo uma indemnização de 7 250 000 dólares (cerca de 206 mil contos), contra oito outras revistas do género, acusando-as, também, de lhe provocarem prejuizos devido a cabeçalhos «enganadores», sem qualquer relação com os respectivos artigos.—(R.).

HOJE

MAXIME

BAILE DE MASCARAS

COM A ATRACÇÃO EXTRAORDINÁRIA

EVANGELINA ELIZONDO

A

MARYLYN MONROE DA AMÉRICA LATINA

MAIORES DE 21 ANOS

TEL. 35366-7

Para M/ 21 anos

Bico Dourado

BICO DOURADO

HOJE

Primeiro Baile de Máscaras

NO

MARIA VITÓRIA

HOJE

EM 2 SESSÕES
às 20.30 e 22.45

AD. M/ DE 17 ANOS

SALVADOR

SALVADOR APRESENTA

XIOMARA ALFARO
ANTÓNIO SILVA
e **COSTINHA**
EM

CHA'-CHA'-CHA'

A SUA
MELHOR E MAIS
ALEGRE REVISTA POPULAR!

AMANHÃ, DOMINGO, ás 16 horas
ESPECTÁCULO À TARDE!

XIOMARA ALFARO

COM
MARIA DOMINGAS
BARROSO LOPES
ANITA GUERREIRO
LUÍSA DURÃO
COM A COLABORAÇÃO
DE
LEÓNIA MENDES
a fantasista italiana
RITA TRUZI
e o
«CONJUNTO SEM NOME»

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE, AS 21 e 45 (17 anos)
A PEÇA DE ARTHUR MILLER
DO ALTO DA PONTE
com AMÉLIA REY COLAÇO,
MARIANA REY MONTEIRO,
RAUL DE CARVALHO

EM BORBA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência do SR. MANUEL GONÇALVES MACHADO.

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 21 ANOS)

SEMPRE ENCHENTES COM A GRANDE PARADA DE ATRACÇÕES

LOS CARAQUEÑOS

NUMEROS BISADOS COM ENTUSIASMO

TRIO ALLAMBRA

BAILE POR MARIO LOPES E SUA ORQUESTRA com ARLINDO DE SOUSA

Em vibrante êxito:
TRIO GUTIERREZ

MUITO EM BREVE: ESTREIA DO CÉLEBRE «BALLET» SEVILHANO

"LAS PICONERAS"

10 «GIRLS» DE RARA BELEZA ESCULTURAL

A NOTAVEL PARELHA
ANTONITA RAMOS y TONY ROSAS
EM CANTO E BAILE ESPANHOL

NO SALÃO TÍPICO:
CEIAS — FADOS GUITARRADAS

Teatro MONUMENTAL

TELEFONE 55133

(ADULTOS M/17 ANOS)

2 SESSÕES
ÀS 20.30 E 23 H.

O MAIS DISCUTIDO ESPECTÁCULO EM OUTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO
e agora em JANEIRO de **1961**

LAURA ALVES NA SUPERPRODUÇÃO MUSICAL DE **VASCO MORGADO**

BOA NOITE, **BETINA!**

2 HORAS A RIR!
e ouvir A TRIUNFAL MUSICA MODERNA DE ITÁLIA

AMANHÃ ÀS 16 H.
Esp. À TARDE

HOJE E AMANHÃ À TARDE ÀS 18,30 HORAS

Para maiores 4 anos

UM ESPECTÁCULO DE SONHO, COR E FANTASIA
A PEÇA DE *PEDRO BOM* PARA CRIANÇAS E ADULTOS

NOVA *história da* CAROCHINHA

Pelo elenco do **GERIFALTO**
dir. art.
ANTÓNIO M. COUTO VIANA
UM ÊXITO

Entrada gratuita ás crianças dos 4 aos 7 anos

PREÇOS: Plateia a 15$00; 2.º balcão a 10$00; 3.º balcão frente a 5$00

Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

A CASA dos VIVOS

HOJE, ÀS 21,45

NO **TRINDADE**

Da CRÍTICA PORTUGUESA:
«É do melhor teatro que já se fez em Lisboa».

Da CRÍTICA FRANCESA:
«A intensidade do espectáculo faz habitualmente desmaiar uma senhora».

Da CRÍTICA AMERICANA:
«Foi a primeira vez que saí de um teatro com um travo muito amargo na boca».

UMA PEÇA DE
GRAHAM GREENE

Desempenho:
MARIA CLARA, ALVARO BENAMOR, LIGIA TELES, ALMA FLORA, BRUNILDE JUDICE, LUIS TITO e MARIANA VILAR
(por ordem de entrada em cena)
Encenação: BRUNILDE JUDICE e ORLANDO VITORINO
Ensaios: BRUNILDE JUDICE

ESPECTÁCULOS SUBSIDIADOS PELO FUNDO DE TEATRO

(ADULTOS M/17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Um filme de amor Em Tecnicolor
A POUSADA DAS ILUSÕES
com **Debbie Reynolds** e **Tony Curtis**

EDEN — Telefone 20768
A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
O filme excepcional
A FURIA DO PODER
com **Richard Burton** e **Carolyn Jones**
Um conflito de paixões numa cegueira de instintos.

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.45
(M. 17 anos)
Um filme de amor Em Tecnicolor
A POUSADA DAS ILUSÕES
com **Debbie Reynolds** e **Tony Curtis**

ODEON — Telefone 26283
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)
A's 21.30
(M. 12 anos)
Um êxito espantoso de que toda a gente fala em Lisboa
JOSELITO na sua melhor criação em 4.ª SEMANA TRIUNFAL
A estupenda comédia em Eastmancolor
O PEQUENO CORONEL

CINEMA REAL — Telefone 24194
Hoje, ás 21 h.
(M. 17 anos)
VERA CRUZ
A GRANDE ILUSÃO

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas
(M. 17 anos)
METROPOLITANO NO ESPAÇO
O AMOR QUE A MULHER DESEJA

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Em cinemascope-Eastmancolor
UM ESTRANHO NA MINHA VIDA
Uma notável comédia dramática com um elenco monumental:
com **Kirk Douglas** e **Kim Novak**

POLITEAMA — Telefone 26305
A's 15.15, 18.15 e 21.30 horas
3.ª SEMANA
de um êxito sempre sensacional com a divertida comédia de **John Wayne**
A TERRA DAS MIL AVENTURAS
com **Capucine** e **Stewart Granger**
CINEMASCOPE **(M. 17 ANOS)**

CONDES — Telefone 22523
A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Em Vistavision e Technicolor
SENDA DE GIGANTES
com **Jeff Chandler** — **Fess Parker**

ROMA — Telefone 727778
15.30, 18.30 e 21.45
(M. 6 anos)
UM RAIO DE LUZ
com MARISOL
Grande prémio de interpretação no Festival Internacional

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15
(M. 17 anos)
A mais irresistível comédia da temporada em Eastmancolor
MANOBRA DE SAIAS
com Cary Grant e Tony Curtis

LIZ — Telefone 48560
A's 21 (M. 17 anos)
DO ALTO DO TERRAÇO
Em Cinemascope com Paul Newman

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
A's 18.15 e 21.30 horas
(Adultos)
3.ª SEMANA
da deliciosa comédia em Vistavision
COMEÇOU EM NÁPOLES
Inexcedível desempenho de
Sophia Loren, Clark Gable e **Vittorio de Sica**

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Gregory Peck, Ava Gardner, Fred Astaire, Anthony Perkins em
«A HORA FINAL»
O filme principal começa a ser exibido ás 15.30, 18.30 e 21.50.

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
11.ª SEMANA
Uma história dos tempos de Cristo
BEN-HUR
com **Charlton Heston** — **Jack Hawkins**
Após o início do filme, e durante os primeiros 7 minutos de projecção não é permitida a entrada na sala.

AVIS — Telefone 47163
A's 15.30, 18.15 e 21.45 (M. 12 anos)
EM 7.ª SEMANA
ÚLTIMO TANGO
A incomparável Sara **Montiel** num belo filme em eastmancolor

TERRASSE — Telefone 20917
21,00 (M. 17 anos)
MANOBRA DE SAIAS
PERIGO NA ESTRADA

CASINO ESTORIL
A's 21.30
(M. 17 anos)
SEM TALENTO PARA MATAR
com Glenn Ford

Boite de Nuit **N-I-N-A** Adult. M. de 21 anos

UM GRANDE ÊXITO

Ballet de Georges Appfel

Um grupo de esculturais bailarinas Francesas

LUSO

T. da Queimada — Tel. 362889
Direcção de **Modesto Maia**

FADOS e CANÇÕES por MARIA DA SAUDADE — ALICE MAGINA — Constança Nunes — MOISÉS CAMPELOS — Silva Pereira e o excêntrico JOÃO VIANA — Adelino Santos e Amadeu Rami AMANHÃ — **«Matinée» organizada pela distinta declamadora LUCÍLIA DE SOUSA** DIA 18 — **Vigésimo aniversário deste Salão** — FADOS e OUTRAS SURPRESAS—**Dias 20 e 27:** LETRAS NOVAS—FADOS NOVOS (Adultos)

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA

só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

— **Compadre, desta vez tenho que fechar o «negócio» a meu favor...**

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O Sporting e o Belenenses em viagem para defrontarem o Lusitano e o Guimarães

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão continua amanhã com a disputa dos jogos respeitantes á 14.ª jornada, 1.ª da segunda volta.

O conjunto dos desafios não parece (em teoria, claro) proporcionar aquela emotividade que caracterizou as ultimas rondas, não obstante as deslocações do Sporting, Belenenses e F. C. Porto constituirem motivo de naturais apreensões para os respectivos prosélitos.

A ordem dos jogos é a seguinte (indica-se, entre parêntesis, as pontuações respectivas:

Benfica (25)-Barreirense (3)
Lusitano (10)-Sporting (21)
Atlético (10)-Sp. Braga (8)
Guimarães (15)-Belenenses (17)
Leixões (10)-F. C. Porto (18)
C. U. F. (14)-Académica (13)
Salgueiros (8)-Sp. Covilhã (10)

*

O Benfica recebe em sua casa o Barreirense. Isto é, o primeiro contra o ultimo classificado. Conclusão? Franco favoritismo para os donos da casa que devem marcar elevado numero de golos, apesar de se contar com a entusiástica oposição dos barreirenses.

O Sporting, o Belenenses e o F. C. Porto — os imediatos perseguidores dos «encarnados» — terão de se acautelar.

Os «leões», que possuem capacidade para quebrar uma curiosa tradição, precisam de agir com o sentido prático que a natureza do prélio exige e a esperada réplica dos eborenses porventura justificará. O embate promete ser interessante.

Os «azuis», no campo da Amorosa, defrontam um adversário que no ambiente próprio não costuma ceder fácilmente. Será bastante complicada a tarefa dos lisboetas visto que o «onze» minhoto revela a suficiente capacidade para chamar a si o triunfo.

O F. C. Porto, em Matosinhos, experimentará decerto uma firme réplica, aliás, esperada. O Leixões, que aspira a uma melhoria de classificação, porá á prova a estrutura do «onze» das Antas. O jogo, tradicionalmente emotivo, está destinado a fornecer um espectáculo repleto de peripécias, pelo que o vaticínio se torna bastante arriscado de formular.

*

Os lisboetas, além do jogo da Luz, têm na Tapadinha o embate Atlético-Sporting de Braga. Os alcantarenses, com mais dois pontos que o seu antagonista, deparam com uma excelente oportunidade para subirem uns furos na tabela classificativa, não obstante os bracarenses formarem um grupo a que falta, porém, um melhor poder realizador. Por outro lado, o perfil técnico das duas equipas abre a perspectiva de um despique agradável.

*

Com duas derrotas nas duas ultimas jornadas, a C. U. F. recebe a Académica e isso representa desde logo, um problema para o grupo local, visto que os «estudantes», ultimamente, aperfeiçoaram o seu rendimento. Acredita-se, porém, nas possibilidades dos barreirenses não obstante se prever uma oposição cerrada por parte dos visitantes.

O Salgueiros recebe o Sporting da Covilhã. Trata-se de duas equipas que anseiam por pontos. O «onze» nortenho leva já quatro derrotas seguidas ao passo que os covilhanenses registaram no passado domingo, a 6.ª derrota consecutiva. Portanto, um jogo de prognóstico reservado, muito embora o favoritismo seja de conceder aos salgueiristas.

Equipas prováveis

ATLÉTICO—Bastos; Tomé e Fernando Ferreira; Brandão, Vítor Lopes e Orlando; Angeja, Vieira Dias, Pedro Silva, Carlos Gomes e Tito.

SP. BRAGA — Franklin; Daniel e Azevedo; Armando, Narciso e P. Vieira; Marciano; Carlos, Ceninho, Livinho e Teixeira.

Arbitro: Braga Barros.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Germano e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

BARREIRENSE — Isidoro; Etelvino e Pimenta; Lança, Faneca e Nogueira; Madeira, Correia, João Alves, Mascarenhas e Lito.

Arbitro: Lourenço Simões.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Narciso; Mitó, Falé e Piscas; Adelino, Quinito, Neca, Caraça e José Pedro.

SPORTING — Aníbal; Lino e Hilário; F. Pinto ou Mendes, Morato e Julio; Hugo, Fernando, Figueiredo, Diego ou Geo e Geo ou Seminário.

Arbitro: Manuel Lousada.

V. GUIMARAES — Silva; Caiçara e Daniel; Trenque ou Augusto Silva, Silveira e Virgílio; Bártolo ou Pedras, Ferreirinha, Edmur, Romeu e Azevedo.

BELENENSES — Nascimento; Rosendo e Carlos Silva; Vicente, Pires e Castro; Yauca, Carvalho, Tonho, Matateu e Estêvão.

Arbitro: Domingos da Mota.

C. U. F.—José Maria; José Luís e Abalroado; José Carlos, Palma e Oliveira; Alvaro, Faia, Medeiros, Salvador e Uria.

ACADÉMICA — Maló; Araujo e Mesquita; França, Wilson e Torres; J. Humberto Gonçalves, Miranda, Rocha e Almeida.

Arbitro: Manuel Fortunato.

LEIXÕES — Rosas; Pacheco e Raul 2.º; Silva, Raul 1.º e C. Alberto; Medeiros, Lopez, Jaburu, Osvaldo Silva e Abraão.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Paula; Ivan, Arcanjo e Dicão; Carlos Alberto, Hernani, Noé, Serafim e Morais.

Arbitro: Hermínio Soares.

SALGUEIROS—Moreira ou Pinho; Neca e Sampaio; M. Campos, Ribeiro e Luso; Raimundo, Chico, Ivson, Carlos Alberto e Benje.

SP. COVILHA — Rita; Valente e Walter; Perides, Couceiro e Lãzinha; Manteigueiro, Coreles, Suarez, Gabriel e Martinho.

Arbitro: Renato Santos.

O Benfica joga na Luz contra o Barreirense

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Oliveirense e Olhanense têm deslocações difíceis

O Campeonato Nacional da II Divisão tem amanhã a sua 15.ª jornada — 2.ª da segunda volta.

O programa da Zona Norte inclui os seguintes desafios:

Gil Vicente-Feirense (0-1)
Desp. Chaves-Oliveirense (2-8)
Peniche-Boavista (1-5)
Vianense-Castelo Branco (1-2)
Marinhense-Caldas (1-2)
Sanjoanense-U. Coimbra (2-0)
Torriense-Beira Mar (1-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta, pelos quais se verifica que nada menos de cinco visitados de amanhã esperam a oportunidade de desforra. São o Gil Vicente, o Desportivo de Chaves, o Peniche, o Vianense e o Marinhense. E não custa a acreditar que algumas destas equipas consigam o seu desejo, explorando bem a circunstancia de jogar em casa. Pelo menos, a perspectiva que domina em relação a esses cinco desafios é a de lutas equilibradas.

A Sanjoanense deve confirmar a vitória da 1.ª volta e o Torriense não será sem dificuldade que manterá a invencibilidade no seu campo.

A Oliveirense — guia da classificação — não pode encarar de animo leve a sua deslocação a Chaves.

*

Na Zona Sul. o programa apresenta-se assim:

S. L. Olivais-Estoril (1-1)
Oriental-Montijo (3-0)
V. Setubal-Olhanense (1-5)
Juventude-Sacavenense (0-1)
U. Montemor-Alhandra (2-3)
Portimonense-Lusitano (1-1)
Farense-Desp. Beja (3-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da primeira volta.

No conjunto, esta jornada é das de maior interesse, pois a maioria dos encontros tem bons atractivos. O encontro de Setubal tem a primazia, pois pode operar uma mudança de guia. Em boa verdade, não parece temerário dar o vaticínio aos visitados, ainda que as suas tarefas não se apresentem muito facilitadas.

PROVAS DA A. F. L.

Mais 33 desafios

Todas as competições que a A. F. L. tem em curso, presentemente, prosseguem amanhã, permitindo uma vasta actividade, que oferece os seguintes 33 encontros.

Campeonato de Reservas—Alhandra-S. L. Olivais, em Alhandra, ás 10 horas.

Campeonato Distrital da 1.ª Divisão — Vilafranquense-Sintrense, Alverca-Arroios, Desp. Olivais-Casa Pia, Vialonga-Futebol Benfica e Ericeirense-Vitória — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, em reservas e honra, respectivamente, ás 13 e ás 15 horas. Os dois primeiros só em categorias de honra, por faltas de comparência do Sintrense e do Arroios.

Campeonato Distrital da 2.ª Divisão — Operário-Louras (na Picheleira), E. Amadora-S. L. Fanhões, Santa Iria-Linda-a-Velha, Odivelas--Charneca e U. Povoense-Palmense — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 15 e 30 horas. O ultimo encontro realiza-se, também, em reservas, ás 13 e 30 horas.

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — Operário-Loures (na Pichese (em Algés); Cascalheira-Império (em Palma); Queluz-Carcavelos (em S. Pedro de Sintra); Oeiras--1.º de Dezembro (em Carcavelos); Lourel-Cacém (no Lourel) e Belas--Porto Salvo (em Belas). *Série B* — Caneças-Camarate, Malveira-Tojal, Povoense A. C.-P. Frielas, Pinheiro de Loures-Castanheira, Zambujalense-Bucelenses — todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 15 e 30 horas.

Distrital de Juniores da 1.ª Divisão — 2.ª fase — Série A — Palmense-Benfica, ás 11 horas; Sacavenense-Torriense, ás 10 e 30 horas. *Série B* — Charneca-Sporting, ás 10 e 30 horas; Belenenses-E. Amadora, ás 10 e 45 horas. Todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Distrital de Juniores da 2.ª Divisão — Série C — S. Vicente da Beira-Mirantense, no Estádio Nacional, ás 10 horas; Santa Catarina-Tarujense, na Tapadinha, ás 10 e 30 h.; Vitória-Cascalheira, na Picheleira, ás 11 horas.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Campeonato Regional de Principiantes de Corta--Mato (5000 metros) nos terrenos anexos ao campo de treinos do Estádio Nacional, ás 10 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão: Rio Seco--C. Quebradense (1.as e 2.as cat.) e Moscavide- Ateneu (1.as e 2.as cat.), ás 10 e ás 11 horas nos campos dos primeiros. Campeonato Regional da 3.ª Divisão: Educ. Física-Alvalade (1.as, ás 11 horas), Lisgás-C. I. F. (2.as e 1.as, ás 10 e ás 11 horas, em Campo de Ourique), Boa Hora-Santa Catarina (1.as, ás 11 horas) e Pedrouços-Campolide (2.as e 1.as, ás 10 e ás 11 horas), nos campos dos primeiros. Campeonato Regional de Juniores: Benfica B-Paço de Arcos (9 e 30), Sporting B-Educ. Física (10 horas), Campo de Ourique-Liberdade (9 horas), Atlético-Sporting A (9 e 30), Queluz-Casa Pia (11 horas), Algés B-Ateneu (9 e 30), Lisboa Ginásio-Tabacos (10 horas), Nacional A-Carnide (10 horas), e Universitário-Algés B (10 horas), nos campos dos primeiros. Campeonato Regional de Infantis: Benfica B-Paço de Arcos (10 e 30), Sporting B-Educ. Física (11 horas), Atlético--Sporting A (10 e 30), Sacavenense--Combatentes (10 horas), Queluz-C. Quebradense (10 horas), Spt. Torres-Belenenses (10 horas), Alvalade--Nacional (10 horas) e Algés-Ateneu (10 e 30), nos campos dos primeiros

CICLISMO — Campeonato Distrital de Corta-Mato e Ciclopedestre (3.ª prova), nos terrenos anexos ao Restelo, ás 10 horas.

HANDEBOL DE ONZE — Campeonato Regional da Divisão de Honra: Almada-Sporting (2.as e 1.as, ás 9 e 30 e ás 11 horas), Cova da Piedade-Benfica (2.as e 1.as, ás 9 e 30 e 11 horas), Belenenses-Liberdade (1.as, ás 10 e 15) e Oriental-Alverca (1.as, ás 10 e 15), nos campos dos primeiros. Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Alhandra-Glória, no campo «Eng. Carlos Salema», ás 11 e 30. Campeonato Regional de Juniores: Benfica-Almada, Belenenses--C. F. Benfica e Oriental-C. D. U. L., nos campos dos primeiros, ás 9 h.

RAGUEBI — Campeonato Nacional: Académica-Direito, Belenenses--Agronomia e C. D. U. L.-Benfica, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, os dois primeiros ás 15 horas e o ultimo ás 11 horas.

TÉNIS DE MESA — Festival nas Caldas da Rainha (no Casino do Parque) a partir das 10 horas. Campeonato Regional de Infantis: C. Católico B-Benfica, C. Católico C-Monte Pedral, Sporting-Mirantense, Amoreiras-F. C. Lisboa, Arroios-C. Católico A e Ateneu-C. Católico D, nas mesas dos primeiros, ás 10 h.

TIRO A CHUMBO — Provas de pombos, no «stand» do Lumiar a partir das 11 horas.

O «NACIONAL» DE BASQUETEBOL

Num jogo de cambiantes a centelha sportinguista revelou-se mas o triunfo foi para o Benfica (57-56)

Prosseguiu, ontem, com um publico extraordinário de entusiasmo, que acorreu em massa ao Pavilhão dos Desportos, o Campeonato Nacional de Basquetebol da 1.ª Divisão, cuja primeira ronda ficará esta noite completa com a realização dos jogos Belenenses-Académica e Vasco da Gama-Porto, o primeiro marcado para o Estádio do Restelo e o segundo para Vila Meã.

Os «leões» perderam o encontro por um ponto obtido de lance livre, a 3 segundos do final e depois de uma falta assinalada extemporaneamente, mas que esteve na base do critério desigual aplicado pelos juízes em todo o decorrer da partida.

O empate era, na verdade, o prémio justo para o trabalho dos dois grupos. O Benfica com um primeiro tempo limpo, foi mais equipa. Empenhou-se no sentido ofensivo, que lhe é peculiar, e forçou de tal modo a defesa «leonina» que esta por vezes deu o flanco e teve dificuldades em suster a pressão dos adversários.

A luta de tabelas foi empolgante e a emoção teve nota alta em toda a partida, sobretudo, nos 5 minutos finais. Este choque final tremendo foi o ponto culminante da partida, uma das mais belas que vimos esta temporada e que serviu admirávelmente a modalidade.

A equipa «leonina» — afirme-se — possuída de uma vontade fora do vulgar, recuperou as suas faculdades, libertando-se de complexos que a vinham deformando.

A movimentação do marcador após a reviravolta imposta pelos «leões» (num período de jogo os sportinguistas obtiveram 20 pontos contra 10 dos «encarnados») foi de tal natureza emocionante que pairou nos espíritos a incerteza do resultado final. Como se disse nestas colunas, há dois dias, a superioridade do Benfica não era ainda sólida e o encontro de ontem deu-nos razão em todo o sentido da palavra.

No Sporting, um jogador foi excepcional no poder de manobra. Trata-se de Hilário, um jovem que alcançará brevemente o «estrelato». Depois Abílio Ascenso e Alberto Sousa fizeram cestos excelentes e por fim José Mário a revelar-se um jogador batalhador. Barreto, Patrício e Vicente, apesar de ligeira melhoria ainda não encontraram a sua grande forma.

No Benfica, a homogeneidade do conjunto (digamos que é neste ponto que residem os êxitos dos «encarnados») não nos permite separar nomes. Todavia, é de salientar a acção de Coelho, no primeiro tempo, com fintas e finalizações perfeitas, e de Julio Campos, como condutor da manobra envolvente. No segundo tempo José Alberto e Reis Pires na luta de tabelas foram extraordinários. Finalmente, os homens da meia-distancia, que continuam a ser as pedras bases do conjunto (Furtado, em grande plano e João Pires) puderam dar conclusão certa aos esquemas desenvolvidos.

BENFICA (29+28) — Reis Pires, 3; Julio, 7; Coelho, 10; Furtado, 14; J. Alberto, 13; João Pires, 10; Galhoz, Luís Santos e Jorge Silva.

SPORTING (25+31) — Barreto, 8; A. Sousa, 9; Abílio, 19; J. Mário, 8; Patrício; Hilário, 12; e Vicente.

Arbitros: Alberto Costa e A. Tavares.

No jogo complementar o Nacional venceu o Liberdade por 37-34 com 18-13 ao intervalo. Os vencedores obtivaram 18 cestos e 1 lance livre em 8 tentados. Os vencidos: 12 cestos e 10 lances livres em 29 tentados.

JOSÉ BATALHA

Um aspecto da famosa «Corrida de S. Silvestre», disputada em S. Paulo. Reconhecem-se, da esquerda para a direita: o alemão Hans Grodotzki; o português Manuel de Oliveira (9.º); o argentino Suarez (1.º); o espanhol José Mollins (6.º) e o italiano Luigi Conti

DE REGRESSO DO BRASIL

Chegou a Lisboa

o treinador Moniz Pereira

Manuel de Oliveira é esperado amanhã

O atleta do Sporting, Manuel de Oliveira, que tão brilhantemente ganhou uma prova de 5000 metros em S. Paulo, depois de se ter classificado em 9.º lugar na clássica «S. Silvestre» e que era aguardado ontem, á noite, no Aeroporto, só amanhã ao fim da tarde regressará a Lisboa.

Entretanto, o seu treinador Mário Moniz Pereira já se encontra em Lisboa, tendo regressado esta manhã, também por via aérea.

Interrogado no Aeroporto o conhecido técnico de atletismo foi pródigo nas referências elogiosas ao seu jovem pupilo, dizendo:

—O 9.º lugar alcançado na «S. Silvestre» considero-o muito bom para um atleta que só há pouco tempo se iniciou na modalidade. Quanto á vitória na prova de 5000 metros, três dias depois, foi verdadeiramente de apoteose para o corredor lusitano que fez vibrar intensamente os milhares de Brasileiros e Portugueses que estiveram presentes no estádio de Pacaembú.

A finalizar as suas declarações, informou-nos ainda o técnico «leonino» de que Manuel de Oliveira em reconhecimento do Alto valor demonstrado, está desde já convidado para a prova deste ano.

As mulheres inglesas acertam nos prognósticos

porque de uma maneira geral não ligam muita importância à reputação das grandes equipas

LONDRES, 7. — Neste fim de semana cerca de dez milhões de Ingleses despenderão o total de 2 500 000 libras — cerca de 200 000 contos — nos concursos de prognósticos do futebol, com mais uma comparticipação para o total de 100 milhões de libras que anualmente gastam, procurando acertar nos resultados dos encontros.

Para alguns deles, o sábado representará a alegria delirante enquanto, para outros, nada mais do que um franzir de testa e a determinação de prosseguir nos concursos até conseguirem o almejado prémio «taludo». Os concorrentes dos prognósticos compraram, esta semana, mais um sonho de riqueza e, se o sonho se não realizar, poderão adquirir outro, na próxima.

A grande atracção é, evidentemente, a obtenção de grandes prémios com o mínimo de investimento e o facto é que alguns dos prémios mais chorudos — 300 000 libras e mais — foram atribuidos a concorrentes que haviam gasto a módica importancia de cinco xelins — 20 escudos.

E afinal, perguntar-se-á, quais são as possibilidades de se alcançar um desses prémios?

São astronómicas as probabilidades contra os concorrentes. Na proporção de um bilião contra um, para um prémio de 200 000 libras. Por outras palavras, se se conseguisse ser imortal e se jogasse todas as semanas, durante toda a vida, decorreria meio milhão de anos antes de se conseguir ganhar um dos prémios grandes.

Há alguém que já comentou, a propósito, que as possibilidades de se ganhar um prémio de 5000 libras são as mesmas que ser-se atingido por um raio.

Mas existe alguém que se preocupe com isso? Ninguém. Enquanto houver alguém que «tenha de ganhar», é muito possível que seja algum de vós.

As várias modalidades

Muitos dos concursos de prognósticos realizados no estrangeiro baseiam-se nos que se efectuam na Inglaterra, mas nenhum deles consegue envolver tão avultadas verbas, não obstante os Italianos pagarem, também, prémios importantes.

Participar nos concursos de prognósticos britanicos é a própria simplicidade. Cada empresa — as maiores são a Littlewoods e a Vernons, ambas estabelecidas em Liverpool — apresentam diversas modalidades em cada boletim, a mais popular das quais é a «treble chance», na qual os concorrentes têm de seleccionar oito empates entre 54 jogos.

O custo da aposta varia de um «farthing» a dois «dinheiros» por coluna e, nas semanas em que apenas se registam oito empates nos 54 encontros, os felizes que acertaram na sua totalidade poderão receber algo parecido com 350 000 libras. Todavia o montante do prémio depende do numero de vencedores, uma vez que, quanto mais vencedores há, menor é o prémio a receber.

Outra modalidade, no mesmo boletim, são os «12 resultados». Os doze encontros constam de uma lista e os concorrentes têm de adivinhar o resultado de cada um deles. O algarismo «1» corresponde á vitória prevista de uma equipa visitada, o «2» á da visitante e um «x» representa um empate. Chega a ser surpreendente o numero de pessoas que consegue adivinhar o total dos resultados, motivo por que esta modalidade está a perder a popularidade, dada a grande diferença do valor dos prémios concedidos, em relação á «treble chance».

Há depois, a dos «4 fora», na qual os concorrentes têm de prever, dentro de uma lista que pode incluir 30 jogos, os encontros vencidos por quatro equipas que joguem fora. Por vezes, esta modalidade assegura a obtenção de prémios importantes, quando, por exemplo, uma equipa poderosa como o Walverhampton não consegue bater um «onze» modesto que não ganhava em casa há várias semanas.

Ainda dentro das diversas modalidades postas á disposição dos concorrentes, existe a dos «três empates» — uma «treble chance» em ponto reduzido — os «nove resultados» na qual há que adivinhar nove vitórias «em casa» — e os «seis simples» — versão reduzida da dos «12 resultados».

A maioria dos Ingleses, porém, só concorre a uma das modalidades, quase sempre na do «treble chance», mas há muitos que distribuem o dinheiro por várias, apostando, por exemplo, dois xelins nos «12 resultados», dois no «treble chance» e dois nos «quatro fora». Efectivamente, seis xelins por semana é práticamente a média que se regista.

Quase toda a gente concorre aos prognósticos, desde titulares empobrecidos a ricos negociantes da Bolsa, dos rapazes da escola aos pastores protestantes e dos artistas aos varredores das ruas. Há alguns que chegam a investir 20 a 30 libras por semana, mas outros, como as donas de casa, ou reformados idosos, não vão além do mínimo de um xelim. Fábricas e outras grandes empresas, com 200 empregados, por exemplo, chegam a apostar 100 a 200 libras, frequentemente, resultante da contribuição individual de alguns xelins.

Sobretudo, são os reformados, com a sua modesta participação de um xelim, que conseguem os grandes prémios, muito embora as donas de casa também consigam a «taluda», a miude.

Comentando o facto, Tom Grenfell, um dos dirigentes da «Vernons», afirma:

«As mulheres conseguem os prémios grandes porque não se preocupam, nem com a forma, nem com a reputação das grandes equipas.

«Em vez disso, preferem socorrer-se, para o preenchimento dos boletins, de datas de nascimentos, dos numeros dos autocarros de que se utilizam, de numeros de *sorte* e assim sucessivamente. Desta forma, quando surgem os tais resultados inesperados, as mulheres não são afectadas, enquanto os entendidos perdem redondamente».—(A. N. I.).

Cinco campeonatos

europeus e mundiais

estão ao alcance

dos pugilistas britânicos

LONDRES, 7. — O actual declínio no pugilismo internacional e europeu fornece á Grã-Bretanha a esperança de arrebatar, este ano, cinco títulos mundiais e cinco títulos europeus — segundo a Imprensa da especialidade.

Os candidatos britanicos a títulos mundiais, são: Pesados — Henry Cooper e Dick Richardson; Meios-pesados — Chic Calderwood; Médios — Terry Downes e Dick Tiger; Mínimos — Brian Curvis; Leves — Dave Charnley; Meios-leves — Terry Spinks e Floyd Robertson; Levíssimos — Freddie Gilroy; Pesos-mosca — John Caldwell.

As esperanças do pugilismo britanico concentram-se em Downes, Charnley, Calderwood, Caldwell e Gilroy, os mais susceptíveis de arrebatar títulos mundiais em 1961.

Downes tem já marcado um combate em Boston, no dia 14 de Janeiro, contra Paul Pender. Charney terá provávelmente em Londres, no mês de Maio, a sua oportunidade de uma desforra contra Joe Brown, de Nova Orleans. Brown foi batido aos pontos em Milão, no mês passado, por Giordani Campari.

Caldwell terá a oportunidade de ganhar o título mundial de mínimos quando defrontar o actual campeão — Pone Kingpetch.

Gilroy era considerado, meses atrás, como a maior esperança do pugilismo britanico para um título mundial — mas deixou-se bater pelo francês Alphonse Halimi.

Charnley, enquanto espera a sua oportunidade de disputar a Brown o título mundial, enfrentará aqui, em 17 de Janeiro, o francês Sauveur Benamou — que põe em jogo o seu título europeu — e mais tarde David Hughes, para apuramento do campeão inglês.

Curvis defrontará, provávelmente, o australiano George Barnes, para o título do Império Britanico.

A situação, quanto aos meios-pesados é, pelo menos, confusa. A Associação Nacional de Pugilismo (N. B. A.) que retirou o título a Archie Moore, quer que Harold Johnson combata contra Erich Scoeppner, da Alemanha. Calderwood, invicto, sente-se apto para enfrentar Moore e, portanto, é difícil prever o que pode acontecer.

Nas pesos-pesados, Cooper, tendo batido os «grandes», sente-se capaz de «colher os loiros» depois do terceiro combate Patterson-Johansson.

Entretanto, os «doentes» já podem celebrar a esperada defesa do título europeu de pesados por Dick Ricahrdson contra Hans Kalbfell, da Alemanha, e os encontros de Brian London contra Sonny Liston e de Joe Erskine contra o alemão Ulle Ritter, que se realiza em Leicester, no dia 24 de Janeiro. Caldwell disputará, ainda, o título europeu ao seu actual detentor, o finlandês Risto Lukkonen.

Para alguns dos pugilistas ingleses é provável que o ano de 1961 seja realmente propício — acentua-se nos meios desportivos. — (A. N. I.).

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

Campeonato de futebol

Continua amanhã o 19.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa) da F. N. A. T., estando marcados os seguintes encontros:

Em Alvalade — Diogo d'Ávila-Cinema Condes (II Divisão — Série A), F. C. Regina-C. Telefones (I Div.) e S. N. Panificação-I. N. Estatística (II-A), respectivamente, ás 9.11 e 13 h.

No Estadio Nacional (treinos) — Simca-Com. Carris (II-B) e Comp. Carris-S. C. Cervejas (I), ás 9 e 11 horas, respectivamente.

Na Picheleira (Telefones) — A. Grandela-Ar Líquido (II-A) e Fábrica Simões-Covina (II-B), respectivamente, ás 9 e 11 horas.

Em Belas — C. R. P. Carenque-I. G. Cadastral (II-A), ás 10 h.

Campeonato de basquetebol

No campo do Porto de Lisboa, a partir das 9 horas, prossegue o 19.º Campeonato de Basqutebol da I Divisão, com os seguintes encontros: Companhia Carris-S. P. Seguros, S. C. Guérin-Ferroviários do Barreiro e F. C. Regina-Robbialac.

EDER JOFRE

e o italiano Rollo

vão disputar o título de campeão mundial dos «levíssimos»

RIO DE JANEIRO, 7. — Anuncia-se que se realiza, em 24 de Fevereiro, em São Paulo, o combate entre o pugilista brasileiro Eder Jofre, campeão mundial dos «levíssimos» pela Liga Americana, e o campeão italiano Piero Roll. Será disputado o título mundial da Federação Internacional de Boxe, cuja sede é em Paris.

Entretanto, estão em curso negociações para que o combate seja transferido para Roma, o que proporcionaria a Eder Jofre uma bolsa muito superior. — (A. N. I.).

HOJE À NOITE

BADMINTON — Campeonato Regional da I Divisão: Banco de Angola-Benfica (Escola Nuno Gonçalves-2), Sporting-Oeiras (Liceu de Oeiras) e Direito-L. Ginásio (Escola Nuno Gonçalves-1), ás 21 horas Campeonato Regional da II Divisão: V. Beirão-Técnico (Técnico-1), Benfica-Oeiras (Escola Veiga Beirão ou Liceu de Oeiras), Banco de Angola-L. Ginásio (Liceu Gil Vicente) e Direito-Sporting (Técnico-2), ás 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da I Divisão: Belenenses-Académica e Vasco da Gama-Porto, nos campos dos primeiros, respectivamente ás 22.15 e 22 horas. Campeonato Regional da I Divisão: Sacavenense-Lisboa Ginásio (1.ª categorias, ás 21.30), Carnide-Atlético (3.ª, 1.ª e 2.ª categ. ás 21, 22 e 23 horas) e Sp. Torres-Queluz (1.ª catg. ás 22 horas), nos campos dos primeiros.

TÉNIS DE MESA — No Casino do Parque, nas Caldas da Rainha, torneio para disputa dos troféus «Clube Regatas Vasco da Gama», ás 21 horas.

VOLEIBOL — O Técnico joga, em Rabat, contra o Clube Náutico local, para a Taça dos Campeões Europeus.

JACK BRABHAM

foi o vencedor

do «Grande Prémio» da Nova Zelândia

AUCKLAND, 7. — Jack Brabham, tripulando um «Cooper», ganhou, hoje, em Ardmore, perto desta cidade, o «Grande Prémio» da Nova Zelandia.

O campeão percorreu os 240 quilómetros da prova á média de 140.14 quilómetros horários apesar do seu motor ter falhado nas últimas voltas do percurso.

Brabham disse ter perdido as esperanças de ganhar até que Stirling Moss, que conduzia um «Lotus Climax» desistiu na 30.ª volta, devido a uma avaria na transmissão.

Em 2.º lugar ficou o seu companheiro de equipa Mclaren, com 50 metros de atraso, e em 3.º Graham Hill, da Grã-Bretanha. — (R.).

40.º ANIVERSÁRIO

do Hóquei Clube de Portugal

Integrado nas comemorações do seu 40.º aniversário, o Hoquei Clube de Portugal, promove, no próximo dia 14, no Pavilhão dos Desportos, um festival durante o qual será posto em relevo o brilhante «palmarés» do nosso hóquei patinado no ano transacto. Do programa constarão outros numeros de interesse.

DOIS NADADORES PORTUGUESES

passam a representar um clube brasileiro

RIO DE JANEIRO, 7—Eduardo José de Sousa e Raul Cerqueira, duas das maiores promessas da natação portuguesa, passam a defender as cores do Fluminense, do Rio de Janeiro.

Nos círculos desportivos cariocas salienta-se as provas dos 400 e dos 1500 metros, vencidas por Eduardo José de Sousa, nos primeiros Jogos Luso-Brasileiros, disputados em Portugal, e a actuação de Raul Cerqueira nos ultimos Jogos Olímpicos de Roma. — (A. N. I.).

Corridas de galgos

da taça «Fundação»

No próximo dia 25, na herdade dos Fidalgos, perto de Santo Estevão, começarão as eliminatórias das corridas de galgos integradas na disputa da taça «Fundação», e para as quais estão instituidos oito prémios. No mesmo local realizam-se, no dia 29, as finais daquela competição.

GINÁSTICA

no Desportivo de Pedrouços

Na próxima semana, com aulas ás segundas e sextas-feiras, ás 18 e 18.50 horas, para menores e adultos, respectivamente, a ultima desdobrada para os dois sexos, começa a funcionar o curso de ginástica do Pedroços, dirigido pelo prof. Pedro Enes Ferreira.

Cursos nocturnos

de natação

no Algés e Dafundo

Continuam abertas as inscrições para os cursos nocturnos de natação no Sport Algés e Dafundo, que se realizam, ás 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, das 21.30 ás 23.30 horas.

Os lucros
líquidos em 1960
do Banco Pinto & Sotto Mayor
elevam-se a 16.500 contos

Estão publicados o relatório e contas, relativos ao exercício de 1960, do Banco Pinto & Sotto Mayor. E' o 36.' exercício deste grande banco.

O relatório é subscrito pelos administradores, drs. Carlos Barbosa, Fernão de Ornelas Gonçalves, Conde de Caria, Eduardo Furtado e Manuel J. de Barros Leite; e o parecer favorável do conselho fiscal é assinado pelos srs. drs. António M. Barjona de Bivar, J. A. de Abreu e J. L. de Calheiros e Meneses.

No conselho de administração há quatro componentes que ao exercício das funções foram chamados durante o ano de 1960 em substituição dos srs. Manuel Henriques Junior, que era o presidente, drs. Francisco de Sá Carneiro, F. de Castro Caldas e J. Lopes Ramos, que pediram a demissão no decorrer do ano. O cargo de administrador-delegado passou a ser exercido pelo dr. Fernão de Ornelas Gonçalves.

O relatório diz que, na gerência, se acentuou «a consolidação e desenvolvimento da instituição». Assinala ainda a entrada de duas novas dependências — a da R. D. Estefania, em Lisboa, e a de Cascais — e que estão a ser instaladas as agências de Guimarães, Leiria e Moscavide.

Diz depois que «em obediência a instruções da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros e dentro dum critério de uniformização subordinado á legislação que reorganizou o sistema do crédito e a estrutura bancária, modificámos o esquema habitual do nosso balanço. Da sua leitura resulta, como já acontecia, a verificação fácil e clara da situação da instituição que servimos. Por ele pode ser avaliada a liquidez do banco e a inteira subordinação da sua política de crédito aos sãos princípios que devem nortear um banco comercial».

Números esclarecedores

Num banco comercial os numeros falam mais do que as palavras. Por isso o relatório conclui com uma série de numeros que nos dizem qual a posição do banco: «Depois de feita a amortização integral das instalações das novas agências e ainda de outras despesas necessárias ao aperfeiçoamento dos serviços e estabelecidas as provisões convenientes, dentro dum critério de severa prudência, os resultados apurados totalizam esc. 16.543.528$00.

Dessa resultado a administração propõe 10 mil contos para fundo de reserva legal e 3 mil contos para dividendo incluindo o já distribuido por conta.

Com o numero agora proposto, os fundos de reserva elevar-se-ão a 75 mil contos.

A conta de lucros e perdas mostra receitas no total de 64.838.932$30, incluindo 54.606.209$12 de juros e comissões, 5.779.279$70 dos resultados em operações cambiais e sobre títulos, 3.251.469$52 dos rendimentos de títulos de crédito e 1.201.974$02 de outros rendimentos, receitas e lucros.

Nos encargos incluem-se juros e comissões a nosso cargo, 13.661.852$72; contribuições e impostos, 945.284$10; despesas com o pessoal, 24.800.789$65; despesas gerais, 3.839.790$21; encargos diversos, 196.844$95; provisões e amortizações, 4.850.842$63, num total de 48.295.404$26.

Tudo isto são factos e numeros que mostram a prosperidade do banco e que a próxima assembleia geral, a reunir em 28 de Janeiro ao meio-dia, apreciará.

INDÚSTRIA
dos lacticínios

O Governo, pelo Ministério da Economia, nomeou uma comissão para proceder ao estudo da reorganização da industria dos lacticínios no continente e arquipélago dos Açores.

Director do Serviço
de Repressão da Mendicidade

O sr. capitão António de Oliveira Cascais foi nomeado director do Serviço de Repressão da Mendicidade, recentemente criado por um diploma do Ministério do Interior.

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Os noivos junto do altar. Em segundo plano vê-se o Chefe do Estado e sua esposa

Casou-se em Sintra
com a única pára-quedista portuguesa
o filho mais velho
do ministro dos Estrangeiros
O Chefe do Estado e sua esposa assistiram à cerimónia

Na igreja de Santa Maria, de Sintra, considerada monumento nacional, efectuou-se hoje o casamento do dr. Leonardo Charles de Zaffiné Duarte Mathias com a sr.ª D. Isabel Manuel Teixeira Bandeira de Melo. O noivo tem 24 anos, natural da freguesia de Santa Isabel, de Lisboa, onde reside. E' filho e secretário do dr. Marcello Gonçalves Nunes Duarte Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros e de sua esposa sr.ª D. Fedora Charles Zaffiné Mathias, ele de Lisboa, ela do Cairo.

A noiva, de 25 anos, é natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, e filha do sr. Fernando Maria de Oliveira Bandeira de Melo e da sr.ª D. Maria Manuela Cortejon Teixeira Bandeira de Melo.

Foram testemunhas os srs. drs. Alberto Mariano Gorjão Franco Nogueira, ministro de 1.ª classe, e dr. José de Azeredo Perdigão, advogado.

Muito antes da hora marcada 12 e 30 horas para o começo da cerimónia nupcial, começaram a chegar ao templo os convidados: membros do Governo e do corpo diplomático, oficiais-generais do Exército e da Armada, funcionários superiores do Ministério dos Negócios Estrangeiros, titulares e muitas individualidades da nossa sociedade.

Na assistência muitas senhoras envergavam magníficos vestidos.

A noiva, unica pára-quedista portuguesa e que tem tomado parte em vários festivais nacionais e internacionais, vinha de lindo vestido branco. Seu pai levou-a até o altar. Já ali se encontrava o noivo.

Depois da chegada do sr. Presidente da Republica, acompanhado de sua esposa e filha, mons. Giovanni Panico, nuncio apostólico em Lisboa, dirigiu-se para o altar-mor, magnífico nos seus azulejos hispano-árabes e encimado por um crucifixo ladeado por altos castiçais dourados e ornamentado com dois grandes palmitos de flores brancas.

A bênção do Papa para os noivos e famílias

O sr. nuncio apostólico de mitra e báculo, deu começo á cerimónia nupcial. O rev.º Abílio Lourenço, prior da freguesia, leu os assentamentos. O nuncio procedeu então ás perguntas sacramentais. Depois entrega as alianças, dizendo em seguida ter a honra e o prazer de comunicar que o Santo Padre tinha enviado as suas bênçãos aos nubentes para o que enviara da cidade do Vaticano o telegrama que leu:

«Augusto Pontífice concede aos nubentes Isabel Rilvas e Leonardo Zaffiré Mathias a bênção apostólica implorada como penhor de preciosas graças ao novo lar e extensivas aos parentes e pessoas presentes á cerimónia.»—a) *Cardeal Tardini.*

Seguidamente mons. Giovanni Panico, celebrou missa «pro-sponso et sponsa», acolitado pelo rev.º cónego dr. Segismundo Rosa, secretário-geral da Acção Católica, e mons. Adriano Meile, secretário da Nunciatura.

A cerimnia foi acompanhada por um grupo da «Stela Vitae», que entoou a missa jucunda de Franco Vitalini, que executou em gregoriano e polifonia trechos Padestrina e Schubert.

Na linda capela-mor, do lado do Evangelho viam-se o sr. Presidente da Republica e sua esposa, em lugares especiais, as madrinhas da noiva, sua mãe sr.ª condessa de Rilvas e a sr.ª D. Ana Champalimond.

Do lado da Epístola os padrinhos e os pais do noivo.

Na altura própria o celebrante pronunciou uma prática alusiva ao acto.

A assistência à cerimónia

Entre a numerosa assistência destacavam-se os srs. ministros da Defesa Nacional e do Ultramar, subsecretários de Estado da Aeronáutica e das Obras Publicas, princesa D. Maria Teresa de Bragança Martorel, embaixador Luís Norton de Matos, generais Luís da Camara Pina e Gomes de Araujo, almirante Henrique Tenreiro, profs. Reynaldo dos Santos e Gonçalves Pereira; embaixadores da Alemanha, Turquia, Marrocos, Brasil, Estados Unidos da América, Bélgica, Suíça e Holanda; ministros da Grécia, da R. A. U. e do Paquistão, viscondes de Botelho, coronel Pinheiro Correia.

Terminada a cerimónia religiosa, os noivos dirigiram-se para a sacristia onde foi lido o assento que, depois de conferido perante todos, foi assinado pelos nubentes, testemunhas, oficiante e pároco.

Depois de muito felicitados, os noivos e convidados seguiram para Seteais, em cujo hotel foi servido um finíssimo lanche.

Atenção automobilistas:
o «contrôle» electrónico
assinala com precisão
os vossos excessos de velocidade

Senhores automobilistas, tenham cuidado! Na estrada e dentro da cidade, regulem a velocidade de forma a poupar a vossa integridade física, quiçá a vossa vida. E a dos outros! E' que há cada vez mais automóveis e se torna mais difícil circular nas estradas de Portugal e nas ruas das cidades. De dia para dia aumenta o contingente dos que passam da via publica para o catre do hospital ou para o cemitério.

Tem-se instado com os automobilistas. Uma vez e outra, mas nada. Há sempre os insofridos, aqueles que têm o pé pesado demais e não deixam descansar o acelerador.

Para esses os processos têm de ser outros. O «contrôle electrónico» instalado em certos pontos nevrálgicos da cidade, — precisamente nos pontos que alguns transformam em pistas, — começou a funcionar e a aplicar as respectivas sanções aos infractores.

Dentro da cidade não se pode andar a mais de 60 quilómetros. E' o limite das povoações. E vamos lá que não é muito pequeno.

O sistema a funcionar

A brigada da Polícia de Transito chega a um local. Esta manhã foi na Avenida Duarte Pacheco, naquela descida que não é das melhores, antes do viaduto da auto-estrada e depois do Liceu Francês. Coloca um dístico avisador da presença do «contrôle». Mais adiante estendem dois fios na estrada, paralelos, separados poucos metros.

O aparelho de «contrôle» é tirado da caixa e posto sobre ela, no passeio. Atrás do aparelho fica a bateria de 6 vóltios que serve de banco ao chefe da brigada. Ali perto fica o guarda autuador.

Os carros passam no sentido do Estoril e o aparelho calado; mas se qualquer deles vai a mais de 60 quilómetros, a campainha toca desenfreadamente. E' como que um dedo acusador apontado á viatura. O guarda autuador manda-o parar, pede a carta de condução e passa uma contra-fé ao motorista que amanhã irá a Santa Marta pagar a multa e receber a carta.

Das 8 e 30 ás 10 e 30 em que o sistema esteve instalado foram autuados nada menos de 12 automobilistas. Isto, a despeito da placa avisadora, e de a descida ser perigosa e de estar perto uma escola de muita frequência.

Hão-de concordar que é demais.

Certificando-se as matrículas dos infractores verificamos que se trata, em geral, de carros de matrícula recente e de automóveis de pouca estabilidade. Esta ultima verificação é de pasmar, mas é exacta.

Esta tarde o sistema de «contrôle é instalado na Av. Fontes Pereira de Melo, sentido ascendente, entre a Av. António Augusto de Aguiar e a Rua Tomás Ribeiro; e na Av. Infante D. Henrique, entre as estações do Sul e Sueste e de Santa Apolónia.

O cartaz anunciador da presença da brigada continuará a estar presente durante algum tempo; depois talvez venha a ser suprimido.

Uma brigada em acção

Os continuos da pres
o novo h

Os funcion
p
do fim d

Por despacho do m
terior, os funcionário
tivos, passam, a part
ter livre a tarde de
rante toda a seman
mais meia hora e, d
ciam das vantagens d
mana, longe da repar

E para termos uma
esta regalia foi aceite
nários, dirigimo-nos á
nicipal de Lisboa, o n
serviço administrativ
Através do secretário
cia da Camara, sr. V
gues, obtivemos a a
brigadeiro França B
nosso inquérito e so
bém, que o president
tinha já, em seu no
seus subordinados, di
legrama ao ministro
para agradecer áquel
Governo a promulga
cho que veio benefic
pecialmente os serviç

Depois, aproveitámo
tunidade para saber a
Vicente Rodrigues so
semana que a partir
usufruir. O secretário
cia mostrou-se natur
feito com a nova disp
horário de trabalho e
já há uns dez anos o
da Camara beneficiar
regime de excepção,
glesa. Ao querermos
planos para este pri
semana, disse-nos
que ia descansar.

Logo a seguir, fal
contínuos da presidê
tónio Joaquim e An
ves Soares, que tamb
tularam pelo novo ar
horas de serviço.
Gonçalves Soares, h
Camara, lembrou-nos
cípio se encontrava,
ma situação anomal
de nesse dia estarem
dos os serviços de E
cos e grande numer
particulares, sendo,
mento da Camara qu

Na secção de pess
primeiro a opinião d
sr. dr. São Brás, que
multiplas vantagens
mana, particularmen
nos disse do seu
pela nova disposição
pois, com a sr.ª D.
1.º oficial, que, com a
nos confessou que ia
este primeiro fim de
fazer compras. A s
D. Maria Helena M
Leal Correia, disse-n
mais vantajoso o no
funcionários admi
princípio, começou
dizer-nos o que faria
e domingo, mas dep
-nos que o ia aprov
passeio fora de Lisb

Terminámos este
na secção de contab
diente dos Serviços
do com o sr. Rodolfo
cial, antigo secretár
-coronel Salvação Ba
dos famosos hóquista
fo Serpa, ele também
tico, falou dos dive
que os funcionários
do ás intervenções
França Borges e sa
tagens, sobretudo
liar, que o horário
em vigor vem traze
trabalham nos serv
tivos. Particularmen

Jânio Quadros partiu
depois de ter prometido para amanhã
declarações aos jornalistas...

(Continuação da 1.ª página)

— Pois não... — e autografou, após o que cumprimentou amigávelmente aquele senhor.

Alguns minutos na igreja de S. Domingos antes de partir...

Até ao Largo de S. Domingos entrou nalguns estabelecimentos e observou várias montras, sem nada comprar. Em passada atlética, infringindo até as regras de circulação, dirigiu-se á igreja de S. Domingos, onde esteve cerca de 5 minutos, após os quais se embrenhou pelas ruas da Baixa, perdendo-se entre a multidão... Entretanto, saíram do Hotel Condestável também a mãe e a esposa do dr. Jânio Quadros. Um pormenor intrigante: as malas com artigos de imediato uso pessoal do estadista foram mandadas retirar dos seus aposentos. Outro factor que nos despertou a atenção: o invulgar movimento de funcionários do hotel que vinham á rua observar e logo se retiravam. Algo de muito estranho se passava.

Iria, de facto, o presidente eleito abandonar Lisboa?... Mesmo depois de ter prometido um encontro com a Imprensa amanhã, de manhã?... Não podiamos fàcilmente crer nessa fuga. Interrogados, os funcionários da recepção do hotel tentaram desmentir a partida do dr. Jânio Quadros. Mas, entretanto, já as malas tinham saído, pela porta de serviço, numa camioneta fechada da firma Vitorino Rodrigues, Ld.ª.

No CAFÉ JARDIM, em PONTE DE SOR, encontra-se à venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

Nem de bordo do barco Jânio Quadros quís aparecer...

O plano não deu, porém, completo resultado, se descontarmos a fuga á conferência de Imprensa. Os jornalistas puseram-se, excitadamente, de alerta e descobriram que da estação de Alcantara partia 10 minutos depois para o Brasil o navio misto «Durango», da Mala Real Inglesa, o qual tinha três passagens reservadas desde Londres.

Vertiginosamente, corremos para Alcantara. Eram 13 e 5. O «Durango» estava já a afastar-se do cais. Era certo, o dr. Jânio Quadros, sua esposa e sua mãe tinham embarcado, antecipando a sua viagem, desde há muito prevista para segunda-feira, a bordo do «Argentina Star»... Na estação permaneciam ainda o embaixador do Brasil, avisado ás 10 horas da partida súbita do futuro presidente, e sua esposa. Mais ninguém. O chefe do Estado eleito chegou ali de táxi e penetrou ràpidamente no barco, que largou logo. Nem a bordo o dr. Jânio Quadros conseguiu ser visto do cais. Nem um adeus. Nem um aceno...

«Motivos imperiosos levaram-no a partir imediatamente» disse o embaixador

O sr. dr. Negrão de Lima declarou aos jornalistas que «motivos imperiosos levaram o presidente eleito a partir imediatamente». O embaixador recebeu a incumbência de enviar agradecimentos aos jornais(...) e, sobre o embarque, as seguintes palavras:

— Este barco tem poucos passageiros. Vou mais á-vontade...

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

Os continuos da presidência da Câmara falam ao nosso redactor sobre o novo horário dos funcionários administrativos

Os funcionários administrativos passam a beneficiar do fim de semana livre

Por despacho do ministro do Interior, os funcionários administrativos, passam, a partir de hoje, a ter livre a tarde de sábado. Durante toda a semana, trabalham mais meia hora e, depois, beneficiam das vantagens dos fins de semana, longe da repartição.

E para termos uma ideia de como esta regalia foi aceite pelos funcionários, dirigimo-nos á Camara Municipal de Lisboa, o mais complexo serviço administrativo da capital. Através do secretário da presidência da Camara, sr. Vicente Rodrigues, obtivemos a autorização do brigadeiro França Borges para o nosso inquérito e soubemos, também, que o presidente da Camara tinha já, em seu nome e no dos seus subordinados, dirigido um telegrama ao ministro do Interior, para agradecer áquele membro do Governo a promulgação do despacho que veio beneficiar muito especialmente os serviços camarários.

Depois, aproveitámos logo a oportunidade para saber a opinião do sr. Vicente Rodrigues sobre os fins de semana que a partir de agora iam usufruir. O secretário da presidência mostrou-se naturalmente satisfeito com a nova disposição do seu horário de trabalho e lembrou que já há uns dez anos os funcionários da Camara beneficiaram, então em regime de excepção, da semana inglesa. Ao querermos saber dos seus planos para este primeiro fim de semana, disse-nos lacónicamente, que ia descansar.

Logo a seguir, falámos com os contínuos da presidência, srs. António Joaquim e António Gonçalves Soares, que também se congratularam pelo novo arranjo das suas horas de serviço. O sr. António Gonçalves Soares, há 37 anos na Camara, lembrou-nos que o Município se encontrava, ao sábado, numa situação anomala, em virtude de nesse dia estarem encerrados todos os serviços de Estado, os bancos e grande numero de empresas particulares, sendo, assim, o movimento da Camara quase nulo.

Na secção de pessoal, colhemos, primeiro a opinião do seu chefe, o sr. dr. São Brás, que se referiu ás multiplas vantagens do fim de semana, particularmente no Verão, e nos disse do seu contentamento pela nova disposição. Falamos, depois, com a sr.ª D. Laura Mendes, 1.º oficial, que, com a maior alegria, nos confessou que ia já aproveitar este primeiro fim de semana para fazer compras. A sua colega, sr.ª D. Maria Helena Macedo e Sousa Leal Correia, disse-nos achar muito mais vantajoso o novo horário dos funcionários administrativos. A princípio, começou por não saber dizer-nos o que faria neste sábado e domingo, mas depois confessou-nos que o ia aproveitar para um passeio fora de Lisboa.

Terminámos este breve inquérito na secção de contabilidade e expediente dos Serviços Centrais, falando com o sr. Rodolfo Serpa, 1.º oficial, antigo secretário do tenente-coronel Salvação Barreto, e irmão dos famosos hóquistas. O sr. Rodolfo Sèrpa, ele também de porte atlético, falou dos diversos benefícios que os funcionários estão já devendo ás intervenções do brigadeiro França Borges e salientou as vantagens, sobretudo no plano familiar, que o horário que hoje entra em vigor vem trazer a todos os que trabalham nos serviços administrativos. Particularmente para muitas das senhoras funcionárias estes fins de semana oferecem uma regalia de grande valor, pois poderão estar mais tempo junto dos seus filhos.

Neste breve convívio com os funcionários da Camara Municipal de Lisboa, ficou bem patente a satisfação de todos pelas vantagens que o novo horário lhes proporciona, pois a perca de meia hora todos os dias é bem compensada pelas quarenta e quatro horas livres de que passam a dispor todos os fins de semana.

O presidente do Município agradeceu a regalia ao ministro do Interior

As sr.ªs D. Laura Mendes e Maria Helena Macedo e Sousa Leal Correia, o dr. São Braz, e os srs. Vicente Rodrigues e Rodolfo Serpa disseram-nos do seu contentamento por passarem a ter o fim de semana livre.

Podia-se iluminar vinte vezes a estrada marginal Lisboa-Cascais com a potência das 200 mil lâmpadas das iluminações do Natal

Amanhã, á meia-noite, apagam-se as iluminações da quadra do Natal, que, este ano, se ampliaram á Rua da Palma, pela Avenida Almirante Reis até á Praça do Chile, da Avenida Guerra Junqueiro á Praça de Londres, á Avenida de Roma e á Avenida da Igreja; e, na parte ocidental da cidade, do Chiado ao Largo Rafael Bordalo Pinheiro e a parte da Calçada da Estrela, ao topo, junto do jardim.

A festiva e luminosa decoração, com as sugestões da jubilosa celebração, começou o ano passado, por iniciativa da Camara Municipal, em colaboração com a União de Grémios de Lojistas de Lisboa, efectivando-se por meio de comissões locais, constituidas por comerciantes. Este ano, o presidente do Município, sr. brigadeiro França Borges, e o vice-presidente, sr. Aníbal David, também presidente daquela União de Grémios, tomaram ainda maior interesse pela ornamentação da cidade e foi nomeada uma comissão presidida pelo vereador sr. Paulo Elisiário, que, trabalhando em íntima cooperação com a União de Lojistas e as respectivas comissões de ruas, realizaram o plano das ornamentações, as quais adquiriram maior pompa e, como dizemos, foram ampliadas a outras zonas da capital.

A Campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro, mercê do admirável espírito de compreensão da presidência da Camara e da sua valiosa colaboração, contribuiu, também, para o alargamento do ambiente festivo a todos os bairros com os seus conjuntos artísticos de fulgurantes sugestões.

Cremos que, de futuro, não só se repetirão as ornamentações, este ano assinaladas por um êxito marcante, mas serão alargadas, revestindo-se de aspectos de refinado gosto artístico, talvez com um novo sentido estético, menos afogueamento de luzes estridentes, em arranjos simples de coloridos harmoniosos, aproveitando-se os prodígios da luz e o efeito decorativo dos vegetais, verdes e vivos, em conjuntos impoentes e coruscantes, nos pontos convergentes das principais artérias. Ainda com a sugestão envolvente das alegorias e dos simbolismos do Natal, que melhor se quadram na nosas tradição adaptada ao surto moderno que transforma a cidade, criar-se-á o ambiente exultante, próprio da grande festa, ao gosto português, com menos apego ao regionalismo e uma perspectiva mais dilatada, de europeismo, ou antes de universalismo, á altura de uma cidade cosmopolita como Lisboa, hoje a par das famosas capitais e uma das encruzilhadas das grandes rotas do movimento de viajantes e do turismo mundial.

Aquilo que se fez, já em grandes proporções, com efeito pomposo, aliciando o regozijo popular, acentuando-se notas de bom gosto e requinte artístico em realizações do comércio moderno, merece o rasgado elogio e o reconhecimento da cidade aos seus edis, aos comerciantes e a todas as entidades e organismos que, num valioso e profícuo conjunto de esforços proporcionaram o admirável espectáculo da cidade vestida de cores luminosas para a grande festa do Natal.

A festa de luz e de cor também se exprime em números

Resultou o êxito das iluminações desse esforço conjunto da Camara, da União de Grémios de Lojistas de Lisboa, com a colaboração valiosíssima das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, da Companhia Carris, facultando as suas viaturas especiais, indispensáveis, com as do Município, para a montagem das ornamentações; dos Sapadores Bombeiros, da P. S. P. e dos elementos das comissões.

Foi uma tarefa constante, exaustiva, trabalhando 70 operários nas 24 horas consecutivas, por turnos, durante vinte dias, na montagem de todos os elementos ornamentais, sempre acompanhados, até de madrugada, não só pelos edis, como pelo presidente da comissão municipal e seus componentes, as comissões de ruas e, por parte da União de Grémios de Lojistas, pelos srs. dr. Pancada Fonseca, adjunto da direcção; Jorge Riche, chefe da secretaria, e Herculano Alves, funcionário. A tarefa complicou-se, por vezes, pelas alterações do tempo e, quando da ventania ciclonica, houve que refazer, em plena noite de inclemência invernosa, grande parte do trabalho inutilizado. Mas tantas dedicações e tão admiráveis esforços conjugados venceram todas as dificuldades e, na altura prevista, a cidade resplandecia para as alegres festas de Natal.

Custou o fulgurante espectáculo 2000 contos, em numeros redondos, montagem das ornamentações e iluminação, verba concedida pela Camara e pelos comerciantes, com uma comparticipação do S. N. I.

A ornamentação foi entregue aos armadores srs. Bernardo Barreira, de Guimarães, e Domingos Ferreira da Silva, de Cocujães (São João da Madeira), que trouxeram, de aluguer, os elementos decorativos. Além de cerca de 200 000 lampadas eléctricas, foram empregados 367 arcos (havendo ainda umas 200 árvores iluminadas), 8000 metros de cabos para espias de suporte, cerca de 30 000 metros de rede distribuidora de energia e 300 000 de fio nas várias derivações. Foram ainda montados pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade, 100 postos de alimentação, com os respectivos relés para acender e apagar automáticamente a vistosa e abundante iluminação, incluindo a dos presépios.

O milagre da luz

Para o efeito espectacular do luminoso e festivo conjunto, houve um elemento fundamental, a energia eléctrica fornecida por aquela empresa, que pôs ao serviço da cidade a sua modelar organização técnica, servida pela experiência e a boa vontade do seu pessoal especializado, sob a orientação superior do sr. eng.º Arlindo Maratá, coadjuvado pelo agente técnico de Engenharia, sr. Matos Santos, que foram, também, inexcedíveis no interesse e na colaboração prestada ao «Diário de Lisboa» para a eficiência e o belo efeito dos fulgurantes conjuntos artísticos que a campanha para um Natal em cada bairro espalhou pela cidade e, nos quais culminaram as grandes jornadas de afectiva solidariedade para com a população humilde e necessitada da capital.

Melhor se avaliará das proporções do vasto conjunto luminoso que encheu a cidade de alegria na quadra festiva, sabendo-se que a potência do numero de lampadas instaladas corresponde a iluminar vinte vezes a estrada marginal Lisboa-Cascais; que a energia consumida foi da ordem dos 350 000 quilovátios-hora; e que as 200 000 lampadas correspondem á uma potência total de 1800 quilovátios.

Só para se fazerem as ligações trabalharam 25 homens, durante

(Continua na 14.ª página)

ENTIDADES PATRONAIS

Obrigatoriedade de entrega, pelas entidades patronais, aos trabalhadores ao seu serviço, no acto do pagamento das remunerações, de talões contendo determinados elementos relativos a ordenados ou salários e aos descontos que sobre eles indicam

A partir de 1 de Janeiro de 1961, as empresas sujeitas a horário de trabalho são obrigadas (a) a entregar aos seus trabalhadores, no acto do pagamento do ordenado ou salário, talão (b) no qual figurem o nome completo do empregado ou assalariado, numero de inscrição na Caixa de Previdência respectiva, dias de trabalho a que corresponde a remuneração, diversificação das importancias relativas a trabalho normal e a horas suplementares ou a trabalho nos dias de descanso semanal ou de feriado, os descontos e montante líquido a receber.

(a) Se o não fizerem serão punidos com a multa de 100$00 a 300$00 em relação a cada falta e a cada trabalhador.

Os Recibos de salários e ordenados e livros para registos de horas extraordinárias

A' VENDA NAS PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

Rua da Madalena, 42
Rua Alexandre Herculano, 11-C
Av. de Roma, 10-E

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Em Portugal continental o vento era fraco de Oeste ou havia calma. O céu estava muito nublado e havia nevoeiro ou chuviscava em alguns locais a norte do rio Tejo, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado a sudoeste do Cabo de S. Vicente e de uma depressão centrada a sudoeste da Islandia.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE: Porto 12°; Coimbra, 10°; Lisboa, 11°; Faro e Portalegre, 8°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 12°,6; na água do mar, 12°,9.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13°,4; mínima, 6°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14°,8; mínima, 9°,2.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado, vento moderado de Sudoeste rondando para Noroeste a partir da tarde nas regiões a norte do rio Mondego e para Oeste a sul do mesmo rio. Períodos de chuva e chuviscos em especial nas regiões a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela.

E' preciso receita médica para comprar dihidroestreptomicina

Da Direcção-Geral de Saude recebemos o seguinte comunicado:

«A Imprensa diária aludiu ultimamente, com certo desenvolvimento, a possíveis perturbações causadas em determinados doentes pela dihidroestreptomicina.

Este medicamento, tal como a estreptomicina, só pode ser fornecido mediante receita médica; e a aplicação de ambos é da competência dos clínicos que os prescrevem. Sabe-se, porém, que as autoridades americanas recomendaram, em 27 de Setembro ultimo, que a dihidroestreptomicina deveria ser substituída pela estreptomicina e só em casos muito particulares se poderia utilizar o primeiro daqueles medicamentos, cujas associações com a penicilina foram proibidas. Entre nós, têm sido autorizados sem demora os preparadores nacionais a procederam á modificação dos seus produtos de acordo com esta mesma orientação.

A Direcção-Geral de Saude continuará a acompanhar o assunto e tomará as providências que possam ser aconselhadas por elementos concretos que cheguem ao seu conhecimento».

N. da R. — *Este comunicado vem esclarecer um problema levantado no «Diário de Lisboa» em 6 de Dezembro ultimo, dia em que publicámos um artigo sobre o assunto. Nele nos referiamos ás reacções provocadas pela dihidroestreptomicina, baseadas nas afirmações feitas pelo semanário «O Médico», que lançou o grito de alarme. A droga fora proibida nos Estados Unidos, por se ter demonstrado que provoca muitas vezes a surdez. Dos seus inconvenientes falámos então; e a Direcção-Geral de Saude vem agora esclarecer a opinião publica e, sobretudo, a classe médica: — Só o clínico pode receitar o remédio e é dele a responsabilidade, ~~que terá~~ de medir devidamente.*

Um par de castiçais do século XVIII

Formato de saia, muito raros foram executados por um dos melhores fabricantes da cidade do Porto, Domingos de Sousa Coelho. Estes exemplares foram adquiridos pela Ourivesaria Santa Filomena.

Concurso de cartazes e desdobráveis de turismo para o corrente ano

O Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, no intuito de continuar a fomentar a iniciativa de constantes renovações artísticas, leva mais uma vez a efeito, no corrente ano, os concursos de cartazes e desdobráveis de turismo, iniciados em 1958.

As bases, que nortearam a regulamentação dos concursos anteriores, transmitem a certeza de que o espírito que preside aos designios deste organismo acompanha as prementes necessidades de evolução da arte portuguesa. Assim, torna-se do conhecimento publico que essas bases são de novo aplicáveis aos concursos do corrente ano recordando-se, contudo, as normas em que se processam:

1.º — O Secretariado Nacional da Informação premiará, anualmente, os autores do melhor cartaz de turismo editado em todo o País e do melhor desdobrável turístico editado pelos órgãos locais de turismo. 2.º — O valor de cada um destes prémios é de Esc.: 5000$00. 3.º — O prémio do melhor cartaz será atribuído por um juri constituido por um representante dos órgãos locais de turismo, um representante do Grémio Nacional das Agências de Viagens e mais três pessoas de reconhecido mérito; o do melhor desdobrável, por um juri composto por um artista plástico, um técnico gráfico, um escritor ou jornalista, ambos de reconhecido mérito, um representante dos órgãos locais de turismo e outro do Grémio Nacional das Agências de Viagens.

Qualquer destes juris é presidido pelo secretário nacional da Informação ou por um seu delegado, ambos sem direito a voto. 4.º — Considerar-se-ão concorrentes a estes prémios todos os cartazes de turismo, editados em Portugal, e desdobráveis turísticos, divulgados pelos órgãos locais de turismo, de 30 de Abril de 1960 a igual data de 1961, de forma que a distribuição dos prémios se efectue no Dia da Raça, isto é, em 10 de Junho. 5.º — No concurso do melhor cartaz, ao órgão local de turismo premiado será também entregue o troféu S. N. I.; no do melhor desdobrável, ao órgão local de turismo caberá idêntico prémio. 6.º — No caso do desdobrável premiado ser da autoria de mais de uma pessoa, o prémio será repartido equitativamente pelos seus autores.

João Cândido Belo & C.ª L.ªa

VILA FRESCA DE AZEITÃO
PORTUGAL
Telef. 028029 — 028062 — 028078

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

Serviço publico de transporte de passageiros, na maior rede de camionagem do País.

228 viaturas percorrendo 25 000 quilómetros diários. Aluguer de autocarros para todo o País e estrangeiro

«BELOS» — AGENCIA DE VIAGENS E TURISMO

Av. 5 de Outubro, 52—Tel. 23291
SETUBAL — PORTUGAL

Excursões para todo o País e estrangeiro em autocarros de luxo.

Concessionários exclusivos de circuitos na ZONA TURÍSTICA DA ARRÁBIDA
«CIRCUITO TURÍSTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS»
«CIRCUITO TURÍSTICO DA SERRA DA ARRÁBIDA»
CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS, ITINERÁRIOS E CALENDÁRIOS DE VIAGENS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

DIVISÃO DA EXPLORAÇÃO — Serviço da Fiscalização das Receitas

SECÇÃO DE RECLAMAÇÕES

AVISO
LEILÃO

Em 16 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na **estação de Lisboa (Rossio)**, proceder-se-á, nos termos do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 11.º da Tarifa de Operações Acessórias, á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados

Avisam-se mais uma vez e agora por este meio, os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas—Secção de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 12, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Entre outras, encontram-se as remessas seguintes:

Transportadas ao abrigo da Tarifa 8/108, numeros: 71 028 de Lisboa (Rossio) para Granja, uma caixa com camisas; 4130, de Guimarães para Vila Real, uma caixa com novelos de fio de sapateiro; 479, de Fátima-Central para Arrifana, uma caixa com calçado; 633, de Ramalhal para Lisboa (Rossio), uma grade lata com óleo; 31 620, de Lisboa (Rossio) para Guimarães, uma caixa com medicamentos; 61 742, de Lisboa (Santa Apolónia) para Carregal do Sal, um pacote com livros; 61 743, de Lisboa (Santa Apolónia) para Carregal do Sal, um pacote com livros; 9879, de Livração para Lisboa (Santa Apolónia), um pacote com talheres; 27 203, de Portimão para Lisboa (Terreiro do Paço), uma caixa com camisas; 69 918, de Lisboa (Rossio) para Lagos, um pacote com malas de senhora; 64 330, de Lisboa (Santa Apolónia) para Entroncamento, um pacote com lixa; 57 468, de Lisboa (Rego) para Sintra, um pacote com latas com leite; 60 770, de Faro para Lisboa (Rossio), um pacote com calçado plástico.

Transportadas em grande velocidade, numeros: 61 895, de Faro para Guia, um pacote com insecticidas; 92 178, de Torres Novas para Lisboa (Santa Apolónia), um pacote com sacos plásticos; 37 096, de Alcantara-Terra para Celorico da Beira, uma bomba para auto; 4423, de Torredeita para Vilar Formoso, uma mala com roupa; 20 321, de Agueda para Mangualde, um atado seis paus de castanho; 14 402, de Lisboa (Gare Marítima) para Valença, duas malas com roupa; 23 019, de Lisboa (Santa Apolónia) para Viseu, oito volumes diferentes; 21 500, de Mangualde para Aveiro, uma mala e um saco com roupa; 8864, de Mercês para Lisboa (Rossio), uma mala com roupa; 4868, de Braço de Prata para Fátima, uma caixa com contadores.

Transportadas em pequena velocidade, numeros: 33 198, de Paraimo para Fundão, uma caixa com licores nacionais; 82 992, de Alcantara-Terra para Castelo Branco, dois sacos com cacau em grão; 2706, de Cortegaça-Central para Coimbra, uma grade sacos de papel; 93 104, de Sacavém para Cuba, um tambor com insecticidas; 90 965, de Lisboa (Rego) para Covilhã, um bidão com drogas; 32 059, de Espinho para Alcácer do Sal, uma grade com louça; 31 623, de Paraimo para Leiria, duas caixas com vinho; 52 515, de Mirandela para Lisboa (Santa Apolónia), três volumes diferentes; 2922, de Monte Gordo para Lisboa (Jardim), sete volumes diferentes; 37 715, de Porto (Campanhã) para Vila Moreira-Central, um bidão de ferro vazio; 76 817, de Porto (Alfandega) para Sacavém, dez volumes de mobília; 49 408, de Evora para Porto (Campanhã), um encapado maple; 4130, de Cabaças-Central para Viana do Castelo, duas malas com tecidos; 12 116, de Esmoriz-Central para Aveiro, um saco com fio; 20 162, de Oliveirinha para Espinho, duas grades com garrafas de vinho; 42 433, de Viseu-Central para Porto (S. Bento), dois atados camas de madeira; 97 541, de Coimbra para Figueira da Foz, dois pacotes com ferragens; 29 259, de Espinho para Moimenta da Beira-Central, dois fardos de fio de sisal; 13 594, de Esmoriz-Central para Mirandela, dois fardos de papel; 37 484, de Viseu para Ermesinde, um bidão de ferro vazio; 71 438, de Alferrarede para Porto (Campanhã), doze volumes de mobília; 49 474, de Mogofores para Régua, nove volumes de bebidas; 91 480, de S. Gemil para S. João da Madeira, dois volumes de drogas; 42 205, de Rio de Meão para Braga, dez grades com papel; 33 901, de Porto (Campanhã) para Brunheda, um fardo de tecidos.

A atitude do educador pela arte

por M. CALVET DE MAGALHÃES

As crianças não são homenzinhos, adultos em redução. Constituem uma humanidade á parte, sob todas as latitudes, e qualquer que seja a cor da pele ou a classe a que pertençam os pais. Um professor de desenho, como todos os professores dignos do nome, trata os seus alunos, não como adultos incompletos, mas como crianças, e respeita-as como tais. Evitará impor-lhes as ideias e os meios de expressão dos adultos, visto estas não poderem senão abafar a expressão espontanea do pequeno artista. Deve estar também preparado para se libertar, de boa vontade, dos encantos da ingenuidade.

Não deve tentar apressar ou modificar artificialmente o desenvolvimento infantil para satisfazer concepções de adultos, procurando criar artistas antes de criar homens. O professor deve ser bastante compreensivo para guiar os alunos quando o necessitem, sem nunca perder de vista que a criança deve progredir graças aos seus próprios esforços e á sua inspiração pessoal. O problema consiste em preservar a continuidade organica, de modo que a visão poética de uma idade se desvaneça imperceptivelmente na passagem para a visão poética da idade seguinte; de modo que o sentido do valor nunca perca a sua base instintiva para se tornar num código ético ou num cânon estético.

Torna-se necessário colocar a criança numa atmosfera de confiança, pois o bom ensino depende do estabelecimento duma relação de confiança mutua entre o professor e o aluno. Sem essa relação de amizade, a educação, como agora se compreende, é impossível. Mas como se transforma em acção esta amizade? O trabalho, tal como se considera, não é expressão livre, como em geral se entende, e que pode ser mera imitação inconsciente, mas uma actividade disciplinada, na qual os dons imaginativos próprios do professor desempenham um papel importante. O bom professor considerará sempre os seus alunos e os desenhos deles inteiramente a sério. Isto é muito importante, porque é o meio de induzir as crianças a procurarem o que melhor lhes convenha. Elas necessitam, especialmente, á medida que se aproximam da autoconsciência, da autoridade dum adulto para as convencer de que a sua arte tem mérito e prevenirem-se contra a aceitação da matéria em segunda mão que as rodeia de todos os lados. Esta seriedade atinge fácilmente o professor na medida em que ele verifica que o seu trabalho com os alunos pode, enfim, dar-lhe uma chave para a compreensão da arte no seu mais vasto sentido.

Deve-se oferecer aos alunos uma escolha reflectida do material que deverá servir-lhes para se exprimirem e criarem. Existe a possibilidade de aquilo que surge como actividade espontanea poder transformar-se sob orientação, numa capacidade especial ou perícia técnica, e, ainda, a possibilidade de que esta actividade ou habilidade se possa aplicar a um material particular. O conhecimento das várias técnicas artísticas deve aumentar-lhes o seu campo de actividade e estimular-lhes a faculdade criadora. Uma nova técnica é um novo meio de expressão ou, então, um meio de exprimir aquilo que ainda não se pôde dizer. Todas as técnicas devem ser empregadas sem esquecer que as qualidades técnicas não são qualidade senão quando auxiliam a expressão do sentimento ou a imitação expressiva da natureza. Adoptá-las — sem entusiasmo ou contra vontade, com constrangimento ou preguiça, não faz ao caso — sem tentar discernir as razões profundas e actuais que lhes deram origem e justificam o seu progresso, seria fazer obra inutil, senão nociva.

Evite-se desprezar qualquer esforço da criança, e criticá-lo sómente com muita simpatia, prudência e sensibilidade. Houve uma época em que nada se pedia de específico ao professor nem ao aluno. O mestre — quer um filósofo, quer um ourives — vivia e laborava com os seus discipulos e estes viviam com ele e aprendiam — quer o desco-brissem, quer não — o mistério da vida pessoal, viviam uma realidade espiritual. A' parte raras excepções, esta forma de educação desapareceu para sempre. Mas, no entanto, o mestre continua a representar o protótipo do professor. Pois este, se tem de agir conscientemente, deve actuar como se não o fizesse. O papel do professor é essencial e tanto mais importante quanto parece mais apagado.

Eis o que pode contribuir para limitar a actividade do professor. Quando durante as produções espontaneas se observa a atitude séria, calma e concentrada dos pequenos desenhadores, bem sabemos que esta actividade não é obra de «divertimento e acaso» mas expressão de uma necessidade profunda e humana, talvez essencial no crescimento harmonioso dessas crianças. Porque se há-de acolher tantas vezes com apreciações desdenhosas as produções de um ser que se procura? Quantos «artistas» terão sido afogados antes de nascerem?

Estimule-se e alimente-se a inspiração da criança no decurso do trabalho. Ao contemplar algum espécime de arte contemporanea, professores há que exclamam: — «Os meus alunos fariam também assim!» A esta afirmação peremptória impõe-se uma resposta evidente: — «Então, deixem-nos fazer». Mas estes professores, se não os hostilizam, desconfiam dos novos métodos de ensino e julgam que o fim é inculcar á criança uma soma de conhecimentos. Ora, reconhece-se hoje unanimemente que as crianças demonstram qualidades criadoras todas as vezes que as circunstancias o proporcionam. E' um facto: os desenhos e pinturas que as crianças executam na aula são verdadeiramente desenhos originais, e não imitações mais ou menos desajeitadas de um trabalho de adultos. Reconhece-se, com efeito, que a criança pode dar curso á fantasia e á imaginação, em vez de passar várias horas na semana a reproduzir bilhas, cones e cilindros, sob o olhar indiferente de um professor. Mas para levar a bom termo essa educação, é necessário resolver dois problemas importantes: primeiramente descobrir o modo de expressão melhor adaptado a cada criança e, a seguir, escolher um tema que sirva igualmente de ponto de partida para o estudo de outras matérias.

Não se louve a habilidade em detrimento do espírito criador e escolha-se adequadamente o elogio que desanima a imitação. O papel do professor é o de sugerir e incutir no aluno a fé em si próprio, favorecendo o que existe de genuino e pessoal no trabalho do aluno.

Feitas estas observações e realizadas as melhores condições materiais podem-se destrinçar praticamente, com a maior variedade e eficácia, as aptidões básicas de cada aluno, e ajudá-lo a desabrochar e fortalecer a personalidade, através da educação artística. Se estes conselhos são novamente lembrados é porque sem esses princípios as técnicas mais sedutoras arriscam-se a ser vãs, senão nocivas. Não esquecer que não é segundo pensem ou segundo falem que se julgam actualmente os homens, mas segundo os seus actos e o seu rendimento. O homem-razão teve de ceder o lugar ao homem-acção e, como era de esperar a pedagogia não escapou a esta forte corrente, e a escola activa ganhou dia a dia terreno. A escola activa, educadora, exige firmeza e habilidade, professores activos, dinamicos, persuasivos, atraentes, sugestionadores, verdadeiros guias, professores que nada pedem aos seus alunos — em qualquer domínio — que não saibam eles próprios realizar.

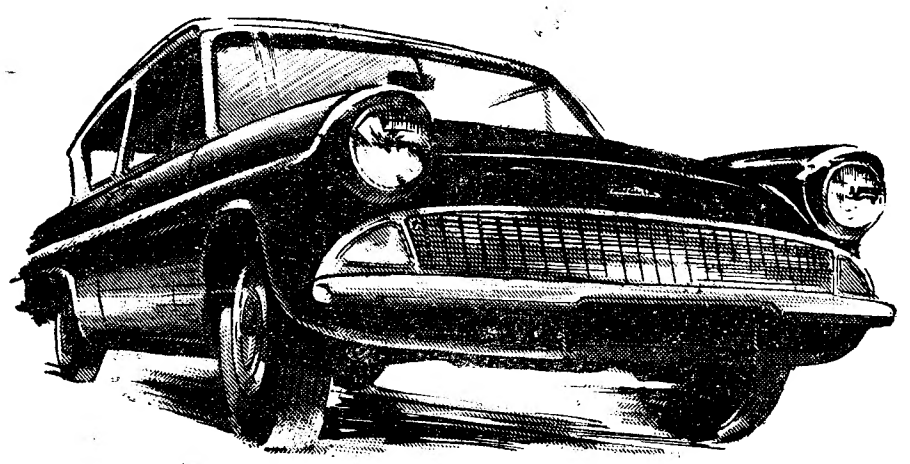
PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

FORD

Anglia O CARRO UTILITÁRIO POR EXCELÊNCIA

COMPLETAMENTE NOVO



J. MENDES COELHO, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 6-A — LISBOA — Tel. 46147

SEM ESCONDERIJO

por LORENZ HELLER

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Katie é acusada de matar Ron e o marido dela procura desvendar o mistério. Para isso avista-se com uma cantora que estava ligada ao assassinado. Depois procura um pianista que igualmente mantinha relações de amizade com Ron. Para melhor investigar faz-se passar por polícia e interroga várias pessoas. A Polícia descobre o facto e tenta contrariar-lhe os desejos, mas acaba por lhe dar ajuda.

FOLHETIM SEMANAL
do **Diario de Lisbôa**

30

CAPITULO VI

— Pois eu sinto o cheiro a trapo queimado.
— Talvez seja noutro sítio. Aqui, não é.
— O cheiro vem daqui.
— Está-me a chamar mentiroso, não? — perguntou, já irritado. — Eu não costumo mentir, caro senhor.

Agarrei o pela blusa.

— Vamos, confesse lá que o Kimball tem a mania de queimar trapos.

O homem desenvencilhou-se num repelão e, inclinando-se, apanhou do chão um martelo.

— Acho melhor o senhor voltar para casa. Zaragateiros, é coisa que não gostamos cá em casa. Vá-se embora.

Novo fracasso. Afastei-me. A verdade é que eu não sentira qualquer cheiro a trapo queimado. Só queria fazê-lo falar. Outro fracasso.

Dirigi-me á Judiciária mas não me deixaram falar com a minha mulher. Não deram explicações. Era a regra. As visitas eram só ás segundas e quintas. Evidentemente, eu podia apresentar-me com o meu advogado. O que se ocultava por trás da máscara inexpressiva do guarda? Ele ter-me-ia dito, mas eu nada perguntei. A verdade é que a Polícia já suspeitava de mim. Era isso.

Parei por momentos no passeio, a contemplar as janelas gradeadas, esperando que um milagre surgisse que me permitisse avistar o rosto querido de Katie, mas o tempo dos milagres já ia longe. Deambulei em torno do edifício até escurecer. Só então voltei para o carro.

Fazia vinte e oito dias que Katie fora presa e vinte e dois desde que fora formalmente acusada de assassínio. Já não podia contar com Muirhead para obstar ás medidas elaboradas pelo delegado publico para um rápido julgamento. Em vez de sair á procura de um novo advogado, passara o dia a piorar a já desesperada posição de Katie e a desacreditar-me. Fazia vinte e oito dias que eu mal dormia e mal comia. Era de estranhar que eu não me encontrasse em perfeito juizo?

Algumas horas depois de ter conduzido ás cegas, só Deus podia dizer por onde, encontrei-me

31

á porta de Mary Elizabeth, irracionalmente convencido de que só ela me poderia dar a resposta áquele dilema. Não estava em casa. Fiquei furioso. Ela dissera-me para a procurar depois do jantar. Agarrei a maçaneta da porta e esta abriu-se imediatamente. Ela deixara-a aberta para mim. Entrei, sentindo-me um pouco ridículo por ter feito tanto barulho. Bem á vista, sobre o tapete da sala de estar, havia um sobrescrito aberto com o nome de Earl Sadler, escrito a lápis. Continha uma nota que eu li sem hesitar:

«Caro Earl, Chuck chegou e é a razão por que saí. Como sabe, gosto muito dele. Creio que você me compreenderá. — *Mary Elizabeth.*

P. S. — Não voltaremos a casa antes das nove. Vou providenciar para que lhe sirvam um bom jantar».

A princípio, pensei que tivessem fugido, mas após ter lido três ou quatro vezes a mensagem, fez-se luz no meu espírito. Chuck Kimball estava apaixonado por aquela rapariga e, numa crise de emoção, irrompera pelo seu apartamento. Na esperança de o acalmar com comida — era Katie por uma pinta — ela levara-o a um restaurante.

Desci rápidamente as escadas, agora mais calmo e mais seguro. Eram apenas sete e meia e eu precisava de comer qualquer coisa, nem que fosse um chocolate batido com uma gema. Dois homens se abeiraram de mim e trocaram um olhar de eu-não-te-dizia? Flavin e Gilman.

— Todo o dia, tens andado a fazer das tuas, Harmon — disse Flavin. — E ontem á noite foste ao Hotel Globo, fizeste-te passar por um detective da F. B. I. ou pelo menos procuraste dar essa impressão. Creio que o mais seguro, será fechar-te a cadeado por uns tempos.

O quê? Impedirem-me de salvar a Katie? Por momentos pensei em fugir, mas tinha os pés grudados ao chão pelo panico. Pensei em Earl Sadler, o unico para quem poderia apelar. Esse fora cordial, assegurava-me que estava pronto a auxiliar-me e muitas vezes a gente de teatro goza de influentes amizades e relações. Além disso, ele conhecia Mary Elizabeth, Neil Bailey, Chuck Kimball e Ron.

32

Mostrei a Flavin o cartão de visita de Sadler e disse, piscando o olho:

— Quer vocês saibam ou não, a verdade é que este homem sabe como as coisas se passaram, e eu posso prová-lo. Venham comigo. Só preciso de meia hora.

— Mais um ardil do cavalheiro — resmungou Gilman.

Mas Flavin encolheu os ombros

— Eu sei, mas estou na disposição de lhe dar uma só possibilidade.

Os dois escoltaram-me para o carro da Polícia.

Sadler veio atender á porta, envolto num roupão. Pestanejei quando lhe vi um penso sobre a maçã do rosto. Fora eu o causador daquilo.

— Preciso do seu auxílio, Earl — disse eu. — Estes senhores são da Polícia.

Sadler soltou um suspiro.

— Entrem. Farei o que me pede senhor Harmon, se bem que o meu préstimo seja bem pequeno.

Escancarou a porta e nós seguimo-lo até á sala de estar. Havia fatos espalhados por todas as cadeiras, um lençol caído no chão junto á soleira da porta do quarto de cama.

Num gesto dolente, indicou-nos o sofá e puxou de uma cadeira de palhinha, depois de ter tirado de cima um montão de camisas para lavar. Estava constipadissimo da cabeça e só fazia era puxar por um lenço amarelado e humido para se assoar. Era evidente que o homem ansiava por se meter na cama.

— Posso ir um minuto á casa de banho, Flavin? — perguntei.

— Vai.

Gilman acompanhou-me á porta da casa de banho e pareceu satisfeito ao certificar-se de que nem mesmo um pigmeu teria sido capaz de fugir pela janelinha de ventilação. Fechei-me por dentro, abri a porta do armário e com a ajuda de uma navalha de barbear, cortei a tira inferior da carta de Mary Elizabeth. O P. S., agora, rezava assim: «Não voltaremos a casa», em vez de «antes das nove». Agora é que parecia uma mensagem de adeus. Eu tinha de fazer qualquer coisa

33

para despertar as atenções de Earl Sadler. Nas condições em que se encontrava, ele não me serviria para nada. Regressei á sala de estar.

— Oh, já quase me esquecia — exclamei. — Mary Elizabeth deixou um recado para o senhor... — e comecei a revistar os bolsos, como se não soubesse onde pusera o papel.

Quando lhe entreguei a missiva, o rosto de Sadler transformou-se numa máscara horrorizada.

— Que se passa? — perguntou Flavin.

— «Miss» O'Toole e Kimball fugiram — gaguejou Sadler. — Temos de os... deter. Prendam-nos!

— Porquê? Eles já são maiores, não?

— Não... Isto é, o casamento vai-lhe arruinar a carreira. Ela não pode...

— Kimball tem culpas no cartório? — sugeri rápidamente.

Olhou-me como se não me compreendesse, mas por fim, acenou a cabeça.

— Sim — murmurou. — Procurei-o várias vezes no quarto e sempre o encontrava a fumar «marijuana». E há coisa de uma semana, ele confessou-me que assassinara Ron Craig, tinha uns ciumes tremendos de Craig. Não acreditei naquela confissão, porque me disse a rir.

Os olhos cinzentos de Flavin endureceram-se como pedras.

— Você mente, Sadler!

Sadler espalmou as mãos, numa expressão desgostosa.

— Não o censuro, senhor detective. Eu mesmo não sei em que acreditar. E' demasiado incrível. Pelo menos, meia duzia de pessoas poderão confirmar-lhe que era um ciumento de alto grau, mas não posso acreditar que tenha assassinado Craig. E' um rapaz dado a violências, mas daí a matar... Não, é impossível.

— Então, por que nos fala disso?

— Porque quero proteger Mary Elizabeth — respondi.

— Cala-te! Deixa que seja ele a dizê-lo. Continua a falar, Sadler.

— Mas é verdade que quero proteger essa rapariga. Suponham que Kimball fosse na verdade o assasino de Craig? A vida dela correria

34

perigo, não é verdade? E' um fumador inveterado de «marijuana». E pelo que tenho ouvido dizer, é gente irresponsável. Suponham que ela o irrita. Suponham...

— E suponhamos que você começa a falar direito, Sadler!

— Querem que eu o acuse formalmente? Não posso fazer isso. Nem quero. Eu não sei... Esperem! Uma coisa me disse ele, que eu não me recordo de ter lido nos jornais. Disse-me que tinha deixado um cigarro de «marijuana» sobre o tapete, ao lado da mão da senhora Harmon. Se realmente, esse cigarro foi lá encontrado, só podia haver uma maneira de ele o saber. O cigarro estava?

— Sim.

Sadler cobriu o rosto com as mãos e soltou um gemido. Flavin soltou uma praga, levantou-se do sofá e olhou em volta á procura do telefone.

Estendi o braço para o deter.

— Não se deu fuga nenhuma, como isto provará — disse eu, entregando-lhe a tira de papel que eu cortara da missiva de Mary Elizabeth. — E aqui está outra coisa: uma bala de calibre 45 com a qual Neil Beiley quase morreu. A arma foi alguma vez encontrada?

Flavin agarrou a bala e sopesou-a na palma da mão.

— Um carro de patrulha encontrou o Bailey a cambalear numa rua, segurando uma almofada contra a cabeça. Não se encontrou a arma. — Olhou-me atentamente. — E daí?

— Vejam se esta bala condiz com a bala que matou Ron Craig. São ambas de calibre .45. Reparem que o senhor Sadler parece sofrer de uma forte constipação na cabeça. Ou talvez seja um ataque de sinusite. E' coisa que se pode determinar.. Ron recebeu duas pilulas dormideiras das mãos de um homem que sofria de sinusite. Estou apenas a somar as coincidências. Vão-nas contando. Bailey apaixonado por «miss» O'Toole: foi alvejado. Ron Craig ia casar-se com ela; foi morto a tiro. Kimball «fugiu» com ela; foi acusado de assassínio. E perguntem ao porteiro do

35

prédio onde Kimball vive se alguma vez notou o cheiro a trapo queimado. O senhor Sadler diz que sim e o porteiro diz que não. Mas acontece que o senhor Sadler é de opinião que «miss» O'Toole será um êxito clamoroso de bilheteira, o que lhe trará uma grossa fatia de bolo. Três homens ameaçaram roubar-lhe essa fatia. Dois foram postos fora do combate — Bailey e Craig — e o terceiro, Kimball, foi acusado de homicídio. Será que o senhor Sadler procura ainda defender a sua fatia? «Miss» O'Toole é a sua última esperança. Pensem bem nisso.

Sadler ergueu um olhar mortiço de Flavin para Gilman.

— E o senhor Harmon parece metido num beco sem saída — disse ele. — Pensem bem nisso, meus senhores. A mulher está presa por crime de morte. Calculem qual não seria o prazer deste homem se pudesse desviar a acusação para cima da minha cabeça. Ou sobre a cabeça de outrém, fosse de quem fosse. Todos menos a mulher.

— Precisamente — disse eu. — Mas já notaram numa particularidade deste apartamento? As janelas estão escancaradas, mas a porta do quarto de cama do senhor Sadler está fechada e há mesmo um lençol a vedar a frincha da porta. Perguntou a mim próprio a razão disto...

Avancei de repente e escancarei a porta. Num cinzeiro, uma ponta de cigarro ardia ainda e o ar estava carregado com o cheiro a trapo queimado. Sadler soltou uma exclamação enrouquecida.

Voltei-me e saí do apartamento. Havia algo de horrível no espectáculo daquele homenzarrão agitando furiosamente as mãos no ar carregado de fumo, enquanto Flavin e Gilman avançavam lentamente sobre ele, cada um do seu lado.

Só pretendia ir á Judiciária e aguardar que Katie saísse, percorrendo o corredor, com o seu lindo cabelo castanho a brilhar de cada vez que passasse por baixo de uma lampada fluorescente do tecto, para então a abraçar e a levar para casa...

FIM

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

ASSEMBLEIA GERAL

É convocada a Assembleia Geral Ordinária deste Banco para reunir na sua Sede, na Rua do Ouro n.º 30, em Lisboa, no próximo dia 28 de Janeiro corrente, pelas 12 horas, a fim de:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos à gerência finda em 31 de Dezembro de 1960.

2.º — Eleger a Mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1961.

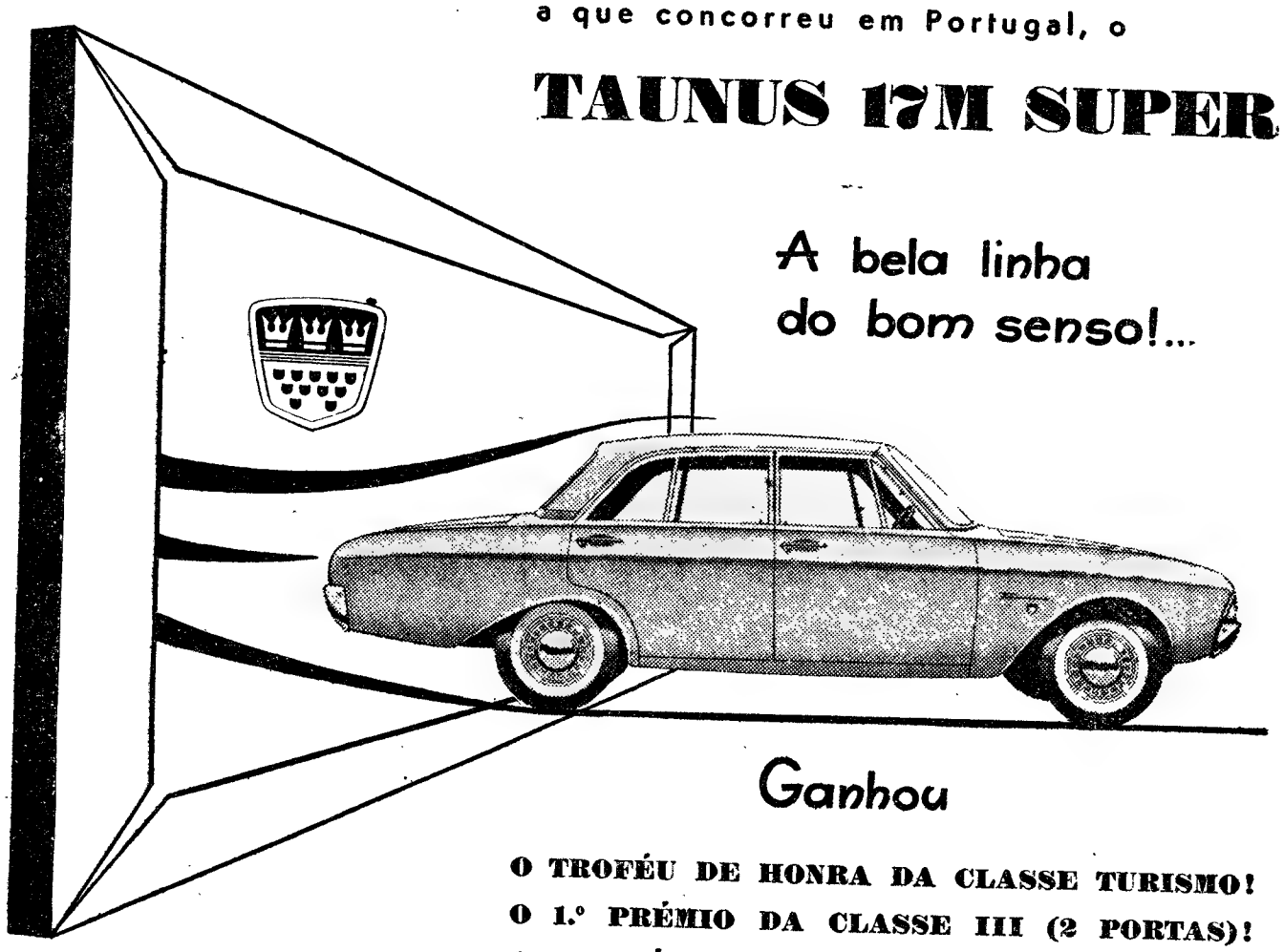
O Presidente da Assembleia Geral,
Afonso Rodrigues Queiró

CONCURSO DE ELEGÂNCIA E CONFORTO

REALIZADO EM 31-12-1960, NA FIGUEIRA DA FOZ

No 1.º Concurso de Elegância e Conforto
a que concorreu em Portugal, o

TAUNUS 17M SUPER



Ganhou

O TROFÉU DE HONRA DA CLASSE TURISMO!
O 1.º PRÉMIO DA CLASSE III (2 PORTAS)!
O 1.º PRÉMIO DA CLASSE VIII (4 PORTAS)!

EM EXPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

LINCURI, LIMITADA
AV. DA REPÚBLICA, 32-A
AV. MIGUEL BOMBARDA, 6 • TEL. 77 70 91/2/3

LISBOA

STAND MODERNO
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A • TEL. 49669
RUA JOÃO SARAIVA, 15 • TEL. 711066

O PAGAMENTO
DE PROPINAS
da Universidade de Lisboa

O pagamento da segunda prestação de propinas de inscrição e de indemnização por trabalhos práticos, relativos ao ano lectivo de 1960-1961, efectua-se nos dias a seguir indicados, do corrente mês de Janeiro: Escola de Farmácia, dias 12 e 13; Faculdade de Direito, dias 17, 18, 19 e 20; Faculdade de Medicina, dias 17, 18, 19 e 20; Faculdade de Letras, dias 24, 25, 26 e 27; Faculdade de Ciências, dias 24, 25, 26 e 27.

PORTUGAL
contra os parasitas
da azeitona

TEL AVIVE, 7. — Num congresso internacional sobre os parasitas da azeitona, que se realizou recentemente aqui, e no qual Portugal participou, foi apresentada uma tese acerca do ataque a esses parasitas por raios radioactivos. Além de Portugal, participaram também a Grécia, a Itália, a Turquia, a França, Chipre e Israel.

O representante da F. A. O., C. Longothetis, da Grécia, declarou que o êxito do congresso resulta dos participantes terem experiência do problema, não estando limitados á teoria, e ainda a que a investigação abrangeu desde meios químicos e biológicos até aos raios radioactivos.

A próxima reunião deste congresso deve realizar-se em 1962, provavelmente em Portugal.—(A. N. I.).

ARMSTRONG
vai adoptar
dois pequenos negros

PARIS, 7 — Louis Armstrong vai voltar a Africa, na próxima semana, para actuar em nove países e adoptar duas crianças africanas. — (A. N. I.).

TAUROMAQUIA
Almoço de confraternização

Por iniciativa dos porteiros e arrumadores da Praça de Toiros do Campo Pequeno, efectua-se amanhã, na Adega Mesquita, um almoço de confraternização do pessoal da Sociedade Campo Pequeno, Ld.ª, arrendatária da Praça do Campo Pequeno, no qual será convidado de honra o sr. José Ricardo Domingues, sócio gerente daquela empresa.

NOVA OEIRAS, L.da
EMPREITADA PARA CONSTRUÇÃO DO CENTRO COMERCIAL

A Sociedade Nova Oeiras, Lda. aceita propostas até às 17 horas do dia 16 de Fevereiro próximo para realização da empreitada em epigrafe, sendo o depósito provisório de Esc.: 150.000$00.

O programa do concurso, caderno de encargos e demais peças escritas e desenhadas encontram-se patentes nos escritórios da Sociedade — Avenida António Augusto de Aguiar, 3, 3.º-A, todos os dias úteis excepto aos sábados, das 11 às 13 horas e das 16 às 18 horas.

VENDEDORES

De automóveis, comerciais e material agrícola de conceituada marca, pretende-se para a região entre Lisboa e Vila Franca de Xira. Carta a X. 122, Havas, Rua Áurea, 242 – Lisboa.

TRACTORES

Fordson Major completamente revistos e garantidos, vende:

OLIVEIRA, L.DA
SANTARÉM

VITAUTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO AUTOMÓVEL E REPRESENTAÇÕES, LDA
Oferece os seus serviços eléctricos rápidos, lubrificações especializadas, alinhamento de direcções e equilibrio de rodas

ABERTO ATÉ ÀS 0.30 H. * **INSTALAÇÕES MODELARES**
RUA LUCIANO CORDEIRO, 79-A-79-C — TELEFONES 735524/5

Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Sede — 95, Rua do Comércio, 119
LISBOA

Capital	200 000 000$00
Fundo de Reserva	226 000 000$00

E' convocada a Assembleia Geral Ordinária deste Banco para reunir no dia 27 do corrente mês, pelas 16 horas, na Sede do Banco, a fim de tratar da seguinte ordem do dia:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o relatório e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativamente á gerência finda em 31 de Dezembro de 1960.

2.º — Eleição de três membros do Conselho de Administração e de um membro do Conselho Fiscal, de harmonia com as disposições estatutárias.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1961.

O Presidente

(a) José Ribeiro do Espírito Santo Silva

GIRA-DISCOS
STEREO com duplo amplificador

Com chassis Philips, ultimo modelo, 2 alto-falantes — tomada para microfone, apenas por 2 500$00 com BRINDE dois discos 30 cms. CLUBE INTERNACIONAL DO DISCO, SARL, Rua Joaquim António de Aguiar, 41, r/c-Dt.º e Arameiro dos Restauradores, Praça dos Restauradores, 64 — Lisboa.

Santa Casa da Misericórdia de Cascais

Comunicamos que a missa anunciada para 8 do corrente, se rezará no dia 9 ás 11 horas. A sessão solene realiza-se amanhã, domingo, 8, ás 15 horas.

A MESA ADMINISTRATIVA

CACHORROS

Dão-se a quem os estimar. Telef. 847260.

Santo Amaro de Oeiras

Casa de R/C e 1.º com ou sem mobilia aluga-se

Rua Cândido dos Reis, 18
Telefone 50692

MARIA EMILIA RIBEIRO DE BIONDO
FALECEU

Seu marido, filhos, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, mãe, avó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO

Vivia do produto dos roubos que fazia até que a Polícia o descobriu apesar de andar disfarçado

No prosseguimento da acção desenvolvida recentemente pelas brigadas móveis da secção central da Polícia Judiciária, foi localizado e detido Fernando da Silva Branco, o qual não exerce qualquer profissão, vivendo exclusivamente do produto dos assaltos que praticava. Receando ser descoberto e preso, redeava-se de todas as cautelas, passando a usar óculos brancos não graduados e a residir num quarto alugado nos arredores de Lisboa.

Após persistentes diligências dos agentes das brigadas móveis para localizar o Branco, conseguiram encontrá-lo num restaurante onde se dispunha a jantar, ficando muito surpreendido por ter sido reconhecido.

Conduzido para a Polícia Judiciária, confessou ter praticado os seguintes furtos: por meio de arrombamento, entrou, de noite, num estabelecimento de vinhos, na Estrada de Circunvalação, 18, loja, onde furtou determinada quantia em dinheiro; por chave falsa, introduziu-se pela madrugada numa leitaria, na Avenida Gomes Pereira em Benfica, onde furtou um gira-discos, 23 discos e a quantia de 400$00; num estabelecimento da Rua Professor Egas Moniz, onde entrou por meio de arrombamento, furtou 80 maços de tabaco e a quantia de 600$00; entrou, por meio de chave falsa, num escritório da Rua Rosa Araujo, onde furtou uma máquina de escrever; assaltou, por meio de chave falsa, um estabelecimento de mercearia na Estrada de Benfica, onde furtou 6.000$00; ainda, por meio de chave falsa, introduziu-se numa tabacaria da Travessa Henrique Cardoso, onde furtou uma carteira, um porta-moedas, um despertador e 500$00 em dinheiro.

Os investigadores continuam as diligências para o completo esclarecimento da vida criminosa do Branco, pois suspeitam que ele tenha cometido ainda outros furtos. Nas buscas realizadas os agentes conseguiram apreender, além da quantia de 3.500$00, a quase totalidade dos artigos furtados.

Além do processo crime, contra o detido está a ser instaurado o competente processo de segurança.

A Polícia Judiciária conseguiu, também, apreender 17 chaves tipo «Yale», uma serra, quatro chaves de fendas e outros artigos que o Branco utilizava para praticar os roubos.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «O aventureiro do Oregon» e «Gente da Noite» — (12 anos). — Amanhã, «matinée», «A caminho das terras do Oregão» e «Férias em Lisboa».

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — A's 21 e 15, «O pistoleiro negro» e «Um salto para a vida» — (17 anos). — Amanhã, «matinée», «Corações em festa» e «Raptado» — (12 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21: «A terceira chave» — (17 anos).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Conspiração de corações» e «Avarento apaixonado» — (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21.30: «Sem talento para matar» — (17 anos).

Farmácias de serviço

CAXIAS — Farmácia Nova — Rua Bernardim Ribeiro — Tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Farmácia Godinho — Av. Patrão Lopes, 4 — Telef. 042039.

OEIRAS — Farmácia Godinho — Rua Candido dos Reis, 98 — Tel. 043090.

PAREDE — Farmácia Guincho.

ESTORIL — Farmácia M. dos Santos (Monte Estoril) — Rua J. A. Ferreira — Tel. 060116.

CASCAIS — Farmácia Cordeiro — Rua Frederico Arouca, 16 — Tel. 080171.

VIDA SOCIAL

DR. JOSÉ FERNANDES MESQUITA

Como boiseiro da Organização Mundial de Saúde, partiu para os Estados Unidos, de avião, o sr. dr. José Fernandes Mesquita, delegado de Saúde em Goa, que vai realizar diversas visitas de estudo naquele país, devendo ainda visitar o Brasil e Porto Rico.

DR. JOÃO DANTAS

De avião, passou por Lisboa, a caminho do Rio de Janeiro, o sr. dr. João Dantas, director do «Diário de Notícias», daquela cidade. Foi cumprimentado no aeroporto pelos srs. embaixador Negrão de Lima; ministro Sousa Gomes; cônsul-geral do Brasil, e dr. Fanor Cumplido, chefe do Escritório Comercial do Governo Brasileiro em Lisboa.

BISPO DE ANGRA

Num avião militar, chegou a Lisboa o sr. D. Manuel Afonso de Carvalho, bispo de Angra, que vem assistir á reunião do episcopado português.

ENGENHEIROS brasileiros de visita a Portugal

De avião, chegou esta manhã a Lisboa um grupo de trinta engenheiros brasileiros que completaram recentemente o seu curso na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, e iniciam no nosso País uma viagem de estudo e aperfeiçoamento técnico através da Europa. Durante a sua permanência em Portugal, serão recebidos no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, visitando ainda diversas obras em curso e os aproveitamentos hidráulicos mais importantes.

NOVO SISTEMA em camisas por medida

Colarinhos indeformáveis, feitos em qualquer tecido. FRITZ CAMISEIRO. Tel. 33442. R. da Assunção, 42, 4.º (elevador).

Estatística agrícola

Produção das culturas efectuadas em Portugal durante o ano de 1959

A economia agrícola atravessa em Portugal uma fase difícil e penosa. Afirmam-no com insistência significativa os que trabalham nas suas diversas actividades e delas vivem. Reconhecem-no as entidades oficiais que acompanham dia a dia os seus problemas e que procuram por todos os meios minorar as suas consequências adversas. Reveste maior interesse, por isso, a «Estatística Agrícola» que o Instituto Nacional de Estatística publicou recentemente, referida ao ano de 1959 e largamente documentada com os mais diversos elementos de informação sobre a vida agrária em Portugal.

Segundo o Censo Geral da população portuguesa em 1950 a população presente e activa na agricultura pecuária e silvicultura era de 1 413 200 indivíduos. Este número exclui as pessoas com trabalho habitualmente não remunerado, entre as quais avultam as domésticas. O Censo de 1960, há pouco efectuado, deve facultar interessantes elementos de comparação sobre a marcha demográfica no sector agrícola, profundamente afectada pela emigração, pela evasão para as cidades e pelo desenvolvimento industrial.

Segundo a «Estatística Agrícola» foram as seguintes, em 1959, as produções das culturas mais importantes, (entre parêntesis as áreas cultivadas):

Trigo — 6235 milhares de quintais (847 600 ha); Milho — 1792 milhares de quintais (472 000 ha); Centeio — 1753 milhares de quintais (272 000 ha); Arroz — 1630 milhares de quintais (36 000 ha); Aveia — 888 milhares de quintais (304 000 ha); Cevada — 661 milhares de quintais (137 000 ha); Fava —460 milhares de quintais (59 000 ha); Feijão—501 milhares de quintais (341 000 ha); Grão-de-bico — 241 milhares de quintais (56 000 ha); Batata — 8598 milhares de quintais (88 000 ha); Vinho — 8024 milhares de hectolitros; Azeite — 1000 milhares de hectolitros.

No sector florestal registaram-se as seguintes produções:

Resina — 68 424 toneladas obtidas de 33 374 milhares de incisões;

Cortiça — 185 022 toneladas.

No que respeita á produção de lã, foram obtidas 10 834 t. provenientes da tosquia de 4 595 000 animais e da pelagem de 1 369 000 peles.

Quanto ao consumo e distribuição, elucida o volume editado pelo I. N. E. que as capitações anuais médias dos principais produtos agrícolas no quinquénio de 1955-1959 foram as seguintes:

Trigo — 75,42 quilogramas; Centeio — 17,36 quilogramas; Milho — 49,54 quilogramas; Arroz — 17,73 quilogramas; Batata — 115,55 quilogramas; Feijão — 5,15 quilogramas; Grão-de-bico — 1,41 quilogramas; Azeite — 10,39 litros; Vinho — 92,02 litros.

Durante o ano foram aprovadas para consumo 95 095 toneladas de carne das quais 11 559 toneladas de carne das quais 11 559 toneladas na cidade de Lisboa e 6020 na cidade do Porto. Forneceram aquela carne 569 784 suínos com 40 237 toneladas, 331 044 bovinos com 41 458 toneladas, 976 444 ovinos com 9804 toneladas, 202 329 caprinos com 1436 toneladas e 13 871 equídeos com 2160 toneladas.

Entre outros, a cidade de Lisboa consumiu os seguintes produtos:

Batata 907 045 quintais; Vinho de pasto 994 935 hectolitros; Aguardente 17 606 hectolitros; Vinagre 15 789 hectolitros; Frutas 407 318 quintais; Produtos hortícolas 1 032 493 quintais; Castanha verde 19 304 quintais; Melões 46 268 quintais. No mesmo período, foram consumidos pela cidade do Porto: Batata 154 929 quintais; Vinho de pasto 318 342 hectolitros; Aguardente 2416 hectolitros; Vinagre 4247 hectolitros; Frutas 88 940 quintais.

O equipamento mecânico na lavoura tem progredido mas é ainda muito modesto. É o que se comprova nos numeros divulgados pela «Estatística Agrícola». No final de 1959 existiam no País 1931 debulhadoras mecanicas de cereais e legumes. Cerca de 73 % destas máquinas debulharam em nove distritos: Bragança — 801; Beja — 467, Évora — 411; Santarém — 388; Guarda — 361; Lisboa, 301; Portalegre — 292; Vila Real — 293 e Porto — 273. No distrito de Viana do Castelo debulharam apenas 27. Além destas máquinas de debulha, existiam 335 ceifeiras-debulhadoras, das quais 154 no distrito de Beja e 71 no de Évora.

Na mesma data, o numero de tractores em actividade era de 7 894. Destes 871 entraram em serviço durante 1959. Trabalharam a gasolina 167, a petróleo 1 302 e a gasóleo 6 425, sendo 1 507 de rasto e 6 387 de rodas. Cerca de 86 %, do total recolhe habitualmente em 7 distritos, com a seguinte distribuição: Beja — 1 653; Lisboa — 1 246; Evora — 1 105; Santarém — 1 077; Setubal — 692; Portalegre — 700 e Faro — 350. A potência total dos tractores agrícolas existentes, em actividade, é de 248 678 Cv.

Quanto ao ensino agrícola, demonstram as estatísticas recolhidas pelo Instituto que há muitíssimo a fazer para que ele seja em Portugal o factor de progresso que cumpre desejar.

No ano lectivo 1958-59 verificou-se o movimento seguinte nas escolas de ensino agrícola:

Curso Elementar (Operário Rural e Agente Rural) — 3 escolas com 13 professores e 318 alunos (concluiram o curso 60 alunos).

Curso Médio (Regente Agrícola) — 3 escolas com 39 professores e 498 alunos (concluiram o curso 76 alunos).

Ensino Superior (Engenheiro Agrónomo, Engenheiro Silvicultor e Médico Veterinário) — 2 escolas com 60 professores e 480 alunos (88 começaram o curso e 46 concluiram-no).

Além dos assuntos a que fizemos breves referências, sempre com numeros respeitantes ao Continente, muitos outros fazem parte deste volume, como sejam os que se referem ao solo, clima, contribuição predial, compra e venda de prédios, crédito agrícola, comércio com as ilhas, salários dos trabalhadores rurais, aluguer de gado, preços dos produtos agrícolas no produtor, industrias relacionadas com a agricultura, etc.

Neste volume da «Estatística Agrícola» são também publicados dados referentes a explorações agrícolas (formas de exploração, construções, máquinas, alfaias e meios de transporte e árvores de fruto e oliveiras nelas existentes), Arrolamento Geral de Gado e Animais de Capoeira de 15-12-1955 e Produto Bruto Agrícola.

Livros novos

«AUTOMAÇÃO, IDEIAS E FACTOS»

Edição da Junta de Acção Social

No plano de publicações da «Biblioteca Social e Corporativa», promovido oportunamente pela Junta de Acção Social instituída sob a égide do Ministério das Corporações, foi editada uma valiosa colectanea de estudos sobre a automação e os seus reflexos no mundo do trabalho. Esses estudos foram originàriamente publicados sob a direcção do prof. Alain Savignat e na sua elaboração colaboraram economistas e sociólogos de prestigiosa projecção internacional como Charles Baudoin, Serge Colomb, Michel Cuénod, Eugène Forsey, J. Hartshorn, James Stern, Léon Walther, etc., bem como, colectivamente, o Secretariado Internacional do Trabalho, do B. I. T.

Como assinala o presidente da Junta de Acção Social na apresentação da edição portuguesa da obra, terá esta, entre outros méritos, o de encarar a automação com olhos humanos; quer dizer: de a analisar e valorar como alguma coisa que ao homem compete antes de tudo, aceitar ou repelir, e, aceitando-a, **orientar.** E' evidente que não é a cada homem em particular que pode caber a decisão de dar ou não entrada á automação na vida económica da colectividade; e tudo mostra que a automação tem um relevantíssimo papel a desempenhar mas já pertence a cada homem, sempre que a sua função social lho indique, uma parcela de responsabilidade nos rumos a imprimir a esta «segunda revolução da industria». Trata-se, em resumo, de um problema a estudar, e não de uma situação ou um fenómeno a descrever.

A edição dos estudos «Automação, Ideias e Factos» vem preencher, nestes termos, uma missão esclarecedora e estimuladora que cumpre apreciar em todo o seu positivo significado humano, social e económico.

«MONOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS DE FUNDIÇÃO DO FERRO E DO AÇO EM PORTUGAL»

por Hélio Paulino Ferreira

E' um estudo técnico-económico de modelar construção e largamente documentado o que o eng. Hélio Paulino Ferreira, da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, consagrou ás nossas industrias de fundição do ferro e do aço. Além de uma breve mas elucidativa história dessas industrias em Portugal e no Mundo, o autor analisa mais detidamente os problemas técnicos da produção, a formação profissional e técnica dos que trabalham nela, os problemas de segurança e higiene industrial, as condições técnicas de instalação, as vias possíveis da reorganização industrial no sector e outros aspectos de alto interesse para o nosso futuro económico. Uma relação das empresas de fundição de ferro e aço existentes no País e uma instrutiva bibliografia completam a obra que vem incluir-se expressivamente na ordem actual dos estudos de reorganização da industria, em que se depositam muito justificadamente as maiores esperanças.

FIOS DE LÃ PARA TRICOT

NOVAS QUALIDADES

(AOS PREÇOS DE FÁBRICA)

ESCOCESA desde Esc. 150$00 cada quilo

ALEMÃ, Esc. 200$00, cada quilo.

PEÇAM AMOSTRAS PARA

J. P. ÁLVARES FERREIRA, LDA.

Rua da Madalena, 78 — Tel. 27652 (Junto á Rua dos Retroseiros)

LISBOA

ENVIA-SE À COBRANÇA

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — Academia Almadense — Ás 21 e 15: «O grande capitão» (12 anos). — Incrível Almadense — «Uma vida» e «Freira cigana (12 anos). *Amanhã:* «matinées», ás 15 e 30, com os mesmos programas em ambos os cinemas.

MONTIJO — Cine-Teatro Joaquim de Almeida — Ás 21: «Contrabando do fogo» e «Rapariga em fuga» (17 anos). *Amanhã:* «matinée», teatro infantil.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 19 — Tel. 31100.

ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, Tel 070076.

BARREIRO — Soares — Avenida da Republica, 1 — Tel. 023023.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 — Tel. 070254.

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga — Tel. 039025.

MONTIJO — Farmácia Higiene — Rua José Joaquim Marques.

SETUBAL — Lisboa — Rua Dr. Paula Borba, 70-72 — Tel. 22218.

VENDIAM LEITE de uma vaca que sofria de doença infecciosa

A Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos concluiu um processo em que são arguidos Joaquim Pereira Gil, vendedor ambulante de leite, do Vidigal, e João dos Santos Jorge, lavrador do Pinheiro, ambos do concelho de Leiria. Quando o primeiro, há algum tempo, apresentou a respectiva análise oficial, em Leiria, de uma porção de leite destinado á venda, foi verificado que revelava a presença de sangue, razão porque foi inutilizado pela aplicação de um corante avermelhado. O leiteiro, apesar da impropriedade manifesta do produto, vendeu desse leite, pelo menos a um cliente habitual, que, notando-lhe uma cor rosada, o levou, no dia seguinte, ao posto de análises, onde se verificou tratar-se do produto que na véspera fora reprovado. As investigações permitiram apurar que o leiteiro adquiria o leite, como habitualmente, ao referido lavrador e que provinha de uma vaca que sofria de doença infecciosa, facto que o próprio lavrador não ignorava, pois adquirira recentemente o animal já doente, com destino a um futuro abate, o que ainda não tinha efectuado por aguardar que uma outra vaca que possui começasse a dar leite. O processo foi remetido ao tribunal competente.

Bacalhau nacional para regularizar o mercado

A Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau vai promover, a partir de segunda-feira, uma distribuição de bacalhau nacional (o de mais baixo preço) pelo mercado, de forma a garantir o volume do produto que normalmente, o mercado exige nesta época. A quantidade a distribuir atingirá as três mil toneladas.

Ainda antes do fim do mês, a referida comissão reguladora procederá a nova distribuição, com o objectivo acima exposto. Conforme as necessidades do mercado, assim serão maiores ou menores as quantidades de bacalhau a distribuir nessa altura.

A importação de batata de semente

(Continuação da 3.ª página)

irregularidade do tempo e assim se chegou ao mês de Maio, altura em que se teve de desistir das batatas. Eram decorridos mais de cinco meses sobre as datas dos pedidos dos carregamentos...

Algumas vezes se teve de comentar, agrestemente, a situação criada, como a ordem normal dos factos justificavam: «Aí não há batata de semente ou não há gente de trabalho, como se impõe, numa região favorecida, em prejuizo do resto do País, que sofre a falta de boas sementes, para que os produtores possam vender o que não presta e que por vezes só existe no... papel?». A isto respondiam dogmáticamente: «Se não presta para que a querem? O melhor é desistirem das encomendas!...».

O «PRODUTOR DE BATATA CERTIFICADA» informa-nos de que rega as suas plantações. Tal elemento informativo é suficiente, para se ajuizar da sua incapacidade para fornecer boas sementes. O facto para ele talvez não tenha interesse, se as coisas levarem mau caminho, isto é, se o Governo resolver garantir a colocação da batata certificada nacional, medida que ficará a pesar como grave prejuizo para os produtores de batata de consumo, que somam cerca de noventa por cento da batata cultivada no País. A esta classe apenas interesse plantar quantidade suficiente á obtenção de sementes para o ano seguinte e, por isso, não dispensa nem pode dispensar as sementes estrangeiras, embora compradas em pequenas quantidades, consoante o que habiutalmente necessitam.

Se não adquirissem sementes estrangeiras com o recomendado vigor para a reprodução, teriam de fazer todos os anos as suas plantações de batatas com semente nacional, o que, como técnicamente está provado, representa o malogro das produções em quantidade e em qualidade.

Este sistema, como é bem de ver, viria afectar gravemente a economia agrícola nacional, a actividade de mais modestos recursos, se é que algum dos seus sectores deles ainda pode dispor, depois da sobrecarga de todas as explorações mais ou menos objectivas..

E termino como comecei: não há duvida alguma; económicamente o problema da batata de semente foi totalmente resolvido pela portaria que liberalizou a importação. De resto, tal como «UM PRODUTOR DE BATATA CERTIFICADA» também eu fico á inteira disposição das repartições técnicas e das restantes entidades responsáveis para demonstrar a ineficácia das cooperativas ou mesmo da sua iminente falibilidade. — De V. etc. — *Julio Augusto Nogueira.*

O enfermeiro-mor discursando no acto da posse

Tomou posse o novo director *dos serviços de Urologia* dos Hospitais Civis de Lisboa

O enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa, sr. dr. Mário Carmona, empossou hoje, no cargo de director dos Serviços de Urologia, o sr. dr. Matos Ferreira. A cerimónia, muito concorrida, efectuou-se no gabinete do enfermeiro-mor e a ela assistiram os srs. dr. Rafael Ribeiro, administrador dos H. C. L., e o seu adjunto, dr. Fernando Pimenta, directores de serviço, assistentes, médicos e médicas, a enfermeira superintendente e numerosos amigos do empossado, entre os quais o sr. prof. dr. Pinto Barriga. Leu o acto de posse o sr. Jorge Pinheiro, chefe dos serviços administrativos, após o que o sr. dr. Mário Carmona usou da palavra para fazer o elogio do sr. dr. Matos Ferreira, seu condiscípulo de há 40 anos. Este, por sua vez, num breve improviso, agradeceu a honra da nomeação e os melhoramentos ultimamente levados a efeito no serviço que vai dirigir, para no final prestar homenagem ao director clínico dr. Armando Luzes e evocar a memória dos drs. Artur Ravara e Elisiário Ferreira.

Os ministros cubanos trabalham um dia por semana *na construção civil*

(Continuação da 1.ª página)

Sublinhou existir o perigo de uma baixa da produção devido á mobilização e disse que a produção seria nula se esta se prolongasse durante um ano.

O COMÉRCIO RETALHISTA NÃO SERÁ NACIONALIZADO

«Cuba não se sentiria diminuída pelo facto de discutir com os Estados Unidos, se o fizesse em pé de igualdade», declarou. Continuou: «Ignoramos o que é que os Estados Unidos vão fazer, mas devemos dar crédito a Kennedy, quando diz que não foi consultado sobre o corte das relações diplomáticas com o nosso país».

Guevara declarou, mais adiante, que Cuba está pronta a vender 3 milhões de toneladas de açucar aos Estados Unidos, se fosse concluido um acordo e o comércio recomeçasse. Afirmou que, embora não precisassem, a U. R. S. S., a China Popular e outros países socialistas comprariam o açucar cubano se os Estados Unidos o não fizessem, mas que esta compra seria «politica».

Nesta alocução, Guevara desmentiu os rumores ácerca de uma nacionalização do comércio retalhista e da congelação dos depósitos bancários superiores a 10 000 pesos. Disse que em 31 de Dezembro findo, o Banco Nacional tinha uma reserva de 125 milhões de dólares, reserva que seria congelada, uma vez que os Estados Unidos não compram o açucar cubano.

OS MINISTROS TRABALHARÃO UM DIA POR SEMANA NA CONSTRUÇÃO CIVIL

O dr. Ernesto Guevara anunciou que todos os membros do Governo cubano passarão a trabalhar na construção civil, pelo menos um dia por semana.

O dr. Guevara salientou: «Os membros do Governo devem tornar-se trabalhadores, para estarem em contacto com os problemas da classe trabalhadora».

O tom desta alocução contrasta singularmente com as declarações ouvidas, nos ultimos dias, e com a campanha alarmista relativa á «iminência da intervenção militar norte-americana». — (F. P. e R.).

A SUIÇA REPRESENTA OS ESTADOS UNIDOS

HAVANA, 7—Daniel Braddock, encarregado de Negócios americano, partiu de Havana, de avião, depois de ter entregue oficialmente a embaixada a Walter Bossi, embaixador da Suiça.

Um grupo de diplomatas suíços, chefiado por Gaston Jaccard, prepara-se para partir «imediatamente» para Havana, a fim de reforçar os exíguos quadros da embaixada Suiça nesta capital. — (A. N. I. e F. P.).

Numa «boite» de Londres, a enigmática vedeta chinesa Tsai Chin e o cast de «O mundo de Suzie Wong» apresentam o numero «Lanterna chinesa», com todo o pitoresco e a magia orientais que esta imagem documenta

Principiaram as visitas do ministro das Obras Públicas ao Norte do País

PORTO, 7 (Pelo telefone) — O sr. ministro das Obras Publicas, que, desde ontem, se encontra nesta cidade, iniciou esta manhã as suas visitas oficiais a diversas localidades do Norte do País, começando pela cidade de Penafiel, onde chegou cerca das 10 horas.

Acompanhavam-no o seu secretário, eng.º Sousa Viana, e o chefe do distrito, dr. Elísio Pimenta.

Naquela cidade foi o titular das Obras Publicas recebido pelo presidente do Município, dr. Silva Mendes, e outras individualidades. Aquele membro do Governo, esteve depois no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, onde apreciou a possibilidade da instalação de um campo de feira e a localização de uma escola técnica e outras obras de urbanização. Dali seguiu para Gondomar. No vizinho e laborioso concelho, aquele membro do Governo teve uma acolhedora recepção por parte das autoridades concelhias, de vários organismos, crianças das escolas e população.

O presidente do Município, reverendo Crispim Gomes Leite, e quase toda a vereação, acompanhou o ministro até aos paços do concelho. Ali efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo sr. eng.º Arantes e Oliveira, tendo o presidente do Município, no uso da palavra, solicitado várias comparticipações para obras a efectuar, tais como a estrada marginal, abastecimento de águas a Rio Tinto e Fanzeres, construções de um hospital sub-regional e de uma escola industrial em Rio Tinto, que servirá uma população de 30 000 habitantes.

Seguidamente, aquele membro do Governo visitou a sede dos serviços municipalizados e as obras da escola comercial e industrial em construção.

Após o almoço, o ministro efectuou uma visita ao concelho de Gaia.

Prisão de um assaltante

Na Rua Barão de S. Cosme, foi preso, esta madrugada, por um guarda da P. S. P. o engraxador José Augusto Ferreira, de 33 anos, solteiro, residente na Rua dr Alves da Veiga, 78, por, momentos antes, na companhia de outro indivíduo que se pôs em fuga, ter assaltado a barbearia «Elite», daquela artéria, pertencente ao sr. Manuel de Sousa.

O larápio, para praticar a proeza, partiu um vidro da montra do estabelecimento, causando um prejuízo de 1500$00, e roubou da gaveta de um móvel a quantia de 1450$00, que lhe foi apreendida.

O assaltante foi entregue á Polícia Judiciária.

Agressão

Cerca das 13 e 30, foi preso, na Rua Marquês de Pombal, o sapateiro Aníbal Teixeira Ferraz, de 56 anos, casado, residente na Rua dr. Julio de Matos, 378, cave 6, por ter agredido traiçoeiramente, junto a um café ali existente, o proprietário do mesmo, sr. Manuel de Sousa, o qual ficou ferido na coxa esquerda.

Acidente de viação

Na estrada dos Carvalhos, um automóvel conduzido pelo seu proprietário, sr. Amadeu Magalhães, de 68 anos, casado, residente na Travessa do Carregal, 11, embateu violentamente com outro veículo.

Do desastre resultou ficar gravemente ferido o sr. Amadeu Magalhães, que foi conduzido ao hospital de Santo António, onde chegou já morto.

Um morto devido a intoxicação alimentar

No Hospital de Santo António, foi certificado o óbito do sr. Henrique da Silva Pinto, de 56 anos, solteiro, condutor dos serviços dos Transportes Colectivos, residente na Rua Domingues Cerqueira, 160. Presume-se que foi vítima de intoxicação alimentar. Pelo mesmo motivo ficou internado o sr. José Ferreira, de 54 anos, sem profissão, residente na mesma morada.

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A farsa «Cucurucucu» (17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30 — «A terceira chave», policial (17 anos).
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «As pupilas do sr. reitor», romantico (12 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Começou em Nápoles», aventuras (17 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Arquimedes, o vagabundo», comédia (12 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Ben-Hur», bíblico (12 anos).
BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Férias em Roma», romantico (12 anos).
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «A sétima viagem de Simbad» aventuras (17 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O circo dos horrores», «suspense» (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Salomão e a rainha do Sabá» (17 anos).
NUN'ALVARES — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O pequeno lord», comovente (6 anos).

As iluminações de Natal

(Continuação da página central)

4000 horas, actuando, diáriamente, em serviço permanente, um piquete de 5 electricistas que asseguraram o funcionamento normal das iluminações.

Com uma tal sobrecarga, e em consequência do mau tempo, principalmente a chuva, curto-circuitos provocaram, por vezes, interrupções na colorida iluminação e, esse pessoal, atento, esforçado e habilíssimo, sob a eficiente direcção dos competentes engenheiros, acudia, rápidamente a qualquer local, onde as avarias eram reparadas sem perda de tempo, restabelecendo-se a harmonia do luminoso e colorido conjunto.

Foi este milagre de luz possível graças ao conjunto de esforços já assinalado. E, assim, Lisboa teve o seu Natal esplendoroso, que será, no próximo ano, ainda mais belo.

BOLETIM DO DIA

MULTADO

o ministro da Aeronáutica DO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 7 — Tendo apreendido uma carta de condução, no cumprimento do seu dever, o polícia não pôde deixar de empalidecer de susto quando o condutor partiu, ao ler o nome que se encontrava no documento.

Ivo Camilo, polícia militar, notou que uma viatura avançava, indiferente á luz vermelha da sinalização de um cruzamento desta cidade. Apitou e, como o condutor prosseguisse, montou na motocicleta e rápidamente alcançou o transgressor.

Pediu-lhe a carta dê condução e o condutor, sem palavra, estendeu-lha prontamente, reatando a marcha.

O polícia ficou-se a ler o nome e, empalidecendo, apressou-se a comunicar a ocorrência aos seus superiores, que endossaram o caso á apreciação do governador Carlos de Lacerda.

O governador mandou redigir um ofício para o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Francisco Correia de Melo, multando-o em 20 cruzeiros, pela transgressão. — (A. N. I.).

«RAPSÓDIA PORTUGUESA»

recebeu um prémio

num festival internacional

Apresentado no II Festival Internacional Cinematográfico, Etnológico e Sociológico de Florença, o filme nacional «Rapsódia Portuguesa» foi distinguido com o prémio «Coppa», por se tratar de um «espectacular panorama da vida e tradição de um povo», segundo a acta do júri do referido festival. Este filme, que se deve á eficiente «equipe» cinematográfica constituida por Felipe Solms, João Mendes e João Moreira, foi muito apreciado pelas pessoas que assistiram ao festival.

O acordo que fez cessar a perseguição a Margarida

LONDRES, 7 — A amável e unanime atitude dos jornais britanicos, correspondendo ao apelo da rainha mãe para que a Imprensa concedesse maior liberdade de movimentos á princesa Margarida, durante a sua actual viagem de férias na Irlanda, está de acordo com as tradições do jornalismo inglês.

Kenneth Viney, editor do «Word's Press News», explicou os termos dessa tradição:

«Existe um acordo tácito, segundo o qual nenhum dos membros da família real pode impor á Imprensa quaisquer directivas. O mais que pode fazer é apelar para a cooperação dos jornalistas, e foi isto o que a rainha mãe fez no presente caso.

«Fora feito semelhante pedido pela ultima vez quando o príncipe Carlos começou a frequentar o colégio. Era um tema para uma grande reportagem, mas a família real pediu que não fossem tiradas fotografias e que não se procurasse contactar com o director ou outros membros do colégio para conhecer pormenores da vida escolar do príncipe. O pedido foi rigorosamente correspondido pela Imprensa».

Normalmente, esses pedidos são feitos discretamente e sem publicidade. Mas, no caso da princesa Margarida, uma disputa entre os jornalistas irlandeses e os seus colegas ingleses, que se acusavam mutuamente de terem estragado as férias de Margarida, transformou o apelo num assunto publico. — (A. N. I.).

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m. 655 ks./s. — Ás 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Cançonetas portuguesas; 19 e 15: Musica de filmes; 19 e 45: O pianista Jorge Machado, programa transmitido do Hotel Mundial; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Orquestras típicas; 20 e 30: Geografia mundial; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: O pianista George Feyer e conjunto; 21 e 30: Orquestras ligeiras sinfónicas; 21 e 45: Serão para soldados, realizado no quartel de Infantaria 1, na Amadora; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 23 e 58: Musica de dança; 1: Encerramento.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — Ás 19: 2.º programa da série dedicada ao Barroco Italiano: «Ricercare», de Gabrieli, pelo organista Flor Peeters; «Concerto n.º 5, op. 11, em fá maior», de Bonporti, pela Orquestra I Musici, com violino, por Roberto Michelucci; 19 e 20: Temas ultramarinos; 19 e 50: Noticiário regional; 20: O poema sinfónico na musica portuguesa (1.º programa com notas explicativas): «Paraisos artificiais», de Luís de Freitas Branco, pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção de Silva Pereira; «Vathek», de Luís de Freitas Branco, pela orquestra da E. N., dirigida por Pedro de Freitas Branco; 20 e 55: Musica de tecla: «Allegro Bárbaro», de Bela Bartok, pelo pianista Gyorgy Sandor; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20 Separador; 21 e 30: Recital, pelo pianista Eurico Tomás de Lima: obras de sua autoria; 22: Canções dos séculos XVII e XVIII, interpretadas por Susanne Danco, acompanhada pelo pianista Jeanne Demessieux; 22 e 15: «Andante Spianato», e «Polaca em mi bemol», de Chopin, pelo pianista Artur Rubinstein; 22 e 30: Festival «Semanas Musicais de Ascona», de 1960, em gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Rádiodifusão (Rádio Lugano): Concerto, pela Orquestra de Camara de Pforzheim, dirigida por Friedrich Tilegant; 23 e 47: Noticiário; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — Ás 18 e 15: Variedades; 19: Noite, orquestras e canções; 20 e 20: Motivos portugueses; 21 e 15: Artista; 21 e 30: Conjuntos; 21 e 50: Curso de lingua inglesa; 22: Cançonetas; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Artista; 22 e 45: Concerto; 23 e 15: Ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 3: Fecho.

ESTAÇÃO MIRAMAR — Ás 17: Musica pelo caminho; 18 e 15: Cançonetas; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Motivos portugueses; 19 e 30: Cidade de Braga; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Curso de lingua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 22 e 15: Artistas portugueses; 23: Trechos de opereta; 23 e 45: Solistas; 1 e 7: Sumário; 1 e 10: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 15: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Oiça, enquanto janta; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: A cultura brasileira; 21 e 30: Musica portuguesa; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 30: Passatempo para o lar; 23: A 23.ª hora; 1 e 55: Noticiário; 2: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

1.º Período — Às 17 e 30, Abertura; 17 e 32, Programa juvenil «Robin dos Bosques»; 18, Mãos á obra — Construção de um óculo astronómico; 18 e 20, O «Nautilus» atravessa o Topo do Mundo; 18 e 30, Teledesporto—revista dos acontecimentos desportivos da semana; 18 e 45, Telejornal—edição da tarde; 19, Fecho.

2.º Período — Às 21, Abertura; 21 e 2, «Fury», o cavalo selvagem; 21,30, Telejornal—edição da noite; 22, «Naquele tempo...»; 22 e 15, 1.º episódio do folhetim «Querida Sara»; 22 e 45, Transmissão dos estudios do Porto — Vinte minutos com Roland Arday; 23 e 20, Episódio da série «Os Corsários»: «O Barba Negra»; 23 e 50, Telejornal—ultimas notícias; 23 e 55, Amanhã na TV; 24, Fecho.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrilhantadas por orquestras e dedicadas aos seus associados e famílias, realizam-se festas, esta noite, no Clube Estefania, na Casa das Beiras e na Casa do Distrito de Coimbra.

EFEMÉRIDES

No dia 7 de Janeiro de 1927 foi feita a primeira ligação telefónica através do Atlantico.

HÁ TRINTA ANOS

Da primeira página do «Diário de Lisboa» de 7 de Janeiro de 1931. «O Governo espanhol resolveu atribuir á cédula pessoal o valor de cartão de identidade, relacionando-se esta medida, ao que supomos, com a próxima satisfação dos desejos manifestados no sentido de bastarem os cartões de identidade, portugueses e espanhois, para atravessar a fronteira comum, como já aconteceu durante algum tempo, e com excelentes resultados».

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 16 e ás 21 e 45 — «Do alto da ponte».
MONUMENTAL — A s 20 e 30 e ás 23 — «Boa noite, Betina!».
TRINDADE—Ás 21 e 45—«A casa dos vivos».
MARIA VITÓRIA — A's 20.30 e 22,45 — «Chá, chá, chá».
COLISEU — A's 21.30 — «Companhia de circo»
A B C — A's 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Espero-te á saída».

CINEMAS

TIVOLI — «Um estranho na minha vida».
S. LUIZ — «A pousada das ilusões».
IMPERIO — «Começou em Nápoles».
S. JORGE — «A hora final».
EDEN — «A furia do poder».
POLITEAMA — «A terra das mil aventuras».
ODEON — «O pequeno coronel».
CONDES—«A senda de gigantes»
MONUMENTAL—«Ben-Hur»
ALVALADE — «A pousada das ilusões».
OLIMPIA — «O caçador da fronteira».
AVIS — «Ultimo tango».
ROMA — «Um raio de luz».
RESTELO — «Manobra de saias».
ROYAL — «Metropolitano no espaço».
JARDIM CINEMA — «Os milionários de Filadélfia».
IDEAL — «Vera Cruz».
ARCO-IRIS — «Miguel Strogoff».
S. JOSÉ — «O pirata vermelho».
CAMPOLIDE — «A caminho das terras de Oregão».
PROMOTORA — «A águia voa ao sol».
S. L. BENFICA — «Contra-espionagem ataca».
MOSCAVIDE — «Capitão Paul Jones».

Farmácias de serviço

TURNO F

(Telefones entre parêntesis)

BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548).

PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).

LUMIAR — Patuleia Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790332).

CAMPO GRANDE — Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (junto á Av. Brasil (765262) ✲ **Brasília,** Av. Rio de Janeiro, 66-66 A (722368).

REGO — Prates e Mota, R. Benefiência. 91 (773728).

ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) ✲ **Belmar,** Av. Roma, 53-A (776314) ✲ **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, lote 373 (725859).

AREEIRO — Central do Areeiro, Av. Paris, 2—2-A (720820).

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, próximo da Av. 28 de Maio (763016 e 765635) ✲ **Cardote, Ld.ª,** Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C, junto á Av. Republica (772291) ✲ **Palma,** Av. Duque de Avila, 25-31 (47088) ✲ **Arga, Ld.ª,** Av. Praia da Vitória, 53-55, ao Saldanha (43938) ✲ **Latina,** Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42312).

CONDE DE REDONDO — Contemporanea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, R. 27-41 (389216).

BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25.

PICHELEIRA — Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (P. P. C. 720703 e 728395).

GRAÇA — Brito, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125) ✲ **Progressiva,** R. de Santa Marinha, 18 (863619).

PENHA DE FRANÇA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912) ✲ **Dimar,** R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533).

ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360).

ALMIRANTE REIS — Aliança, 145-B-C (50487).

ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504) ✲ **Guerra,** R. Andrade, 32-36 (845513).

MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).

ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453) ✲ **Aurélio Rego,** Calçada da Estrela, 139 (661758).

CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931).

CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✲ **Condestável,** R. Coelho da Rocha, 119 (666206).

SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637618)

SANTOS — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003) ✲ **Marcos do Nascimento,** Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (664238).

ALCANTARA — Probidade, R. Alcantara, 15-A-B (638589).

BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (619454).

PRÍNCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (27880).

AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R. das Pretas, 12-14 (22588).

BAIXA — Instituto Pasteur, R. Nova do Almada, 71 (30521) ✲ **Internacional, Ld.ª,** R. Aurea, 228 (22017 e 30203) ✲ **Veiga Suc.,** R. da Conceição, 42 (26147).

Publicações

«Gazeta musical e de todas as artes», edição de Novembro-Dezembro de 1960

Destaca-se o numero duplo publicado pela «Gazeta musical e de todas as artes», com referência aos meses de Novembro e Dezembro passados, pela actualidade flagrante de alguns dos seus temas e pelo valor literário das colaborações. Apresenta especial interesse para os leitores o amplo inquérito realizado pela revista entre numerosos escritores portugueses sobre o significado da atribuição do Prémio Nobel da Literatura em 1960 ao poeta Saint-John Perse. Mas na edição incluem-se, ainda, outras notáveis colaborações: «A polémica do neo-realismo», por M. Villaverde Cabral; «A Exposição Henriquina», por Francisco Keil Amaral; «Uma abelha na chuva», por João José Cochofel; «O samba, a morna e o mandó», por Jean-Paul Sarrautte; «Explicação de Jimmy Porter», por José Fernandes Fafe; «Lisboa», por Luísa Dacosta; «Acertos e desacertos urbanísticos de Lisboa», por A. Vieira Santos; «Três poesias», de Armindo Rodrigues; «Aspectos do problema do Conservatório», por João de Freitas Branco; «De mês a mês», «Monda das letras», «O que se lê, o que se vê, o que seouve», Crítica de livros, cinema, concertos e bailado, etc.

A «Gazeta musical e de todas as artes» é uma das publicações literárias e artísticas de mais viva personalidade e mais elevado nível de colaboração no mundo intelectual português contemporaneo.

«O MÉDICO» — Esta revista semanal, fundada e dirigida pelo sr. dr. Mário Cardia, publicou no dia 5 um numero especial, em muito bom papel e com excelente apresentação, dedicado a assuntos — de carácter científico, clínico e social — relacionados com as doenças cancerosas. Pelo valor da colaboração, quantidade de artigos originais e categoria dos colaboradores, este numero de «O Médico» pode considerar-se o mais importante de todos que esta revista tem apresentado. Só quanto a colaboradores portugueses, este numero apresenta artigos originais assinados por 23 médicos, entre os quais se contam 6 professores das nossas Faculdades de Medicina. O numero total de artigos originais assinados sobe a 27 (além de outra e variada colaboração). Este numero de «O Médico» tem 166 páginas, com 76 gravuras.

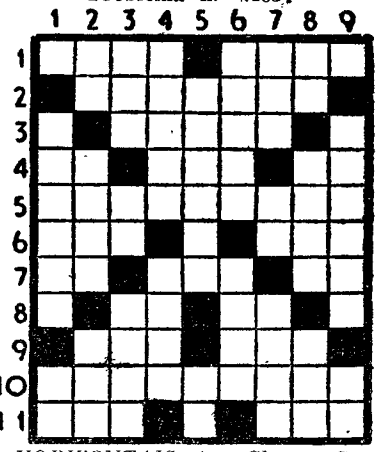
Necrologia

D. Maria Emília Ribeiro de Biondo

Faleceu a sr.ª D. Maria Emília Ribeiro de Biondo, de 58 anos, natural de Tavira, casada com o sr. Juan Biondo. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Lumiar.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
Problema n.º 2185



HORIZONTAIS: 1 — Chegar. Cesse. 2 — Instala. 3 — Ave de rapina. 4 — O lado do vento. Gemidos. Abreviatura de grama. 5 — Fortificou com castelos. 6 — Doença. Arvore da ilha de S. Tomé de raiz medicinal. 7 — Artigo definido. Letra grega. Alternativa. 8 — Preposição. Contracção de preposição e artigo definido. 9 — Abreviatura de página. O viço das plantas. 10 — Preposição resultante duma verdade já demonstrada. 11 — Reza. Argola de uma cadeia.

VERTICAIS: 1 — Espécie de choupo (pl.). Símbolo químico do cobalto. 2 — Seguia. Vazias. Colocar. 3 — Apelido. O mais. Ofertará. 4 — Suplicas. Seguro. 5 — Abundantes. Nota musical. 6 — Assente. Língua falada pelos Incas. 7 — Nome de mulher. Vi. Serra de Portugal. 8 — Batráquio. Satisfação. Dialecto romanico, falado no Norte da França 9 — Tempo do verbo ser. Cabilda de indígenas que habitavam no Pará. O sono das crianças.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

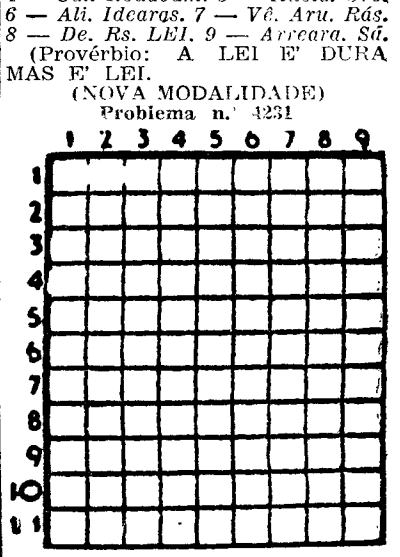
Solução do problema n.º 2184

HORIZONTAIS: 1 — Escravo. 2 — A. Caule. 3 — Lá. LEI. Dr. 4 — Fia. Aer. 5 — E'. Trair. 6 — Ruão. DURA. 7 — Em. Doe. Sr. 8 — Sarar. 9 — Soveral. 10 — Vila. Ases. 11 — Er. MAS. Ia.

VERTICAIS: 1 — Alferes. Vê. 2 — E'. Ai. Um. Sir. 3 — Sc. Asa. Sol. 4 — Cal. Rodavam. 5 — Ruela. Ore. 6 — Ali. Idearas. 7 — Vê. Aru. Rás. 8 — De. Rs. LEI. 9 — Arreara. Sá.

(Provérbio: A LEI E' DURA MAS E' LEI.

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 4231



HORIZONTAIS: 1 — Doença que dificulta a respiração. Estampilha. 2 — Soldado de cavalaria russo. 3 — Segundo. Basta! 4 — Artigo definido. Via. Base. 5 — Cidade de Itália. Suco das cápsulas de certas papoulas. 6 — Olé! Data. 7 — Pássaro. Ligue. 8 — Fio metálico. 9 — Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. Fileira. Nesse lugar. 10 — Rio da Suiça. Pronome pessoal. 11 — Traçarmos.

VERTICAIS: 1 — Réptil batráquio ranídeo. Luz da Lua. 2 — Símbolo químico do escandio. Planta do pé. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 3 — Reduzi a farinha. Matéria incandescente expelida pelos vulcões. Reis. 4 — Abriga. Data célebre. 5 — Batalha em que Ingleses e Franceses venceram os Russos em 1854. 6 — Vila e concelho do distrito de Viseu. Certa. 7—Apelido. Sofra. Preposição. 8 — O lado do vento. Crisol. Para barlavento. 9 — Fêmea do leão. Apelido dum grande navegador português.

Solução do problema n.º 4230

HORIZONTAIS: 1 — MMCC. Vara. 2 — Airo. Edil. 3 — Mil. Ris. 4 Aonde. 5 — AC. Ar. 6 — Remi. Sara. 7 — Mia. Céu. 8 — Migar. 9 — Dá. Sãs. Er. 10 — Cri. Aru. 11 — Covadonga.

VERTICAIS: 1—Má. Par. MDCC. 2 — Mim. Cem. Aro. 3 — Cria. Mim. IV. 4 — Coloniais. 5 — Gand. 6 — Verdascas. 7 — Adie. Aer. An. 8 — Ris. Aru. Erg. 9 — Al. Ira. Grua.

DISCRIMINAÇÃO
contra os diplomatas africanos
nos Estados Unidos

CHARLSTON, 7. — O segundo-secretário da Embaixada da Nigéria em Washington, C. Uchuno, revelou ontem que, num restaurante de Charlottesville, um empregado se recusou a servi-lo e mandou-o comer fora do estabelecimento.

Uchuno mostrou-lhe o seu cartão de identidade diplomático, e insistiu em sentar-se no interior do restaurante, explicando ao criado que não havia lugar na esplanada. Depois de tomar o pequeno almoço, Uchuno pediu uma segunda chávena de café, mas o criado recusou-se a servi-la.

Comentando o incidente, o diplomata disse: «Depois de uma experiência destas, não posso estar muito contente. Queixo-me de ter sido vítima de uma discriminação que não existe contra os brancos na Nigéria». — (Reuter).

UM MILHÃO
DE CONTOS
para guiar à direita

ESTOCOLMO, 7 — O custo da mudança do transito da esquerda para a direita, em 1965, está calculado em 325 milhões de coroas suecas (1 885 mil contos). Uma previsão idêntica, calculada em 1959, havia indicado sómente 210 milhões (1 218 mil contos).

O estudo feito agora acentua que o adiamento da mudança agravou o seu custo e que os inconvenientes do transito á esquerda se acentuam constantemente.

As principais verbas previstas agora são 1 125 200 contos para a conversão dos autocarros, 255 200 para conversão dos carros eléctricos, e 348 mil para arranjo das ruas e [illegible]das. — (A. N. I.).

Um comando militar conjunto
e uma assembleia consultiva africana
aprovada na Conferência Pan-Africana hoje terminada em Casablanca

CASABLANCA, 7 — A Conferência Pan-Africana anunciou hoje, na reunião plenária de encerramento, a criação de um comando militar africano conjunto.

A Carta do Continente Africano, publicada no final da conferência de Chefes de Estado, anuncia, também, a criação de uma assembleia consultiva, que começará a funcionar logo que as condições o permitam.

A carta prevê, também, a criação [illegible] comissões económicas, políticas e culturais, que coordenarão os esforços das nações africanas naqueles sectores. Dentro de três meses, efectuar-se-á uma reunião de técnicos, que estudarão a concretização das resoluções aprovadas pela conferência.

Sobre o Congo, o comunicado final diz que os países participantes na conferência se reservam o direito de «tomar decisões adequadas se as Nações Unidas não actuarem imediatamente para desarmar as tropas de Mobutu e libertar Patrice Lumumba».

O comando militar africano reunirá, periódicamente, «para garantir a defesa comum da Africa contra agressões do exterior e salvaguardar a segurança de cada um dos países membros».

A conferência reafirma o seu respeito pela Carta das Nações Unidas e pelos princípios da Conferência de Bandung, com vista á cooperação entre os povos e á paz internacional.

Finalmente, faz um apelo a todos os países africanos independentes para que se associem á Conferência Pan-Africana, a fim de promoverem a unidade da Africa e a libertação de todos os territórios africanos.

Na Conferência de Casablanca, convocada por Mahomed V, rei de Marrocos, participaram também os chefes de Estado de Ghana, Guiné, Mali, R. A. U., e representantes da Líbia, de Ceilão e do «G. P. R. A.». Numa moção acerca da Argélia, a Conferência daclara:

«— A sua determinação de auxilar o povo argelino e o «Governo Provisório da Republica da Argélia», por todos os meios, na sua luta pela independnêcia da Argélia;

«— apela para todos os povos que apoiam o povo argelino na sua luta pela libertação nacional, para reforçarem o seu auxílio político, diplomático e material ao «Governo Provisório da Republica da Argélia»;

«— denuncia o auxílio prestado pela N. A. T. O. á França na guerra de reconquista colonial que esta prossegue na Argélia;

«— convida todos os países a evitarem, sem demora, que os seus territórios sejam directa ou indirectamente utilizados para operações contra o povo argelino;

«— aprova o alistamento de Africanos e outros voluntários no Exército Nacional de Libertação;

«— convida todos os Governos que ainda o não fizeram a reconhecer o «Governo Provisório».

«— conclui que a continuação da guerra na Argélia obriga os países participantes a reconsiderar as suas relações com a França;

«— opõe-se á divisão da Argélia, rejeita qualquer solução unilateral e qualquer Constituição outorgada ou imposta». — (R., A. N. I. e F. P.).

De Gaulle transformou o referendo
numa questão de confiança na sua política
— afirma a Imprensa francesa de hoje

ARGEL, 7 — No segundo dia do referendo na Argélia, as secções de voto abriram hoje, em seiscentas aldeias e vilas, rodeadas das maiores precauções de segurança. Ontem, á noite, em Argel, a população mussulmana voltou a manifestar-se ruidosamente, apesar da hora do recolher obrigatório.

Entretanto, foi anunciado que amanhã, quando se realizar a votação em Argel, serão fechadas ao tráfego as ruas principais, para se permitir ás forças de segurança acorrer com a rapidez necessária aos locais onde forem necessárias para restabelecimento da ordem.

O jornal liberal desta cidade «Le Journal» pede, hoje, um voto a favor do Governo, ao passo que o «Echo d'Alger» se pronuncia pelo «não» e afirma que «o regime está a acentuar a sua evolução para o poder pessoal».

As autoridades francesas informam que os muçulmanos continuam a ir pacíficamente ás urnas.

Os incidentes ontem registados, durante os quais soldados franceses abateram cinco muçulmanos, quando estes tentaram impedir os seus irmãos de raça de votarem, não passam de casos esporádicos — sublinha-se.

Um dos incidentes deve-se a um grupo de muçulmanos que marchou na direcção de uma das assembleias de voto, empunhando uma grande bandeira verde e branca. Foi aberto fogo, a fim de se evitar uma possível perturbação da ordem. Um dos manifestantes morreu e cinco ficaram feridos.

Na mesma região, um soldado muçulmano foi obrigado a disparar, em circunstancias idênticas, sobre manifestantes, tendo morrido quatro deles. Também explodiu uma bomba no centro de Argel, próximo do quartel-general da Polícia, causando pequenos prejuízos. — (R. e A. N. I.).

A MAIORIA DOS FRANCESES VOTARÁ «SIM».

PARIS, 7 — Uma sondagem da opinião publica, efectuada há dias, indicou que a maioria dos franceses metropolitanos confia em que de Gaulle encontre uma solução para o problema argelino.

A sondagem foi efectuada pelo Instituto Francês da Opinião Publica, de um a três de Janeiro, e contou com o apoio de cerca de setenta por cento da população.

Treze por cento dos inquiridos recusou-se a responder ou afirmou não ter opinião.

Em resposta á pergunta «Pensa que é missão da França ajudar a transformação da Argélia?» 66 por cento respondeu «sim», 11 por cento «não» e 23 por cento não manifestou opinião.

O Instituto julga que a consulta da opinião publica revela que muitos cidadãos não tinham ainda decidido como votar no referendo sobre a Argélia, e salientou que uma resposta afirmativa não quer, necessáriamente, significar um «sim» á politica de de Gaulle. — (A. N. I.).

DEZ PRISÕES EM PARIS

PARIS, 7 — Nas ultimas vinte e quatro horas foram presas dez pessoas, em consequência dos atentados á bomba ontem registados em Paris, segundo anunciou hoje a Polícia.

Quatro dessas pessoas foram postas em liberdade, mas seis continuam detidas para interrogatório. A Polícia continua a fazer buscas na área de Paris, para encontrar mais elementos relativos ás explosões. — (R.).

COMENTÁRIOS DA IMPRENSA AO DISCURSO DE DE GAULLE

PARIS, 7—Muitos jornais desta capital consideram a emissão feita ontem, pela Televisão, pelo general de Gaulle, pedindo uma resposta afirmativa no referendo sobre a Argélia, como um apelo para um voto pessoal de confiança.

O conservador «L'Aurora» diz: «... O «sim» e o «não» contarão no fim muito menos a favor ou contra uma determinada politica argelina que a favor ou contra o próprio general».

O jornal lamenta, ainda, que o general de Gaulle não se refirisse mais ás garantias aos Franceses — Europeus e Muçulmanos — da Argélia, se a França fosse, eventualmente, forçada a abandonar o território.

O «Combat» escreve: «Não é só uma questão de confiança. O chefe do Estado solicita, de um modo urgente e comovedor, um acto de fé nele próprio».

O jornal diz, no entanto, que a confiança não fará desaparecer os factos, acrescentando: «A confiança pode aumentar a coragem para subjugar os receios, mas não os pode abolir».

O popular «Paris-Jour» declara: «Aos Franceses foi directamente posta a questão de confiança pelo presidente da Republica, sem o Parlamento ter de intervir.

«Este procedimento, em outros assuntos, seria inaceitável. Mas, na medida que o drama argelino se relaciona com o destino de cada um de nós e, talvez, com a paz ou a guerra no Mundo, pode ser justificado». — (R.).

OS PLANOS PARA A ARGÉLIA ARGELINA

PARIS, 7 — Os argelinos «controlarão» o seu orçamento e administrarão as suas cidades e aldeias, sob o regime provisório que de Gaulle estudou para o território, como preludio para a semi-independência — informam, hoje, fontes dignas de crédito.

Um informador afirmou que de Gaulle começou a trabalhar no plano antes do Natal, e tenciona torná-lo publico depois de se conhecerem os resultados do referendo, desde que obtenha o apoio da maioria.

Os resultados devem ser conhecidos por volta do dia 16, segundo o mesmo informador, que salienta ficar a França a controlar a defesa da Argélia e as relações externas do território, bem como as telecomunicações e a circulação fiduciária.

A França continuará também, de acordo com o plano de de Gaulle, a orientar o ensino superior e secundário e os escalões elevados da Polícia.

A Polícia das cidades, vilas e aldeias seria, porém, colocada sob a autoridade de um organismo executivo provisório argelino.

A administração das cidades e de vários departamentos e regiões da Argélia seria, igualmente, atribuída a argelinos. — (A. N. I.).

A Espanha
defende
a «presença» francesa no Norte de Africa

PARIS, 7. — Na agenda das conferências politicas que se realizarão nesta capital, num futuro próximo, tem especial relevancia para a França e para a Espanha a visita do ministro dos Assuntos Exteriores espanhol, Fernando-Maria Castiela, ao seu colega francês Maurice Couve de Murville.

Afirma-se que o generalíssimo Franco está sériamente apreensivo com os recentes acontecimentos no Norte de Africa, que fazem prever a possibilidade de poderem o Marrocos, a Tunísia e, eventualmente, a Argélia, cair, abertamente, sob a influência comunista.

Daí a crescente impressão em Paris de que Franco procura encorajar plenamente uma política de «presença» francesa no Norte de Africa, com De Gaulle na chefia da França, ou mesmo sem ele, se o general desaparecer da cena política. — (A. N. I.).

OS GREVISTAS
NÃO DESISTEM

BRUXELAS, 7 — A União dos Sindicatos Socialistas, após uma reunião que durou cinco horas, resolveu prosseguir o movimento grevista. — (A. N. I.).

ENSOPADO DE ENGUIAS
Famoso prato
do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS

RESERVAS DA A. F. L.

O Sporting venceu o Belenenses
no jogo mais importante desta tarde

Belenenses, 0-Sporting, 4

Jogo no Restelo. Árbitro: Manuel Barreiro da Silva. As equipas:

BELENENSES — José Maria; Medeiros e Bento; Cravo, João e Moreira; Dimas, Potengi, Aurélio, Abdul e Rosendo II.

SPORTING — Carvalho; Morais e Alexandre; Ferreira Pinto, Lucio e Alexandre Baptista; Monteiro, Vadinho, Carlos Manuel, Diego e João Baptista.

A primeira parte decorreu com vantagem do Sporting que, aos 3 minutos, abriu o activo com um tento de João Baptista, num remate de longe.

Os «azuis» reagiram e conseguiram criar duas situações de perigo, a que Carvalho se opôs com decisão, embora cedendo «cantos».

Aos 30 minutos, Vadinho na sequência de um «livre», fez 2.º tento para os «leões». Cinco minutos volvidos, o Sporting desperdiçou uma grande penalidade — apontada por Lucio á figura de José Maria. E após um golo anulado aos visitantes atingiu-se o intervalo com o Sporting a vencer por 2-0.

A segunda parte decorreu falha de interesse. No entanto, o Sporting, ainda que sem jogar bem, fez mais dois golos aos 39 minutos por Ferreira Pinto e no ultimo instante por Lucio, a transformar um livre.

Acabou: Belenenses, 0-Sporting, 4

Oriental, 0-Benfica, 2

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema». Arbitro: Francisco Nogueira.

As equipas:

ORIENTAL — Soares; Morais II e Siborro; Cordeiro II, Correia e Carvalho; Viriato, Vasco, Lopes, Fausto e Raposo (depois Honório).

BENFICA — Ramalho; Humberto e Mário João; Amandio, Pinto e Saraiva; Moreira, Espírito Santo, Torres, Inácio e Carlitos.

Durante a primeira parte os benfiquistas desfrutaram de superioridade. Torres falhou uma grande penalidade aos 7 minutos. Cinco minutos depois, Mário João, na sequência de um livre indirecto conseguiu bater Torres.

Ao intervalo: Oriental, 0- Benfica, 1.

Na 2.ª parte as características do encontro mantiveram-se — quer dizer: os *encarnados* continuaram a atacar. O golo tardou, porém, pois só aos 29 minutos, por intermédio de Espírito Santos é que o Benfica consolidou a sua vantagem, vindo o desafio a findar com a vitória dos visitantes por 2-0.

Atlético, 0-Torriense, 0

Jogo na Tapadinha. Arbitro: Américo Machado. As equipas:

ATLÉTICO — Fura; Cipriano e Ferreira; Candeias, Alcides e Pereira Correia; Gralho, Torais, Amador, Filá e Hernani.

TORRIENSE — Aurélio; Raul e Mergulho; Alfredo, Nuno e Cecílio; Miranda, Jerónimo, José Augusto, Mendes e Francisco João.

Durante a primeira parte a partida decorreu equilibrada e com as duas equipas a exibirem futebol de fraca qualidade. As oportunidades de golo foram escassas. Ao intervalo, 0-0.

O intervalo não modificou a fisionomia da partida. O jogo continuou a não agradar, merecendo, apenas, uma referência duas «perdidas» do Torriense.

Ao fim: Atlético, 0-Torriense, 0.

Sacavenense, 4-Estoril, 0

Jogo em Sacavém. Arbitro: António Carrola. As equipas:

SACAVENENSE — Taborda; Jerónimo e Abreu; Sorrilha, Rui e Olvieri; Rocha, Marques, Romão, Jaime e Mata.

ESTORIL — Patrício; Ferreiro e Américo; Leitão, Helder e Palmiro; Félix, Monteiro, Peres, Rodrigues e Chico.

Até ao quarto de hora houve equilibrio e daí em diante os locais apareceram mais vezes ao ataque, sem que lograssem abrir o activo.

Ao intervalo, 0-0.

Na 2.ª parte, o Sacavenense lançou-se mais abertamente ao ataque. Aos 10 minutos, Romão fez 1-0; aos 18 e aos 25, Jaime elevou a marca para 3-0; e, finalmente, aos 43 minutos, Marques fixou o resultado em 4-0, a favor do Sacavenense.

Diario de Lisbôa
magazine

Figura equestre de um guerreiro, obra de um artista do reino de Benin, na Nigéria

Com quem se parecerá o bebé de Margarida?

Semana sim semana não, os jornais populares britanicos anunciam que a princesa Margarida estaria para ter um bebé. Estudam-se atentamente as suas ultimas fotografias, citam-se frases soltas ouvidas a criados da família real, interpretam-se gestos, aponta-se a menor comparência da princesa a festas, tudo, afinal, para chegar a uma conclusão que os factos implacàvelmente continuam a desmentir. Volta agora a dizer-se que Margarida está no seu estado interessante — como por mau gosto se lhe costuma chamar. Se assim for, perguntam-se os Ingleses (e principalmente as Inglesas de todas as idades), com quem se parecerá o bebé. Sairá a Margarida ou ao Tony? E a própria princesa, a quem o título não roubará o sentir de mãe, perder-se-á a conjecturar respostas a estas perguntas.

O nosso verdadeiro bilhete de identidade são os nossos cromossomas. Todos sabemos, por observação quotidana, que cada criança perde, o comum das vezes, traços do pai e da mãe. E' que cada um dos pais fornece ao novo ser exactamente metade dos seus cromossomas. Os cromossomas, filamentos microscópicos do nucleo, são a base material da hereditariedade, o veículo que transmite as caracteristicas de uma geração á geração seguinte. São os cromossomas que contêm os genes, factores que determinam os caracteres particulares de cada indivíduo e o modo como estes se transmitem de pais para filhos. Há genes dominantes e recessivos: os genes dominantes prevalecem em três quartos dos casos. São os genes recessivos,

(Continua na 12.ª página)

Onde se fala de cromossomas e genes

Como um artista traça o esboço de um retrato, tentemos, recorrendo á genética, prever os traços dominantes do bebé.

Esta fotografia de Margarida e Tony foi publicada em quase todos os jornais do Mundo, quando foi anunciado o noivado de ambos

As grandes civilizações africanas e o que delas ignoramos

Quando se fala em África — e sobretudo da região que começa ao Sul do Sahara — como de um «continente sem história», o que se diz na realidade é que se trata de um conhecimento cuja história, por infelicidade, é desconhecida do resto do Mundo. Não faltam razões para explicar esta ignorancia. Em parte, porque continuamos a ser absurdamente etnocêntricos: para quase todos nós, a «História» é a história nacional ou, quando muito, «Europeia» ou «Ocidental». Se, nos nossos estudos, encontramos uma ou outra data da história africana, é porque estamos a tratar da «expansão europeia». No entanto, a nossa ignorancia da história da Africa Ocidental deve-se também ao facto de os documentos sobre o período medieval, isto é, até 1500, procederem quase todos de fontes arábicas. Foram poucos os arabistas que se interessaram pela região que se estende ao Sul do Sahara, e muito poucos os estudiosos da África, na sua maioria Franceses ou Africanos formados na tradição francesa, que se encontram preparados para trabalhar com materiais árabes. Finalmente, há que reconhecer que, em certa medida, somos vítimas da mentalidade colonial: aceitamos com dificuldade que os Africanos tenham tido durante séculos as suas civilizações aborígenes. A primeira ideia que nos veio foi tentar vender-lhes a nossa.

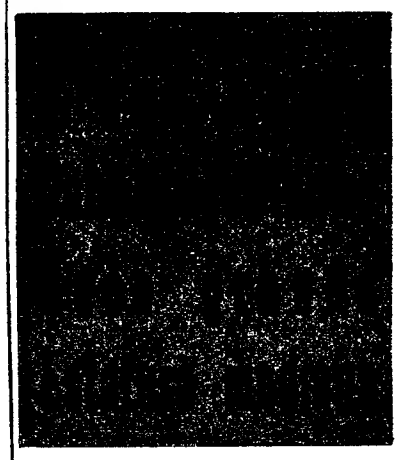
Um magnífico exemplo da arte dos Baule, povo da Costa do Marfim

Na realidade, existiam civilizações extraordinàriamente interessantes, pelo menos desde o século VII, e, provàvelmente, muito antes, na região que os Arabes conheciam pelo nome de **bilád al-súdán**, que significa, literalmente, «o país do povo negro», mas que se empregava para designar a grande zona de savanas que se estende ao Sul do Sahara, desde o Atlantico até ao Mar Vermelho. Os principais Estados do Sudão Ocidental tinham certas características comuns. A sua riqueza era devida principalmente ao «contrôle» do extremo meridional das estradas comerciais transarábicas, pelas quais exportavam para a Africa do Norte, e daí para a Europa, grandes quantidades de ouro, e também escravos, marfim e nozes de cola, recebendo em troca cobre, conchas que serviam de moedas, tecidos, cavalos, gado e contas de vidro. Esses estados estabeleceram formas de governo relativamente centralizadas, com dinastias de reis que se consideravam de origem divina e que, na maioria dos casos, se mantiveram no poder com uma continuidade notável, como, por exemplo, a dinastia Sefawa, que reinou em Kanem-Bornu, durante um milénio aproximadamente, desde o século IX até ao século XIX. Havia uma complicada hierarquia de funcionários dependentes do palácio, um minucioso cerimonial cortesão, consideráveis forças armadas, divididas em cavalaria, infantaria e elementos móveis, organizadas dentro de quadros feudais, e uma administração que, em tempos normais, era capaz de manter a ordem e receber os impostos mesmo nas províncias mais distantes do reino. No século XI, a família reinante e

(Continua na 12.ª página)

Alheias aos problemas que preocupam os mais crescidos, as crianças têm em si um inesgotável potencial de fraternidade. Homens do futuro, merecem o carinho e amparo dos homens do presente

(Ler reportagem na página central)



nantes e recessivos, são a base material da he-

(Continua na 12.ª página)

Lenga-lenga da formiga e a neve

A formiga vai á serra,
E seu pé na neve prende.

— Ó neve! Tu és tão forte
Que meu pé em ti se prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que a luz do Sol me derrete.

— Ó Sol! Tu és tão forte
Que derretes a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer nuvem me tapa.

— Ó nuvem! Tu és tão forte
Que tapas a luz do Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer vento me espalha.

— Ó vento! Tu és tão forte
Que espalhas a negra nuvem,
A nuvem, que tapa o Sol,
O Sol que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer muro me veda.

— Ó muro! Tu és tão forte
Que vedas o rijo vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem, que tapa o Sol.
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer rato me fura.

— Ó rato! Tu és tão forte
Que furas o grosso muro,
O muro, que veda o vento;
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol.
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer gato me come.

—Ó gato! Tu es tão forte,
Que comes o esperto rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que um cãozinho me mata.
—Ó cãozinho! És tão forte
Que matas o bravo gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que um pauzinho me bate.

—Ó pauzinho! És tão forte
Que bates no cão valente,
O cão que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer lume me queima.

— Ó lume! Tu és tão forte
Que queimas o duro pau,
O pau, que bate no cão
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer água me apaga.

— Ó água! Tu és tão forte,
Que apagas o vivo lume,
O lume que queima pau,
O pau, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer cabra me bebe.

— Ó cabra! Tu és tão forte,
Que bebes a fria água,
A água que apaga o lume,
O lume que queima o pau,
O pau, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que meu pé prende.
— Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer faca me mata.

— Ó faca! Tu és tão forte,
Que matas ligeira cabra,
A cabra, que bebe a água,
A água que apaga o lume,
O lume que queima o pau,
O pau, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha nuvem,
A nuvem que tapa o Sol,
O Sol, que derrete a neve,
A neve que o meu pé prende?
— Eu, formiga, sou tão forte
Que num ai se perde o corte.

Desde o alto até ao fundo,
Nada é forte neste Mundo.

(Popular — Da Ilha da Madeira. Recolhido por Teófilo Braga)

Puxem pela cabeça

I

Substituam os pontos por letras, de modo a obterem nomes de flores que sejam ao mesmo tempo nomes de pessoas.

J . . . . . .
. . . A
. . R . . . . .
D . . . .
. . . . I . .
M . . . . . .

II

**Qual é a coisa, qual é ela,
Do tamanho de uma abelha
E enche a casa até á telha?**

III

**Estando a senhora Dona Branca
Muito bem repimpada,
Veio de lá o senhor Barbaças
E deu-lhe uma bofetada.
O que é?**

Mandem as soluções até ao próximo dia 14. Assinem o vosso nome, indiquem a idade (anos e meses) e a direcção. Temos livros e brinquedos para sortear pelos amiguinhos que mandarem as soluções certas.

SOLUÇÕES

Soluções das adivinhas publicadas em 17 de Dezembro passado:

1 — O caracol; 2 — 9600 tostões; 3 — 9 círculos.

BRINDES

Entre os amiguinhos que mandaram as soluções certas, foram contemplados com livros, por sorteio, os seguintes: Fernando António Vaz Moreira da Silva, de Peso do Minho; Maria Manuela Vaz da Rocha Vidal, de Lisboa; Leonor da Costa Paula, de Condeixa-a-Nova; e Maria Luísa Franco, de Lisboa.

Muitos parabéns.

Todos os meninos podem escrever á Tia Luísa, Rua Luz Soriano, 44. Lisboa, uma cartinha, falando do que lhes apetecer: do que gostam, da terra em que vivem, da sua escola, dos seus companheiros e brincadeiras, etc. Assinam, indicam a idade, (anos e meses) e a direcção

Essas cartinhas serão aqui publicadas, e, assim, os sobrinhos da Tia Luísa ficarão a conhecer-se um pouco. Começarão a pensar uns nos outros, a sentir que se dão as mãos e tomam parte na grande roda de amizade que há-de dar a volta a Portugal inteiro. Ora então... vai de roda, siga a roda!

*

Eu quero contar uma anedota. Era uma vez um menino que foi para cima para o quarto deitar-se, e a mãe ficou cá em baixo na casa de jantar a fazer serão. Depois o menino levantou-se da cama, e chegou ao cimo da escada e disse assim:

— Ó minha mãe, dá-me um copo de água.

E diz assim a mãe:

— Agora não são horas de beber água. Vai para a cama e dorme.

— Ó minha mãe, mas tenho sede, dá-me beber água.

— Não, que te faz mal. Vai para a cama e dorme.

— Ó minha mãe, é só uma pinguinha de água.

— Ai, ai, ai. Se eu vou lá acima dou-te dois açoites.

E diz então o menino assim.

— Ó minha mãe, quando vier cá acima dar-me dois açoites, traz-me uma pinguinha de água?

JÚLIA MARIA
(8 anos)

*

Jorge Manuel. gostei muito da tua cartinha. Deves-te sentir feliz por ter o mar perto da tua casinha; porque eu também gosto muito do mar, todos os anos vou passar 20 dias na Praia de Ancora.

Entretenho-me a pescar e a brincar na areia.

Este ano pesquei 8 peixes e 3 enguias.

FERNANDO ANTÓNIO
(9 anos e 4 meses)

"O SENHOR H"
é um homem atribulado
e um poeta divagador

«O SENHOR H»

O homem mais conhecido, ou pelo menos mais falado e discutido, em todo o Mundo é o cidadão sueco Dag Hammarskjoeld. Conta, actualmente, 55 anos e aos 48 ascendeu ao elevado posto de secretário-geral da Organização das Nações Unidas. E é isso que lhe dá tão larga e retumbante notoriedade, embora seja, também, escritor de prestígio e reconhecidos méritos e um dos «imortais» da Academia Sueca.

O «Senhor H», assim vulgarmente conhecido (evitando esta abreviada designação todas as dificuldades e enroscamentos da língua para se pronunciar o seu arrevezado nome sueco), o «Senhor H» é um homem extraordinário, de multiplas capacidades e dinamicas actividades, as quais, sendo contraditórias, nele se conjugam harmoniosamente, acentuando uma personalidade marcante. Estadista, diplomata, banqueiro, economista é, também, um poeta, contemplativo, que adora ouvir musica. Desse contraste entre as coisas do mundo tangivel e o sonho pelas paragens das fagueiras abstracções e das fantasias poéticas, resultarão, também, possivelmente, as difíceis situações em que se vê o secretário-geral da O. N. U. Ele próprio teria declarado há pouco, a um jornalista que lhe perguntava em que medida o poeta não estorvaria o homem de acção:

— Sim! sou um poeta! E como os poetas tenho os olhos nas alturas e os pés fincados em terra. Mas o chão que piso é movediço e explosivo...

Como um dos pares eminentes da Academia Sueca, foi decisiva a influência de Hammarskjoeld na concessão do «Prémio Nobel» da Literatura, este ano, ao poeta francês Saint-John Perse (o embaixador Alexis Leger, que tem assim, também, como o «Senhor H» a afinidade diplomática).

Um dos confessados prazeres do famoso «Senhor H» (evasão do ambiente complicativo da engrenagem internacional) é traduzir os poetas da sua particular estima. Quando, por exemplo, era mais aguda e perigosa a crise no Congo, exigindo toda a atenção do secretário-geral da O. N. U., trasladava para sueco o recente livro de Perse, «Chronique». Pouco antes, concluira a tradução da peça norte-americana «Antiphone», de Djuna Barnes.

Ouçamos a confissão do atribulado secretário-geral da O. N. U. e divagador poeta a outro jornalista que o entrevistou:

— Gosto de ler; e traduzir é uma forma de ler com mais profundidade. Um poeta não tem apenas um valor absoluto, mas, tambem um valor relativo. Como poderia eu apreciar plenamente Saint-John Perse se não conhecesse, também, do mesmo modo, Aragon, Superville ou Henri Michaud?

E conhecerá bem os homens de todas as raças, que não são poetas, este poeta que tem nas suas mãos os destinos do Mundo onde o ambiente não vai muito de feição para os contemplativos devaneios poéticos?

Penteie-se no grande cabeleireiro de senhoras

Não precisa de esperar
Não é preciso fazer marcações

Uma grande equipa de técnicos sob a direcção dos mestres

M. BRITO e M. NOGUEIRA

TRATAMENTO DE CABELO

Silueta

* Tratamento de beleza
* Boutique de modas
* Cafeteria
* Banhos de sudação finlandesa

SAUNA

GRANDE CABELEIREIRO DE SENHORAS
EVA, L.DA
PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 1-2.º
Palácio da Rotunda
TELEF. P.P.C. 736116-7-8 — LISBOA

Xadrez para todos

ABERTURA do peão de dama

No prefácio do seu livro «A Abertura Moderna **1. P 4d!»**, *o grande mestre internacional Bogoljubow considera esta abertura, designada também «do Peão de Dama», uma arma temível. Por isso ela veio destronar a Abertura do Peão de Rei, que teve o monopólio dos torneios durante séculos. Esta era então a eleita, não só dos mestres, como de todos os praticantes, em consequência de proporcionar o desenvolvimento rápido das peças e de permitir, logo no princípio da partida, a organização de um ataque directo ao ponto mais vulnerável da posição inimiga. Os principiantes, todavia, devem adoptar a Abertura do Peão de Rei* **(1. P é4)**, *porque esta proporciona partidas mais simples, isto é, mais fáceis de conduzir, como a seu tempo verificaremos.*

Vem isto a propósito da partida que em Leipzig o campeão britânico ganhou ao campeão do Mundo, e que transcrevemos no ultimo numero para regalo dos leitores. O Inglês presenteou o Russo com a Abertura do Peão de Dama, e o campeão do Mundo respondeu com uma defesa irregular, conhecida por «Defesa Nimzowitsch», e prosseguiu com uma linha de jogo de que é especialista e tem contribuído largamente para a longa série de vitórias que já obteve. O campeão do Reino Unido não se preocupou com a táctica do adversário e, aparentemente, ganhou a partida com relativa facilidade.

Oferecemos hoje aos cursistas uma análise da famosa partida. Análise simples, propositadamente superficial, como convém aos principiantes. Desse trabalho se encarregou, a nosso convite, o «alekhinista» Mário Santos, filiado na Associação de Xadrez de Lisboa, xadrezista de largos recursos e que tem marcado posição excelente em torneios oficiais e interclubes. Os cursistas de «Xadrez para Todos» beneficiarão imenso se observarem atentamente os seus comentários simples e racionais, claros e fácilmente compreensíveis.

Análise superficial de uma partida famosa

1. d4,
Este movimento inicial caracteriza a Abertura do Peão de Dama.
1. ..., C f6;
Uma das respostas á abertura escolhida pelas Brancas. Chama-se «Defesa Nimzowitsch» e é considerada irregular. A regular seria **P d5.**
2. ç4,
As Brancas, de momento, prescindem do desenvolvimento rápido das peças, mas este movimento, em compensação, cria imediatamente uma tensão no centro do tabuleiro, por intermédio dos Peões, que coloca o adversário perante problemas difíceis durante muito tempo. Por outro lado, a Dama fica com uma diagonal aberta.
2. ..., é6;
Abre a diagonal ao Bispo e prepara o roque.
3. C ç3,
Desenvolve uma peça e reforça o domínio sobre a casa **d5.**
3. ..., ç5;
Jogada predilecta do campeão do Mundo. Tentativa para desorganizar o ataque inimigo.
4. d5,
Contrariando a defesa das Negras.
4. ..., éxd;
Para evitar que as Brancas penetrem no sistema defensivo.
5. çxd,
Recuperando a desvantagem de um Peão.
5. ..., d6;
Impede o avanço do Peão inimigo e abre a diagonal ao Bispo de Dama.
6. é4,
Abre a diagonal ao Bispo de Rei e consolida a posição no centro.
6. ..., g6;
Com o intuito de levar o Bispo a **g7.**
7. B d3,
Novo reforço da posição central, que facilita o roque.
7. ..., B g7;
Tomando a grande diagonal negra.
8. Cg — é2,
Aproximando o Cavalo do centro e preparando o roque.
8. ..., 0 — 0;
9. 0 — 0,
9. ..., a6;
Preparando o avanço do Peão a **b5.**
10. a4,
Prevenindo a hipótese do avanço do Peão **b** das Negras.
10. ..., D ç7;
Tentativa de ataque na ala da Dama e preparando o ataque ao Bispo com o Peão **ç.**
11. h3,
Para evitar que o Bispo ou o Cavalo negros ocupem a casa **g4.**
11. ..., Cb — d7;
Aproximando o Cavalo do centro.
12. f4,
Impedindo que o Cavalo se instale em **é5.**
12. ..., T é8;
Para a Torre entrar imediatamente em jogo, dominando desde já a coluna.
13. C g3,
Reforçando a defesa do Peão **é4.**
13. ..., ç4;
Ataque ao Bispo.
14. B ç2,
O Bispo escapa-se ao ataque do Peão.
14. ..., C ç5;
Tentando eliminar a pressão das Brancas no centro. O Bispo **ç2** não pode mover-se sem correr o risco de ser capturado pelo Cavalo.
15. D f3,
Preparando subtilmente um ataque na ala de Rei.
15. ..., Cf — d7;
O Cavalo procura melhor posição num reagrupamento defensivo.
16. B é3,
Mais um movimento de desenvolvimento de peças que reforça o domínio no centro.
16. ..., b5;
As Negras dispõem-se a atacar na ala da Dama, para compensar a desvantagem no centro.
17. axb,
Trocando material.
17. ..., T b8;
As Negras cedem o Peão para melhorar a posição.
18. D f2,
Aparentemente inofensivo, este movimento da Dama é o preludio de uma ofensiva em grande estilo que Penrose retarda propositadamente.
18. ..., axb;
As Negras limitam-se a recuperar o Peão.
19. é5,
As Brancas tomam a iniciativa de um ataque imparável.
19. ..., dxé;
Captura necessária. Não se vislumbra outra jogada melhor.
20. f5,
Desmantelando o roque inimigo, insuficientemente defendido.
20. ..., B b7;
Tentativa de diversão, que tem o mérito de pôr as Torres em comunicação. O Bispo apossa-se da grande diagonal branca.
21. Ta — d1,
Defendendo o Peão central com mais uma peça.
21. ..., B a8;
Abrindo a coluna á Torre e defendendo o Peão.
22. Cç — é4,
Reforçando o ataque ao roque inimigo.
22. ..., C a4;
Ataque desnecessário a um Peão, com ameaça á Torre. As dificuldades das Negras aumentarão a partir de agora, sem cessar.
23. BxC,
A captura do Cavalo elimina a possibilidade de um ataque das Negras na ala da Dama.
23. ..., bxB;
Para evitar a desvantagem material.
24. fxg6,
Concretiza-se o ataque ao roque das Negras.
24. ..., fxg;
Captura forçada, devido á ameaça **gxf+, seguida de fxT.**
25. D f7 +,
Prossegue o ataque.
25. ..., R h8;
Unica.
26. C ç5,
Preparando o ganho de uma peça.
26. ..., D a7;
As Negras têm de se conformar com a perda de uma peça.
27. DxC,
Ganhando a peça.
27. ..., DxD;
Forçada.
28. GxD,
Assegurando a vantagem material.
28. ..., Txb;
Pequena compensação...
29. C b6,
O Cavalo ataca os Peões passados, protegido pelo Bispo.
29. ..., T b3;
Ataque ao Bispo, sem qualquer esperança de êxito.
30. Cxç4,
O cavalo ganha o Peão e defende o Bispo, da ameaça de Torre.
30. ..., T d8;
Ameaçando capturar o Peão central.
31. d6,
O Peão procurou a protecção do Cavalo.
31. ..., T ç3;
Ataque ao Cavalo protector do Peão central.
32. T ç1,
Defendendo o Cavalo, propondo a troca das Torres.
32. ..., TxT;
Aceitando a troca proposta.
33. TxT,
33. ..., B d5;
As Negras propõem a troca do Bispo pelo Cavalo, para depois atacarem o Peão central.
34. C b6,
Tentativa para eliminar o Bispo.
34. ..., B b3;
Conservando o Bispo para defender o Peão **a.**
35. C é4,
Defendendo o Peão.
35. ..., h6;
As Negras abrem outra casa de fuga ao Rei e impedem que o Cavalo vá a **g5.**
36. d7,
Aproximando mais o Peão.
36. ..., B f8;
Para vir a defender a Torre.
37. T ç8,
Procurando a troca de Torres.
37. ..., B é7;
Complemento da jogada anterior.
38. B ç5,
Procurando eliminar o Bispo **é7.**
38..., B h4;
Unica jogada possível.
39. g3,
Quebrando toda a resistência do Bispo inimigo, que será agora banido do tabuleiro. Depois deste movimento das Brancas, as Negras abandonaram a partida.

Mais isto e mais aquilo...

Um tal George Hammer foi condenado pelo tribunal de Hamilton, no Ontário (E. U.), por ter falsificado cheques no montante de 780 dólares, imitando as assinaturas de vários amigos que, amàvelmente, lhe enviaram mensagens de boas-festas.

● *Tóquio é agora a cidade mais populosa do Mundo, com 9 500 000 habitantes. As estatísticas revelam, porém, haver na capital do Japão mais 300 000 homens do que mulheres, caso talvez unico no Extremo Oriente, onde se verifica, por toda a parte, o contrário: menos homens e mulheres a mais.*

● **Os que escabicham as curiosidades resultantes das variadas combinações com a numeração do novo ano descobriram esta rara singularidade: que 1961, de cabeça para baixo, dá também 1961. E o achado vai permitir, certamente, a bruxos, videntes e cartomantes toda a sorte de profecias fantasmagóricas e absurdas.**

● *O famoso cientista Robert Oppenheimer, a quem chamam «o pai da bomba atómica americana», disse numa conferência que fez em Berlim: — «Se rebentar uma guerra nuclear não ficará gente que chegue para enterrar os mortos».*

● **Na região do Ruhr, o maior centro industrial da Alemanha, onde se regista, também, a maior densidade demográfica (1308 habitantes por quilómetro quadrado, no total, em numeros redondos, de seis milhões numa área de 4587 kms2), as chaminés das fábricas lançam, anualmente, sobre as cidades 600 000 toneladas de pó e fuligem, que dariam para carregar 150 000 vagões.**

● *Foi requerido na 3.ª Comarca da cidade brasileira de Natal o seguinte registo de nascimento:* Mefistófeles Canapum Idiossincrásico Pereira, *filho de* Xantipo Canapema Pereira *e* Escolástica Herculana dos Arrependidos Socráticos Pereira; *neto, pelo lado paterno, de* Altamirando Cezóstenes Canapema Pereira *e* Proserpina Ciática dos Desconhecidos Pinto Pereira *e, pelo lado materno,* de Sepulvedo Anacreonte Toledo de Alencastro Socrático e Silva *e* Sinergina Sezefredo Camareira e Silva.

● **Opinião manifestada pelo dr. Dwigth L. Wilbur, no Congresso de Gerontologia, há pouco reunido em San Francisco: — «Um homem envelhece se quando entra num restaurante olha para a ementa antes de olhar para as criadas, ou se lê o obituário no jornal antes de ler as notícias sensacionais».**

Quando e como [illegible]

Coisa que entra sempre nas previsões de bruxos, videntes e mágicos, entregues a toda a sorte de profecias estarrecedoras, no enlace da dobadoira dos anos, é o fim do Mundo.

Agora, um calabrês, que todo se ufana das suas certas previsões (antecipadamente feitas pelos meteorólogos) sobre as recentes e devastadoras inundações do Vale do Pó, anuncia que a Terra tem os seus dias contados até fins ou princípios de Junho próximo, pois, segundo misteriosas inscrições por ele descobertas e decifradas numa «pedra caída do céu nas montanhas da Calábria», o planeta transformar-se-á numa «bola de fogo, por efeito de um raio desferido pela cólera divina».

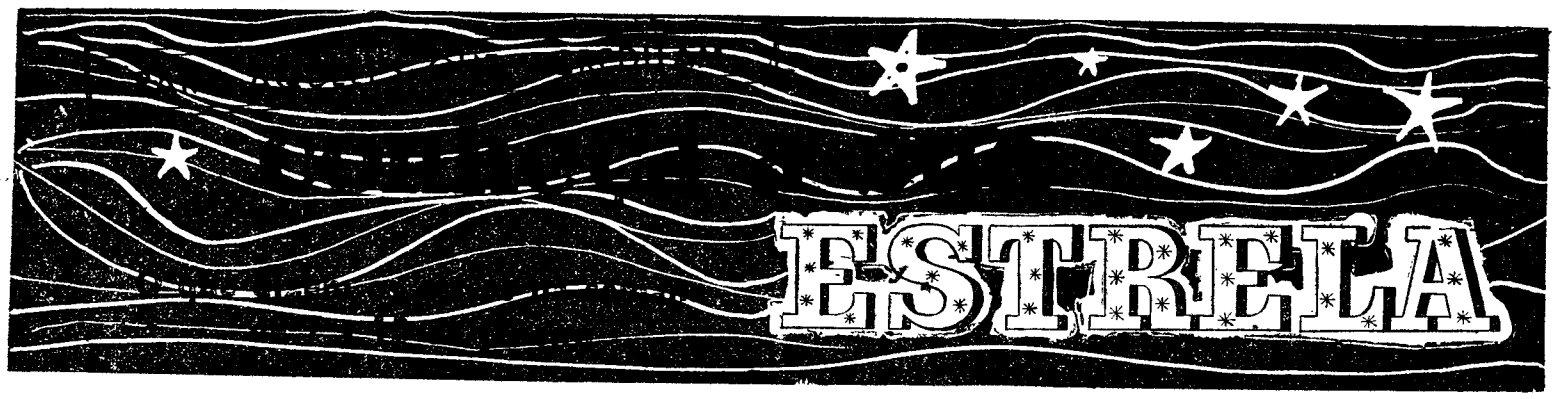
Estas coisas têm sempre eco nos largos domínios da superstição obscurecedora onde são fácilmente impressionáveis os espíritos fracos susceptíveis aos efeitos alarmantes de todas as crendices absurdas. Mas há, também, os que, influenciados ou não por tais profecias, querem saber a «coisa» de «ciência certa».

Assim, chegou até ao Serviço de Informações da UNESCO uma série de perguntas sobre quando e como acabará o Mundo. E a resposta foi a seguinte:

«A hipótese mais natural seria a explosão do Sol, depois de extintas as suas reservas de hidrogénio».

E quando ocorrerá a catástrofe? «Dentro de cinco biliões de anos, mais ou menos» — acrescenta, para tranquilidade dos timoratos, com este saboroso e irónico comentário: «Nesse dia, muita gente se queixará de que não foi prevenida...».

Lydiane Huet, de 20 anos, eleita «Miss França», é digna continuadora de uma tradição secular de beleza e encanto.



TIPOS ASTROLÓGICOS — 12

Características dos Peixes

É um signo do elemento Água, governado por Jupiter e Neptuno ao mesmo tempo. No reino vegetal, as energias procuram as substancias organicas. Na natureza humana, significa o fim de um ciclo de progressão que se renova. Na casa XII, designa analógicamente as coisas ocultas, os antagonismos, os inimigos disfarçados, as dificuldades, as reacções de toda a espécie engendradas pela actividade do nativo. Os Peixes simbolizam o extremo de um destino terrestre e a sobrevivência do espiritual para lá do espaço e do tempo a parte imortal do ser humano.

O temperamento do nativo deste signo é fleugmático-linfático. s lesões afectam o aparelho gastro-intestinal, os sistemas respiratório e nervoso. A sua individualidade apaga-se. Vive num fluxo e refluxo contínuo, como se flutuasse á deriva em todas as correntes de um vasto mar. Nómada por temperamento, é-lhe indiferente viver em qualquer terra. A sua pátria é universal. A sua felicidade consiste em querer ultrapassar os limites das coisas humanas, excedendo-se a si próprio.

A sua personalidade vive num labirinto de sincretismo, onde se perde e desintegra a sua estrutura, para além de si mesmo. A sua maior dificuldade consiste em realizar a sua unidade interior. As suas aspirações são imprecisas. O instinto de viver é fraco, a vida não significa nada para ele. O dinamismo organico é quase inexistente. A natureza psiquica é de uma grande inconsistência, o problema espiritual é uma nebulosa informe. Em baixo nivel social, o tipo Peixes é um fraco. O seu temperamento linfático condiciona em parte a fisiologia do seu carácter, que o faz viver para além do contingente. Como trabalhador não é um modelo de regularidade. Compraz-se na desordem, que desorienta a colectividade. As circunstancias e solicitações exteriores dirigem mais a acção do que a sua própria vontade, dão-lhe um sentido oportunista. É-lhe necessário meio favorável para dar algum rendimento de trabalho. Por isso precisa de sentir-se como peixe na água.

Reage sem discriminação a todas as disciplinas. Diante dos obstáculos, prefere esquivar-se. Diante do inimigo, serve-se do disfarce. Compraz-se em ilusionismos mistificadores. As suas mentiras fazem parte das suas realidades. Vive num remoinho de alucinação mística, irreal, numa dissolução da personalidade que o leva por vezes até á depravação, ao alcoolismo, ao suicídio, vítima de si próprio e dos outros por inadaptado. Se a força de vontade não for fortalecida desde criança por todos os esforços possíveis, a vida deste indivíduo será frustrada pela sua instabilidade e desprendimento de tudo. É evidente que o meio em que vive tem grande influência, e do tipo inferior ao superior vai todo um mundo de diferenciação, desde o homem que morreu para nos salvar até ao tipo mais baixo da Humanidade.

Carneiro

(De 21 de Março a 20 de Abril)

Tem todos os trunfos no meio do céu para vencer quaisquer dificuldades que se lhe apresentem. Não hesite em aproveitar a sorte que se lhe oferece neste período para melhorar a sua situação. Com algum dinamismo e energia, pode elevar a sua posição social. Na vida sentimental tem também boas influências para assuntos de casamento e ligações de amizade. Aproveite o dia 9, que é de bom augúrio. Saúde razoável. Dia desfavorável: 8.

Touro

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

A situação social está consolidada e mantém-se para os que desfrutam dela, favorecendo os esforços para aqueles que necessitam de a obter. O aspecto mental é excelente para realizar os seus projectos e criar novas iniciativas. Os bons aspectos de Vénus, que governa este signo, dar-lhe-ão ocasião de tirar deles partido, tanto na vida sentimental como familiar. A saúde, com bastante resistência física, mas precisa de não comer demasiado. Dia desfavorável: 9.

Gémeos

(De 22 de Maio a 21 de Junho)

A emotividade e a precipitação podem prejudicar os esforços que faz para melhorar a sua situação social. Terá de reprimir a impulsividade e de ser mais realista em novas responsabilidades que vai assumir, se está ligado por contratos com associados. O aspecto mental influenciará os negócios. A actividade e o dinamismo estão em boa forma. As relações de amizade e uniões conjugais são harmónicas. Atenção aos resfriamentos: os pulmões são sensíveis. Dia desfavorável: 10.

Caranguejo

(De 22 de Junho a 23 de Julho)

As influências planetárias favorecem, neste período, os contratos de trabalho, a vida conjugal e as relações em geral. O aspecto de Vénus com Marte em trânsito neste signo dar-lhe-ão a solução de vários problemas sentimentais. Conte com alguns imprevistos de ordem financeira. Terá de fazer face a algumas dificuldades. Saúde boa. Grande actividade e energia. Viagens importantes de negócios. Dia desfavorável: 9.

Leão

(De 24 de Julho a 23 de Agosto)

Muitos negócios em perspectiva, mas as transacções não são das mais felizes neste período. Tem a protecção e a consideração dos seus superiores. Haverá grande benevolência nas amizades para com os nativos deste signo, que atravessam um período crítico devido a uma depressão nervosa. A saúde é intermitente e necessita de cuidados especiais com o coração. Aborrecimentos com subalternos. Evite as discussões com os familiares, que lhe darão cansaço mental. Vida sentimental compensadora. Casamento feliz. Dia desfavorável: 10.

Virgem

(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)

Relações sociais proveitosas. Especulações felizes. Prazeres sentimentais e artísticos. Amores passageiros, inconstantes. Amizades novas. Influência decisiva na carreira profissional. Submissão sentimental feminina. Variação de sentimentos e de opiniões. Vida instável e contraditória. Saúde óptima. Dia desfavorável: 10.

Balança

(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)

Evolução sensível nos assuntos profissionais. Mudança feliz de situação. Momento decisivo para criar um lar pelo casamento. As operações imobiliárias ser-lhe-ão favoráveis, apesar de algumas divergências na família. No domínio social, as iniciativas devem aumentar-lhe o prestígio numa actividade com grande êxito, mas será bom não exagerar a tensão nervosa. O dia 9 é bom para a vida sentimental. Dias desfavoráveis: 8 e 10.

Escorpião

(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)

Em relação ás actividades lucrativas, é natural que tenha de haver algumas modificações com vantagem para aumento de ganhos. A correspondência e contratos terão grande importancia neste período; contudo, não deve ter precipitações nem desfalecimentos. O dia 9 é favorável ao dinamismo nas iniciativas. Saúde regular. Evite os excessos e não se excite demasiado. Dia desfavorável: 12.

Sagitário

(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)

As finanças melhoram pelo aumento dos ganhos, mas as despesas também tendem a aumentar. As transacções ser-lhe-ão favoráveis, assim como as pequenas viagens. Os aspectos relativos a coisas de arte e literatura são favorecidos pela posição de Vénus na casa III. Vida sentimental favorável ás alianças e ás uniões legais. As aspirações e as ambições serão coroadas de êxito. Saúde e vitalidade boas. Dia desfavorável: 10.

Capricórnio

(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)

Deve evitar a impulsividade e a temeridade nos empreendimentos ousados. Poderá resolver favoràvelmente os problemas profissionais, mas seja realista e prudente. Grande dinamismo empreendedor neste período, positivo para os interesses financeiros. As viagens ser-lhe-ão favoráveis. Vida sentimental com grandes satisfações da parte do cônjuge, com tendência para fazer despesas exorbitantes em artigos de luxo e prazeres. Saúde boa, mas atenção aos resfriamentos, que podem trazer-lhe complicações bronco-pulmonares. Dia desfavorável: 13

Aquário

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

Deve rever os projectos para poder afrontar as contrariedades que possam surgir. Este signo é dos mais contraditórios neste período, situação que se vai prolongar. Terá de encarar os reveses com serenidade. Grandes rivalidades de inimigos ocultos procurarão molestá-lo, se não estiver prevenido. A intuição pode beneficiá-lo e estimulará os actividades mentais e artísticas. No domínio sentimental, os aspectos planetários são favoráveis ás afeições, ás amizades amorosas. Saúde com tendência para melhorar. Dia desfavorável: 12.

Peixes

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

Vénus vai transitar durante todo este mês no ascendente, em bom aspecto com outros planetas, o que lhe dará grande optimismo e confiança para tirar partido das amizades, para viajar e fazer apreciar na convivência social todas as suas qualidades de carácter, que lhe darão grande prestígio. Aproveite este período, que lhe oferece boas perspectivas sentimentais, para realizar um casamento que lhe há-de proporcionar um lar harmonioso e feliz. A saúde pode ter imprevistos desagradáveis. Atenção ao regime alimentar. Dias desfavoráveis: 10 e 13.

Miniaturas de automóveis

fabricadas em Inglaterra

Há 14 anos, dois Ingleses com iniciativa e raras faculdades de trabalho, instalaram-se numa loja que estava quase a cair de velha, montaram lá uma prensa e começaram a fabricar modelos de automóveis, camiões e outros veículos em proporções exactas, mas em tamanho que não ultrapassa o de uma caixa de fósforos.

A petizada de todo o Mundo acolheu com entusiasmo os carrinhos iguais aos que via circular nas ruas e nas estradas e assim, os meninos de 92 países fizeram a fortuna daqueles dois Ingleses empreendedores e artistas.

De então para cá, a firma desenvolveu-se e hoje funciona num edifício construído de propósito para tal. Ali trabalham 1300 operários que produzem cerca de 1 milhão de modelos por semana.

Em 1953 — ano da Coroação — fabricaram um modelo do coche real a quatro parelhas e venderam mais de 1 milhão de exemplares.

Agora expuseram num hotel de Londres um modelo do «Rolls-Royce» tipo «Silver Ghost», ao lado do autentico carro que, em tempos que já lá vão, transpôs a distancia que separa Edimburgo de Londes — mais de 600 quilómetros — sempre em prise directa.

Coisas novas na ciência e na técnica

JÁ aqui apontámos alguns dos motivos da preferência dada pelos cientistas á mulher nos futuros voos espaciais, a qual é confirmada pelo dr. Randolph Lovelace, ao comunicar que o primeiro astronauta será uma senhora, Jerrie Cobb, de 29 anos, directora comercial de uma fábrica de aviões em Oklahoma. Foi escolhida por corresponder precisamente, além das razões biológicas, a estes requisitos essenciais: excelente saude, inteligência viva e sangue-frio.

■

Segundo o director dos Serviços de Estatísticas Médicas, da Grã-Bretanha, os velhos mordomos mantêm a sua inalterável serenidade á custa de elevada tensão arterial, da qual sofre, também, a maioria do pessoal empregado em tarefas domésticas, verificando-se idêntico fenómeno nos empregados em hotéis e restaurantes.

■

Máquinas electrónicas de grande rapidez foram instaladas numa estação automatizada dos Correios, em Providence (E. U.). Destinavam-se a carimbar as estampilhas, mas não tardou a verificar-se que carimbavam tudo, além das franquias legais, como selos estrangeiros, rótulos e toda a espécie de etiquetas comerciais...

■

Ao aumento da produção dos combustíveis líquidos, em consequência da aplicação de novas técnicas, corresponde o declínio da produção carbonífera no Canadá, que, em 1959, foi de 9,1 por cento.

■

Na opinião do famoso cientista atómico Von Braun, «os Marcianos existem e temos um encontro marcado com eles». Acrescenta o sábio que «devemos descobrir os outros planetas assim como Colombo descobriu a América».

■

Um novo sistema, considerado verdadeiramente revolucionário, para acalmar os doentes mentais, tem sido aplicado com êxito na clínica da especialidade da Faculdade de Medicina da Universidade de Jefferson, na Filadélfia. Consiste apenas em injecções de água quente, á temperatura de 75 graus centígrados, nos lóbulos frontais do cérebro dos doentes, que ficam absolutamente tranquilos.

■

As fábricas da Aluminium C.ª Ltd., de Quebec, estão a produzir alumínio por um novo processo concebido e aperfeiçoado nos seus laboratórios, após vários anos de experiências. A principal matéria-prima é a bauxite, e o alumínio assim fabricado oferece maiores vantagens, além da considerável redução no custo.

■

Como consequência da investigação e dos aperfeiçoamentos da técnica moderna, o trabalhador norte-americano produz hoje, por hora, em média, mais cinco vezes do que há meio século. Em 1958 a produção da economia dos E. U. atingiu nos vários ramos de actividades 434 000 milhões de dólares, isto é, o dobro em relação a 1940, e seis vezes mais do que no princípio do século. Calcula-se que, em 1975, a produção total norte-americana ascenda a 725 000 milhões de dólares.

■

A carência de um enzima, denominado «hidrolása», é a origem de um tipo especial de hipertensão arterial, a «hiperplasia suprarrenal», na opinião de um investigador da Universidade de Pensilvania, que aponta, também, o remédio para «contrôle» da afecção: pequenas doses de hidrocortizona.

PARA BEM DA SAUDE

a cargo do dr. Mário Ceia

APROSEXIA

um nome desconhecido

para o que toda a gente conhece

Começam a surgir nas revistas médicas diversos estudos sobre a *aprosexia* que até há bem pouco tempo era olhada pelos leigos, e até por muitos clínicos, mais como uma «boa desculpa» do que como verdadeira afecção. O seu nome nada significa para a maior parte das pessoas. mas, depois de definirmos a *aprosexia*, estamos certos de que umas boas dezenas de leitores exclamarão: «Cá está! Eu tenho isto!»

Basta de mistérios! O nome complicado de *aprosexia* designa simplesmente a dificuldade de concentração. Quais os «queixosos» mais frequentes? Os estudantes. Assim o verifica o professor de Psiquiatria na Universidade de Carolina do Norte, o dr. Martin Keeler cujo trabalho recente intitulado *Aprosexia* imediatamente despertou a nossa atenção.

A dificuldade de concentração é uma queixa vulgaríssima entre os estudantes da referida Universidade. Embora não tão espectacular como certas perturbações nervosas, constitui no entanto um problema sério para o estudante. O que poderia, de outro modo, ser apenas um insignificante sintoma clínico de ansiedade ou de depressão, representa pelas suas repercussões sobre a qualidade do estudo, um perigo para a situação do aluno e o seu futuro na Universidade. Os pais preocupam-se tanto como o próprio estudante. A incapacidade no aproveitamento máximo das faculdades educacionais constitui um prejuízo para a Universidade e para a sociedade. Por isso, o prof. Martin Keeler dedica á aprosexia a sua enorme experiência e tece considerações de tão grande importancia que não hesitamos em transcrevê-las:

«Os estudos superiores exigem uma considerável eficiência, não só mental, como emocional. São também, por definição, o trabalho de *um* estudante. Qualquer perturbação nevrótica ou psíquica que prejudique a eficiência poderá conduzir á aprosexia, assim como qualquer falta de inclinação para o trabalho, seja ela consciente ou inconsciente. A *ansiedade*, é um sinal de alarme captado pela nossa consciência. Deriva de emoções inconscientes e de conflitos que não estão a ser resolvidos com exito e que podem ser definidos como um *receio sem causas aparentes*. Um estudante ansioso é irritável, distraído e preocupa-se em excesso. Nestas condições, o estudo prolongado de matérias difíceis, torna-se «doloroso». Por outro lado a aprosexia também pode ser provocada por um estado de depressão, de desencorajamento e sentimento de culpa».

Na verdade muitos dos estudantes observados pelo prof. Keeler sofriam de graus leves de ansiedade ou de depressão que, apesar de não os prejudicarem nas actividades extra-universitárias, eram já suficientes para impedir a sua concentração no estudo.

Há também o caso dos alunos que, consciente ou inconscientemente, não são capazes de estudar. Tal facto faz parte do seu próprio carácter, uma espécie de «resistência a tudo o que lhe seja exigido» ou noutros casos «uma necessidade contínua de amparo». Finalmente, há aproséxicos que não podem estudar porque, inconscientemente. têm medo do fracasso. Os bons resultados são inconscientemente considerados como um «acto agressivo» que pode fazer perigar o amor materno (ou de outro familiar) ou provocar reacções hostis.

«Ir para a Universidade — diz o prof. Keeler — constitui um prémio, mas é, ao mesmo tempo, uma difícil experiência. A Universidade oferece actividades ilimitadas, quer no campo académico, quer nos campos extracuvicular e social. No entanto, os estudantes encontram-se numa nova situação, muitas vezes sem o apoio habitual da família ou de outras pessoas. Muitos chegam á Universidade sem conhecer as exigências e possibilidades de um curso superior. Outros, quando chegam, nem sequer sabem o que vêm ali fazer. Alguns, estão tão habituados a fazer as coisas bem sem grande esforço que nunca aprenderam a *trabalhar;* outros, costumaram-se ao auxílio diário dos pais, dos professores liceais, dos explicadores e são incapazes de se bastar a si próprios».

Como tratamento da aprosexia, o especialista americano preconiza em primeiro lugar os «bons conselhos» de pessoas qualificadas, em especial os médicos e os sacerdotes. Se o conselherio não obtiver bons resultados, só então se recorrerá ao especialista de doenças nervosas. Mas para que os conselheiros tenham maiores possibilidades de êxito, o prof. Keeler avisa-os de que a fórmula ideal está em considerar o aproséxico como um estudante que enfrenta uma nova e difícil situação e não como «preguiçoso» ou «um gosta de tudo menos do estudo»...

O BÓCIO DA SOJA

A extensão actual do emprego da soja na alimentação dos bebés faz chamar a atenção para um estudo recentemente publicado que descreve o aparecimento de bócios em crianças alimentadas quase exclusivamente com farinha de soja.

Um grupo de médicos americanos observou em bebés que tomavam farinha de soja uma dilatação da glandula tiroideia (situada no pescoço) e que é designada por bócio. O facto era mais frequente nas crianças que começavam a ser alimentadas com soja desde tenra idade, prolongando-se este tipo de dieta por mais de dois anos. A simples adição de iodo á alimentação melhorou essas crianças rápidamente.

Tudo leva a crer que, ou a soja possui uma substancia que provoca bócio ou o bócio é provocado por uma deficiência de iodo, pois a soja não contém este imprescindível elemento. Esta segunda hipótese é a mais plausível e em certos países as farinhas de soja do comércio contêm já quantidades adequadas de iodo.

Paris «requisitou» estas três beldades suecas para desfilarem numa passagem de modelos e duas delas não resistiram á tentação de experimentar os fatos usados pelas «girls» do «Folies Bergere», provando que a beleza é sempre beleza, na Suécia como na França

As doenças reumáticas

problema do nosso tempo

Uma vez vencidas, ou pelo menos significativamente diminuidas, certas doenças que constituem o flagelo dos anos passados (como por exemplo as doenças infecciosas), muitos países reparam agora no grave problema representado por outras afecções, um pouco descuradas até aqui em especial, porque as atenções dos cientistas se tinham concentrado em outros assuntos mais prementes. Essas doenças são o cancro, as doenças cardíacas, as doenças reumáticas e a bronquite crónica.

Uma estatística recentemente publicada em Inglaterra revela-nos que a «insignificante» bronquite crónica representa por ano 25 000 000 de dias de ausência ao trabalho e que os tumores malígnos provocam naquele país 100 000 mortes anuais.

Referir-nos-emos hoje apenas ás doenças reumáticas que constituem um verdadeiro flagelo dos povos civilizados. Socorrendo-nos ainda da estatística inglesa, verifica-se que, na Grã-Bretanha, 2,5 % dos homens e 6,1 % das mulheres sofrem de artrite reumatóide. Aos 65 anos, 97 % dos homens e 98 % das mulheres apresentam sinais radiográficos de osteoartrite, embora em perto de 35 % destes casos a doença não provoque incapacidade. O citado estudo mostra também que 0,3 % da população sofre de espondilite e outros 0,3 % de gota. Trás igualmente á luz dois factos muito importantes: primeiro, que existe uma tendência hereditária para certas formas de artrite reumatóide e segundo, que 1 pessoa em cada 20 sofre em determinado período da sua vida de uma forma de reumatismo agudo que não ataca o coração.

O dr. Copeman, presidente do Conselho Imperial Contra o Reumatismo, comentando esta estatística, salienta que em qualquer momento, pelo menos 5 000 000 de habitantes da Grã-Bretanha têm uma forma qualquer de doença reumática (14 % da população!).

E' óbvio que se tornam necessárias mais e melhores instituições hospitalares, mais especialistas e mais investigadores.

AS ÚLCERAS

de estômago e as raças

Em todos os países do Mundo está a efectuar-se um inquérito sobre a frequência e evolução das ulceras de estômago. Este grandioso estudo é motivado pelas notáveis diferenças observadas de país para país e mesmo de região para região num mesmo país, diferenças essas que até agora ainda não tiveram explicação satisfatória.

Por exemplo, sabe-se que a ulcera do duodeno é muito frequente na zona sul da India, onde a alimentação tem por base o arroz e condimentos, ao passo que é rara em todas as regiões da India onde o trigo constitui o alimento principal.

As ulceras dos indianos são muito diferentes das ulceras dos americanos no que diz respeito a acidez do estômago e frequência de hemorragias e de perfuração. Um estudo permenarizado de todas estas diferenças poderá levar á descoberta de um tratamento mais eficaz.

A substância que provoca enxaquecas...

A enxaqueca continua a dar... muitas dores de cabeça aos investigadores médicos, não só porque se desconhecem os verdadeiros mecanismos causadores, como também pela multiplicidade dos tratamentos propostos, tantas vezes ineficazes.

É natural que o problema venha a ser aclarado graças aos recentes trabalhos de uma equipa de cientistas chefiada pelo dr. Chapman. Estes investigadores partiram da hipótese de que na enxaqueca existiria uma substancia produzida nos tecidos e susceptível de provocar as dores características. Por isso, em doentes com ataques de enxaqueca conseguiam extrair por punção do couro cabeludo, uma substancia que designaram por «neuroquinina» e que, injectada nos animais parece provocar sintomas muito semelhantes aos da enxaqueca.

CONSULTA

Tenho um grande problema na minha vida, embora a algumas pessoas pareça que não tem importancia. Vou dizer-lhe, em duas palavras, do que se trata, e peço-lhe que me dê a sua opinião, Telma, já que está sempre disposta a ouvir-nos e a aconselhar-nos.

O meu marido é trabalhador, honesto, meu amigo, boa pessoa, capaz até de se sacrificar por um amigo, mas desde que isso não implique dinheiro porque o defeito que lhe encontro e que tanto me faz sofrer é a avareza. E' verdade, eu julgava que só nas histórias infantis é que havia homens avarentos, mas afinal tive a infelicidade de casar com um assim. Todas as vezes que tenho necessidade de comprar qualquer coisa, levantam-se discussões que nunca mais acabam. São perguntas e mais perguntas, se tenho realmente precisão, se não posso esperar mais algum tempo, etc. Ora eu, que em solteira era uma rapariga que andava sempre bem vestida e tinha tudo o que me apetecia, vejo-me agora obrigada a privar-me de inumeras coisas que gostava de ter, e a transformar os meus vestidos de um ano para outro. Porém se a nossa situação me obrigasse a estas restrições, enfim, conformar-me-ia, mas eu sei bem que os nossos recursos não são assim tão modestos, pois ele tem um bom ordenado, e todos os meses põe dinheiro na Caixa. Que lhe parece, Telma, que eu possa fazer para modificar o meu marido?

RESPOSTA

A avareza, minha amiga, é um mal para o qual desconheço o remédio... E quando alguém gosta exageradamente do dinheiro, a ponto de viver dominado por ele, creio que não há discursos, exemplos, boas palavras capazes de modificar tal sentimento.

Parece-me que, o melhor, para se evitar discussões constantes, que fatigam e não se sabe aonde podem levar um dia, seria combinarem uma quantia razoável de que a minha amiga passaria a dispor mensalmente, para o seu vestuário e despesas pessoais. Não concorda?

Para lhe ser franca, por tudo o que me diz fiquei com a impressão de que a palavra «avarento» talvez seja exagerada para aplicar a seu marido. Não será antes um homem económico, previdente, que pensa no futuro — e não será a minha amiga um pouquinho gastadora? Perdoe-me a franqueza, mas não serviria de nada escrever-me, se eu não tentasse ajudá-la a ver claro na sua situação, não é verdade? E foi esta a impressão com que fiquei. As raparigas habituadas «a ter tudo o que lhes apetece» nem sempre sabem dar o valor devido ao dinheiro, e o que é certo é que ele tem o seu valor, por muito desinteressados que queiramos ser.

Veja a minha amiga e o seu marido se conseguem chegar a um acordo nesse problema e, pela sua parte, se for necessário economizar, transformar um ou outro vestido, fazer pequenos sacrifícios — não se julgue vítima ou infeliz por isso. Pense, antes, que a paz do seu lar, a harmonia com o seu marido, são bens enormes, sem preço, e que vale bem a pena fazer tudo o que esteja ao seu alcance para manter essa paz e essa harmonia.

Depois, um homem que é trabalhador, honesto, amigo da mulher boa pessoa, capaz de se sacrificar por aqueles que estima — pode bem ter o «defeito» de gostar de guardar todos os meses algum dinheirinho, para o que der e vier...

TELMA

AS CRIANÇAS DE QUE O MUNDO SE ESQUECE...

No inquérito que fez entre 71 países, o Organismo Internacional de Educação chegou á conclusão de que quatro por cento das crianças de todo o Mundo, pelo menos, sofrem de qualquer deficiência mental. E — dizem os peritos daquele departamento — trata-se de um cálculo muito moderado...

Uma criança abandonada

Os numeros dos países onde se obtiveram essas estatísticas são, de facto, surpreendentes: quase um milhão no Japão. Em França, mais de 250 mil (ou seja, cerca de cinco por cento da população em idade escolar). No Uruguai, seis por cento. No Peru, quatro por cento. Na Jugoslávia e na Polónia, dois por cento. A maioria dessas infelizes crianças dispõe ainda de certa capacidade para instruir-se, mas se não se lhes dá uma educação especial constituirão mais tarde uma carga e um embaraço para a sociedade. Na época em que vivemos, porém, essa educação especial é privilégio de que só desfruta uma magra minoria.

O problema dos recuperáveis

Para estudar a situação destas crianças, a Conferência Internacional de Instrução Publica organizada pela U. N. E. S. C. O. e por aquele organismo, realizada em Genebra, no ano passado, incluiu entre os temas importantes do seu programa de trabalho o da organização de sistemas de educação especial para as crianças que sofrem deficiências mentais. Os pequenitos que se consideram «educáveis» ou «recuperáveis» — foi a preocupação dominante do congresso.

— Se uma criança pode aprender a ler, compete fazer dela um homem util para a sociedade — afirmou o dr. César Santelli, de França. E acrescentou:

— O problema da educação das crianças que têm deficiências mentais tem sido sempre posto de lado para atender a outros aparentemente mais urgentes...

— É evidente — prosseguiu o delegado francês — que aos países que lutam com o problema do analfabetismo e de dar á sua população inteligente instrução escolar resta pouco tempo para ocupar-se sistemáticamente dos que têm alguma deficiência mental. Nem nos países adiantados, onde já não é problema o analfabetismo, há instituições especializadas e mestres qualificados suficientes para resolver os casos difíceis.

Só nos Estados Unidos faltam 65 mil professores especializados

Nos Estados Unidos, por exemplo, calcula-se que se necessitariam cerca de 65 mil professores especializados para todo o país. Actualmente, há apenas uns 15 mil. A mesma escassês verifica-se na União Soviética, que tem de empregar nesta tarefa mestres do ensino secundário dotados sómente de vulgares conhecimentos pedagógicos.

Só em 12 dos 71 países em que se realizou o inquérito existe legislação em que se estabelece a obrigatoriedade de instrução especial para as crianças que sofrem de deficiências mentais. Em outros 12, os jovens seres são obrigados a ir á mesma escola frequentada pelos normais. Conclusão: quando não existem instituições especiais têm que ir á escola ordinária, de um modo geral. Mas como as classes abarrotam de alunos o mestre sente-se práticamente impossibilitado de dedicar o tempo de que as crianças anormais, mais do que as outras, necessitam.

Uma criança decididamente anormal — casos de idiotês e de imbecilidade, por exemplo — é imediatamente identificável. Mas já muito difícil é notar á primeira vista as que sofrem de alguma deficiência mental. Muitas vezes crê-se que a sua inteligência pode desenvolver-se com os anos. No entanto, as lesões cerebrais são por vezes demasiadamente graves e, até, incuráveis.

Uma solução para as crianças mentalmente inferiorizadas

As provas psicológicas e de quociente de inteligência combinadas com os exames médicos e os interrogatórios no ambiente familiar permitem, contudo, diagnósticos positivos. Uma vez estabelecido que a criança tem uma deficiência mental, o ensino prático baseado em trabalhos manuais, jogos e exercícios o ajudará a coordenar os seus movimentos e a adquirir confiança em si mesmo. As actividades em grupo, os chamados trabalhos de equipa, ajudam a criança a adaptar-se á sociedade. A memória, convenientemente exercitada, compensará, por vezes, a sua falta de inteligência.

Assinalou-se já, repetidas vezes, que existe uma relação íntima entre a delinquência e a deficiência mental, razão por que é ainda mais importante dar a essas crianças uma formação moral sólida e provê-las dos meios necessários para conseguirem ganhar a sua vida.

Devem ser orientadas para os trabalhos que podem fazer. Devia, até, estudar e elaborar-se uma lista de ofícios e ocupações de carácter industrial para elas. Á parte a escassês de dinheiro, de professores qualificados e de vagas em escolas especiais, há um grande obstáculo no caminho das crianças que sofrem de deficiências mentais: são os seus próprios pais, que se recusam a reconhecer que os seus filhos não são como os demais. Há que ensinar-lhes a dominar o seu amor próprio e a compreender que com uma educação mais adequada pode fazer-se deles cidadãos uteis,

Sem discriminações raciais, as crianças confraternizam, sorridentes

Declaração dos Direitos da Criança

Declaração dos Direitos da Criança, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de Novembro de 1959:

I — A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças sem excepção alguma nem distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra índole, origem natural ou social, posição económica, nascimento ou outra condição, seja da própria criança ou da sua família.

II — A criança gozará de uma protecção especial e disporá de oportunidades e serviços, tudo isso dispensado pela lei e por outros meios, para que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente, de forma sandável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será a do interesse superior da criança.

III — A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.

IV — A criança deve gozar dos benefícios da segurança social. Terá direito a crescer e a desenvolver-se em boa saude. Com este fim deverá proporcionar-se, tanto a ela como a sua mãe, cuidados especiais, incluindo atenção pré-natal e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, residência, recreio e serviços médicos adequados.

V — A criança física ou mentalmente inferiorizada ou que sofra de algum impedimento social deve receber o tratamento, a educação e o cuidado especiais que requer o seu caso particular.

VI — A criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade, necessita de amor e compreensão. Sempre que seja possível, deverá crescer o amparo, debaixo da responsabilidade de seus pais e, em todo o caso, num ambiente de afecto e de segurança moral e material. Salvo circunstancias excepcionais, não deverá separar-se a criança de curta idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades publicas terão a obrigação de cuidar especialmente das crianças sem familia ou que careçam de meios adequados de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas convém conceder subsídios de Estado e de outra índole.

VII — A criança tem direito a receber educação, que será gratuita e obrigatória pelo menos nas fases elementares. Dar-se-lhe-á uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões e o seu juízo individual, seu sentido de responsabilidade moral e social e chegar a ser um membro util da sociedade. O interesse superior da criança deve ser o princípio justo de quem tem a responsabilidade da sua educação e orientação. Estas incumbem em primeiro lugar a seus pais. A criança deve desfrutar plenamente de jogos e recreações, os quais deverão ser orientados com vista aos objectivos da educação. A sociedade e as autoridades publicas esforçar-se-ão por promover o gozo deste direito.

VIII — A criança deve, em todas as circunstancias, figurar entre os primeiros a receber protecção e socorro.

IX — A criança deve ser protegida contra toda a forma de abandono, crueldade e exploração.

Não deverá permitir-se á criança trabalhar antes de uma idade mínima adequada. Em caso algum se lhe dedicará ou se lhe permitirá que se dedique a ocupação ou emprego que possa prejudicar a sua saude ou a sua educação ou impedir o seu desenvolvimento físico, mental e moral.

X — A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerancia, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, e com plena consciência de que deve consagrar as suas energias e aptidões ao serviço dos seus semelhantes.

Há mais de três mil anos já os Chineses previam as datas dos eclipses

Houve tempo em que os fenómenos celestes, ainda os mais simples e vulgares, encheram o Mundo de terror. Muitas vèzes o pânico, avolumado pelo desvairamento colectivo, originou grandes tragédias e carnificinas monstruosas, quando, por exemplo, algum cometa ou o obscurecimento resultante de um eclipse total do Sol eram interpretados como «sinais do céu», pronunciando catástrofes punitivas, e os exaltados e cruéis tiranos se arvoravam em executores da cólera divina, que tinha de ser aplacada com o sangue das multidões inocentes. O menos que podia acontecer era espalhar-se o delirante temor pelo fim do Mundo. E como o Mundo ia acabar, não tinham conto os que se apressavam a matar-se por suas mãos — pois, segundo o irónico comentário de Flammarion, sempre houve e sempre haverá quem tenha medo de morrer...

Hoje mesmo, como diz o astrónomo real, George F. Chambers, autor da divulgada «História dos Eclipses», ainda, «em todo o caso, voga pelo Mundo uma aragem de superstição, e tanto os eclipses totais como os cometas ainda dão origem a sentimentos de ansiedade e de pavor nas massas incultas, mesmo nos países mais adiantados em civilização».

Não é, contudo, só entre as camadas obscurecidas pela superstição calamitosa, com os temores ancestrais e as crendices nos maus agoiros dos «avisos do céu», que tais fenómenos, mesmo esclarecidos e previstos pelos cientistas na sua matemática precisão, suscitam íntimas, embora vagas e perturbadoras inquietações. Não é só o efeito natural, pela influência directa que provoca a exacerbação nervosa e psíquica, revolvendo toda essa remota ancestralidade de complexos angustiantes, mas a arreigada superstição, ainda que diluída por efeito da ciência clarificadora, a origem dos receios e inexplicáveis turbações motivados por uma estrondosa trovoada distante, um longínquo cometa, um banalíssimo eclipse, cuja espectacularidade, mais do que o conhecimento de tais fenómenos, impressiona directamente as multidões.

Diz o astrónomo Chambers: «Leiam-se os antigos historiadores gregos e romanos, compulsem-se as crónicas escritas nos mosteiros pelos religiosos a quem estava confiado o encargo de registar os fenómenos celestes, e veremos com espanto e profunda impressão o terror que incutiam na Humanidade os eclipses do Sol ou da Lua, a aparição dos cometas, a rápida passagem de uma estrela cadente. E esta impressão apoderou-se não só das classes inferiores, mas até de muitas pessoas que, pela sua vida nas culminâncias sociais, deveriam estar isentas dos sentimentos de angústia por elas manifestados».

A mecânica dos eclipses

Os eclipses, explicados sumarissimamente, resultam das posições e distâncias relativas da Terra, da Lua e do Sol, os quais, por vezes, se encobrem mutuamente. E assim temos os eclipses parciais, anulares ou totais do Sol, quando a Lua se encontra entre ele e a Terra; ou os eclipses parcais ou totais da Lua, quando esta passa, no todo ou em parte, pelo cone de sombra que o Sol projecta para além da Terra e vai reflectir-se na face do satélite voltado para nós.

E' lícito perguntar se não há então eclipses de todas as vezes que os três astros se colocam, relativamente, na posição da qual resultam esses fenómenos, que deviam repetir-se em muito maior número?

Eis a explicação sucinta da mecânica dos eclipses, através desse admirável divulgador das **Maravilhas Celestes**, Camille Flammarion, o famoso astrónomo que encheu o céu de poesia nas suas aliciantes obras de cunho popular:

«Se o movimento da Lua se desse justamente num plano cujo prolongamento passasse pelo Sol, haveria eclipse do Sol em todas as **Luas Novas** e eclipses da Lua em todas as **Luas Cheias**. Como, porém, o círculo em que ela se move é um pouco inclinado sobre esse plano, e oscila para um e outro lado, os eclipses são muito variáveis em número e grandeza. No entanto, esta variabilidade tem os seus limites; e não pode haver menos de dois eclipses por ano, nem mais de sete. Quando só há dois, são ambos do Sol».

A «História dos Eclipses» dá-nos mais pormenores: «Sucede, pois, que, em vez de haver em cada ano cerca de 25 eclipses, solares e lunares, como seria o caso se as órbitas (da Terra e do seu satélite) estivessem no mesmo plano, há em cada ano muito poucos eclipses, nunca mais de sete, e ás vezes apenas dois. Nem sequer há proporção entre as duas espécies de eclipses. Assim, nos anos em que eles são sete ao todo, podem ser cinco do Sol e dois da Lua; ao passo que nos anos em que há dois, são ambos forçosamente do Sol. Também nunca pode haver num ano mais de três eclipses da Lua e há anos em que não ocorre nenhum, assim como são raros os anos de cinco eclipses solares. O último foi o de 1823, caso que, no decurso de dois séculos, só se repetiu em 1935. Pode haver dois eclipses totais do Sol no mesmo ano, um no começo e outro no fim, o que se verificou em 1889 (em 1 de Janeiro e em 22 de Dezembro). Isto só se repetirá no ano de 2057, com eclipses solares totais a 5 de Janeiro e a 26 de Dezembro».

O primeiro foi observado na China

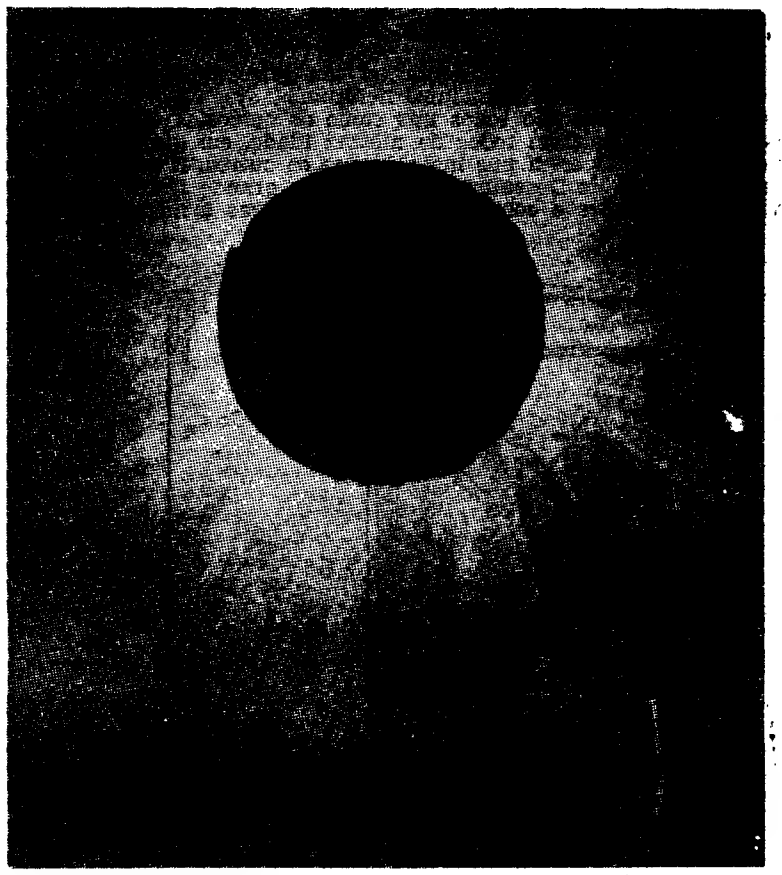
Os eclipses do Sol e dos da Lua encadeiam-se numa determinada série, reproduzindo-se na mesma ordem aproximadamente, ao cabo de deríodo que os Gregos designavam zoito anos e dez dias, ou seja o pe por **Círculo de Meton** e do qual já os Chineses se serviam, há mais de três mil anos, para a previsão dos eclipses. Estes revestiram-se sempre de especial interesse para os astrónomos, pois lhes permitiam a observação e o estudo dos principais fenómenos que ocorrem á superfície do **Sol**, por exemplo a coroa e as manchas, estas assinaladas, também, há milhares de anos, pelos Chineses, as quais fornecem valiosos elementos para o conhecimento da natureza, da constituição física e do movimento de rotação do astro criador. Hoje, mesmo, apesar dos modernos instrumentos com os quais é possível a observação permanente do Sol, os eclipses são de interesse para as sondagens astronómicas.

Devem-se aos Chineses as mais antigas e valiosas indicações sobre cometas, por eles observados e previstos com regular precisão. «Certo é — assinala-se na «História dos Eclipses», que não só durante séculos e séculos os Chineses estudaram deligentemente a astronomia, mas a eles devemos nós, os Ocidentais, avultadas noções em certos ramos da ciência, recopiladas por observadores chineses muitos séculos antes e depois da nossa era».

A primeira notícia de que há conhecimento relativa a um eclipse do Sol inclui-se num velho livro chinês, «Tchu-King», concebida nestes termos: «No primeiro dia do último mês do Outono o Sol e a Lua não se encontraram harmoniosamente em Fang».

Supõe-se que a alusão se refere a qualquer dos dois eclipses solares ocorridos nos anos 2136 e 2128 antes de Cristo, por estar então o Sol na divisão siderea de Fang, determinada por quatro brilhantes estrelas da constelação do Escorpião, incluindo algumas, pequenas, das da Libra e de Ophiucus, ao Norte, e do Lobo, ao Sul.

Na famosa obra de Confúcia, «Tchun-Tsin», encontra-se a relação de 36 eclipses solares observados na China, o primeiro dos quais ocorrido a 22 de Fevereiro de 720 A. C. e o último a 22 de Junho de 495 também antes da era actual.



Esta fotografia telescópica do eclipse total do Sol, em Maio de 1882, revela um pormenor notável: um cometa que se tornou visível, quando a Terra entrou na sombra. Nunca tinha sido visto antes e não mais tornou a ser observado

Quatro eclipses, este ano

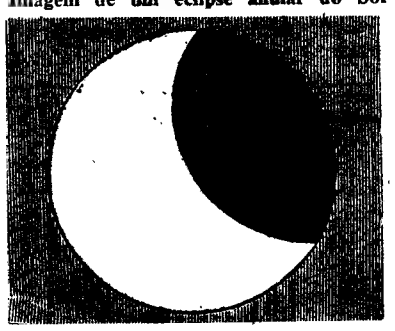
Este ano teremos quatro eclipses, dois do Sol e dois da Lua, os quais se indicam a seguir, consoante as anotações correntes naquilo a que se chama «ciência de almanaque», como convém para o efeito destes apontamentos de simples divulgação.

O primeiro, um eclipse total do Sol, será em 15 de Fevereiro, entre as 6 horas e 9 minutos e as 10 e 30. Começa á hora indicada (longitude, 6° 2' E; latitude, 20° 20' N); principia a fase total ás 7 h. e 32 m. (longitude, 5° 35' W; latitude, 46° 32' N); acaba a fase total ás 9 h. e 8 m. (longitude, 93° 42' E; latitude, 71° 41' N); finda o eclipse ás 10 h. e 30 m. (longitude, 101° 36' E; latitude, 47° 56' N).

Em território português é visível, parcialmente, no continente e na ilha da Madeira, onde só se observará o fim, bem como na India, á excepção de Goa.

O segundo, parcial da Lua, ocorrerá em 2 de Março. O satélite entra na penumbra e na sombra, respectivamente, ás 10 h. e 33 m. e 11 e 52; o meio do eclipse verifica-se ás 13 e 29, saindo a Lua da sombra e da penumbra ás 15 e 5 e 16 e 24, respectivamente.

Imagem de um eclipse anular do Sol



Fase completa de um eclipse parcial do Sol ou da Lua

Grandeza do eclipse=0,806, sendo a unidade o diâmetro da Lua.

O princípio será visível na América do Norte, excepto no extremo oriental; no Pacífico, na Austrália, na Nova Zelândia, na Asia Oriental, na zona oriental do Índico, nas regiões polares norte e em parte da Antárctida. E o fim nas mesmas regiões polares, no Alasca, no Pacífico, menos na parte sueste; na Austrália, na Nova Zelândia, na Asia, no Índico, na Europa Oriental, no extremo nordeste da Africa e em parte da Antárctida.

O terceiro, anular do Sol, observar-se-á em 11 de Agosto.

O efeito de um eclipse anular é assim descrito na «História» a que nos vimos referindo: «Para o observador terrestre, a Lua não tem tamanho tal que oculte todo o circuito do Sol. O resultado é pois este: no momento em que os centros coincidem, a Lua cobre apenas a parte central do Sol, deixando a descoberto toda a orla exterior como um anel de luz brilhante. O eclipse é da espécie conhecida por eclipse **anular** do Sol».

Começa ás 8 h. e 13 m. (longitude, 25° 53' W; latitude, 21° 21' S); principia a fase anular ás 9 h. e 52 m. (longitude, 39° 2' W; latitude, 48° 4' S); acaba a fase anular ás 11 h. e 41 m. (longitude, 51° 18' E; latitude, 68° 48' S); finda o eclipse ás 13 h. e 20 m. (longitude, 53° 34' E; latitude, 44° 52' S).

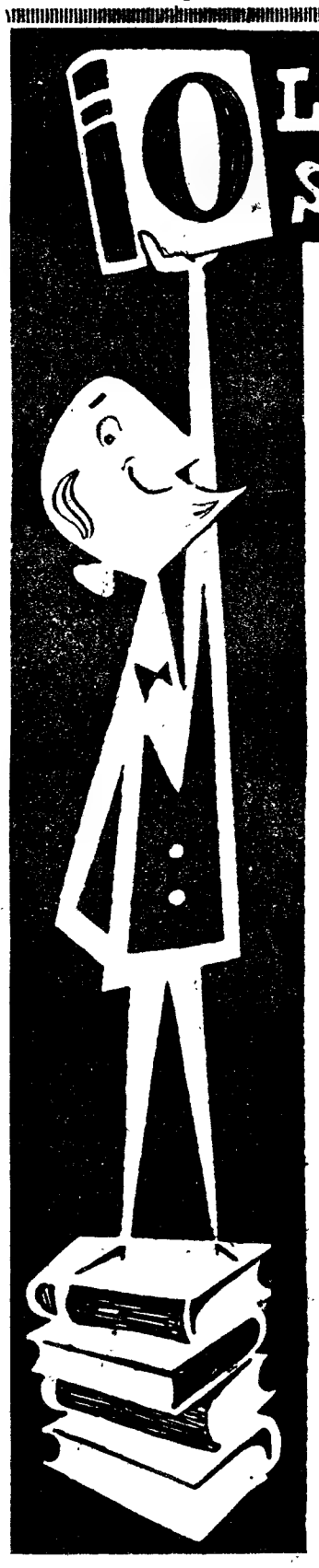
Visível, parcialmente, nos territórios portugueses de Angola e Moçambique. A zona da fase anular fica toda no mar.

O quarto, parcial da Lua, ocorrerá em 26 de Agosto. Entra o satélite na penumbra e na sombra, respectivamente, ás 0 h. e 37 m. e á 1 h. e 36 m.; o meio do eclipse é ás 3 h. e 9 m., saindo a Lua da sombra e da penumbra, ás 4 h. e 42 m. e 5 h. e 41 m., respectivamente.

Grandeza do eclipse=0,992 (unidade o diâmetro da Lua).

Na Europa é visível o princípio, observando-se o fim na parte ocidental.

Indicação para os que estejam interessados no fenómeno, aqui na capital: em Lisboa a Lua nasce ás 19 horas e 44 minutos e põe-se ás 6 e 11.



Colecção Argonauta

OS GRANDES ROMANCES DA FICÇÃO CIENTÍFICA

A' superfície do Planeta

Por DANIEL DRODE

Colecção Vampiro

OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL

O Santo no Pic-Nic dos Ladrões

Por LESLIE CHARTERIS

Duas edições de LIVROS DO BRASIL

O RISO da semana

JUIZO DO ANO

ESTE ano que começa podia ter um juizo se já se não tivesse verificado que os seus antepassados nunca tiveram juizo nenhum.

Os anos são todos uns como os outros. A única coisa que muda é o número. Têm todos doze meses e morrem todos da mesma idade, em dia certo, 31 de Dezembro, para que não tenham veleidades de viverem uns mais do que os outros. E a gente o que quer é ver-se livre deles. E' por isso que em 31 de Dezembro se faz sempre grande festa com vinhos, champanhes, bolos e broas de várias qualidades e com algumas borracheiras á mistura, o que não nos parece a melhor forma de assinalar uma morte — e se chama ao ano que entra Ano Bom, querendo significar que o ano passado foi um mau ano que não deixou nada a desejar, nem saudades a ningués. Mas já que é uso — e nós somos conservadores — fazer o juizo do ano, também queremos arriscar os nossos vaticínios, que em bem pouco se resumem: 1961 deverá ser um ano verdadeiramente democrático; princesas de sangue real darão o sagrado nó com plebeus — isto é descer — o que significa que plebeus o darão com princesas de sangue real — e isto, em compensação, é subir. E eis a perfeita democracia.

Na agricultura nada de velho, visto que as hortaliças todos os anos se renovam, desenvolvendo-se e desenvolvendo a burra das colarejas.

As potências darão as maiores demonstrações dos seus desejos de paz e para esse efeito se armarão até os dentes, que ainda é a melhor maneira de evitar que lhes cheguem a roupa ao pêlo, confirmando assim o velho prolóquio que diz: **Si vis pace para bellum** (se queres paz prepara a guerra), frase que está sempre na berra e que pode aplicar-se sempre mesmo que haja uma guerra que envolva toda a Humanidade, civis e militares, como é de uso nas guerras modernas — devendo nessa altura traduzir-se o latim **si vis pace para bellum** da seguinte maneira: — civis que passam para a guerra, alusão directa e evidente ao chamamento de milicianos.

E é tudo. No resto este novo ano de 1961 será como as criadas de servir — o trivial.

E Deus super omnia.

A. F.

— Não creio que fique muito tempo por cá. Sempre que conta o dinheiro em caixa, desdobra prospectos de viagens a Taiti e ás Ilhas Salomão...

— Podes ficar aqui escondido até a Policia se esquecer de ti.

— Quero um escalope de vitela, batatas fritas, molho holandês, um pratinho de manteiga e um café expresso. Aqui tem o meu cartão de crédito.

O LUGAR DO PONTAPÉ

✻ Envolveram-se em desordem e um deles disse:

— Se você repete isso dou-lhe um pontapé que o arrombo.

— Aonde?

— No lugar em que eles se dão.

— Ah! fez o outro respirando fundo. Em geral, mais de metade dos pontapés que se dão, quando se briga, é no ar. Pode dar um desses...

NA ESCOLA

✻ *Professor* — Menino Zézinho, como é que deve escrever melhor.

Zézinho — Da esquerda para a direita, senhor professor e molhando a pena se o não fizer com lápis [illegible] rográfica...

POLÍTICO FURIOSO

✻ A mulher entra a correr com um bilhete da lotaria na mão:

— Querido! Temos a sorte grande! Está aqui a lista no jornal.

O marido incrédulo, torce o nariz:

— Mas que jornal. Das direitas ou das esquedas?

CONVITE PARA MODELO

✻ Encontraram-se as duas amigas e logo uma delas atirou com esta:

— Calcula tu que eu estou fazendo um tal sucesso que ontem fui convidada por um pintor para servir de modelo no quadro «Eva e a Serpente na hora da maçã».

E logo a outra acudiu:

— [illegible]

Nova, novinha, em primeira mão:

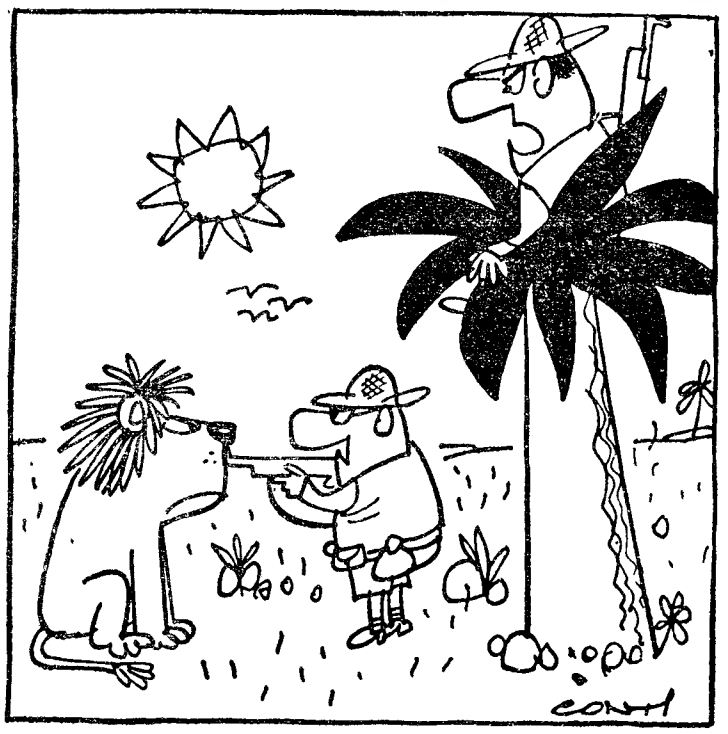
— Tenho uma ideia magnífica para um programa de televisão: um concurso em que o locutor fala durante meia hora, deixando cinco minutos para o concurso própriamente dito.

— E de que consta o concurso?

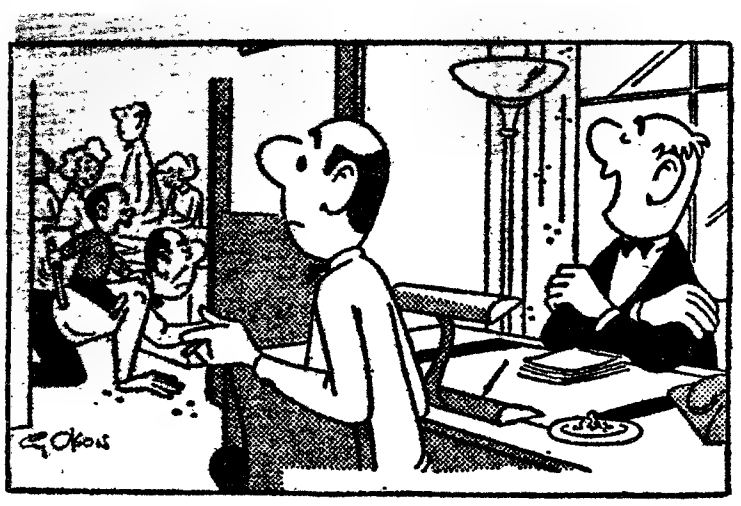
— Ah! isso ainda se não sabe como há-de ser, mas também não tem importancia. O que é preciso é falar.

Aprender à nossa custa

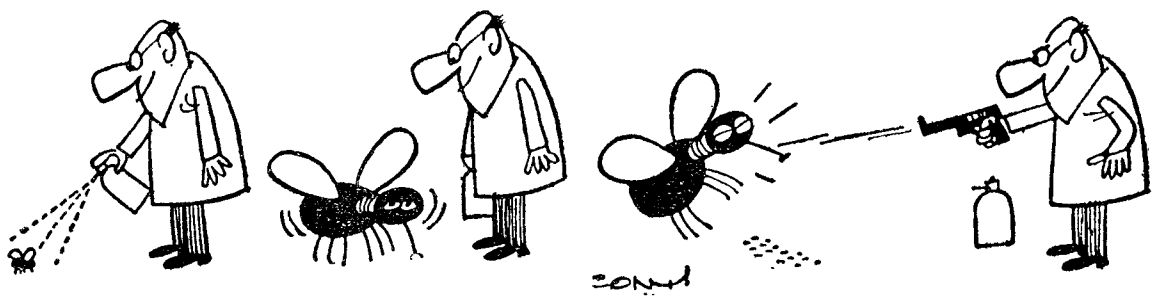
A gente só compreende que a Vitória de Samotrácia seja representada por uma mulher depois de se casar.



— Obriga-o a pôr as mãos no ar.



— Gosto de ficar a tomar conta do meu neto, enquanto a minha filha faz as suas compras.



SEM PALAVRAS

Kennedy foi o candidato dos homens de cor

A' medida que se aproxima o dia da solene cerimónia da posse de John Fitzgerald Kennedy como Presidente dos Estados Unidos da América, nos degraus do Capitólio de Washington, e ilustrada com poemas de Robert Frost, vão-se conhecendo pormenores muito curiosos sobre o que foi a mais movimentada, renhida e entusiástica campanha eleitoral norte-americana de todos os tempos, a qual ficará na história da poderosa nação devido aos revolucionários processos de propaganda que nela se utilizaram.

Obteve-se agora esta certeza — Kennedy foi o candidato dos homens de cor. A ultima das confirmações revelou-se há poucos dias em Jackson, no Estado do Mississipi. Os 13 «grandes eleitores» decidiram opor-se á eleição do jovem senador, que não querem ver na Casa Branca por ser «demasiado liberal em matéria de integração racial»... A maioria dos grandes eleitores sudistas preferem apoiar o senador Harry Byrd, por este ser partidário da segregação... A oposição está sobretudo fomentada naquele Estado e nos de Alabama e Louisiana. Neste pórque Kennedy confessou estar de acordo com o Tribunal Federal, que ordenou ás escolas de Nova Orleans a admissão de alunos negros juntamente com os brancos. A aplicação desta ordem tem provocado sérias desordens e actos incivilizados como aqueles das mães brancas irem para as portas das escolas apupar e agredir as embaraçadas criancinhas de cor... Grande parte dos alunos brancos deixou de frequentar os colégios e o Governo estadual recorreu para o Supremo. Mas este não aceita o conceito de «interposição», que considera contrário á Constituição do país. E Kennedy aprova isto.

O futuro presidente intervirá directamente nos Estados em que existe discriminação racial

Ao contrário de Richard Nixon, o futuro presidente tomou, durante a campanha eleitoral, posição nitidamente a favor dos direitos civis para todos os Americanos, brancos e negros. Ao declarar-se favorável á promulgação de uma lei destinada a dar ao Governo Federal poderes adicionais para intervir directamente nos Estados ou regiões em que exista discriminação racial, Kennedy assumiu aberto compromisso nesse sentido.

E' certo que o candidato democrata nunca afirmou, como Cabot Lodge, ser partidário da inclusão de um negro no gabinete ministerial. Criticando essa opinião, Kennedy disse que «escolher um ministro baseado em questões de cor é a pior forma de racismo ao inverso...».

Esta declaração que podia ter suscitado a adversidade da população negra, ainda pelo facto de dois terços dela não serem católicos como o próximo presidente, parece em nada ter diminuido o apoio dos homens de cor a Kennedy.

«Os Russos têm aqui mais liberdade do que nós, Americanos»...

Quando, na sua infatigável campanha de propaganda, o então senador John Kennedy realizou um comício em Memphis, no Tennessee, um grupo numeroso de pretos, conduzindo cartazes, marchou pacíficamente até diante da plataforma onde ele discursava. O dístico principal, o mais largo e distinguível, tinha a seguinte expressiva legenda: «Os Russos têm mais liberdade em Memphis, do que nós, Americanos!»...

E é verdade — reconheceu o candidato, que mais vigoroso ainde se tornou nos seus ataques bem argumentados contra a segregação racial, arriscando-se a contar com a oposição dos milhões de brancos não-católicos, os quais manifestaram frequentemente a sua duvida se «O Papa não mandará em Kennedy»... Este facto pôs em sério perigo a possibilidade de ser ele o eleito. Aquele cartaz apresentado pelos negros não foi uma demonstração contrária, mas uma recordação. Uma recordação da insatisfação crescente do povo de cor pelo estado desfavorável de coisas existentes no Sul dos Estados Unidos.

"Os Russos têm aqui mais liberdade de que nós, Americanos"

— gritaram os Negros de Memphis

Logo após a sua vitória nas recentes eleições, Kennedy é entusiásticamente aclamado por um grupo de vizinhos e admiradores

O presidente eleidos Estados Unidos da América adora a vida simples e o ar livre. Sempre que pode, atira com os preconceitos para trás das costas e vai gozar o admirável contacto com a Natureza. Aqui o vemos, em fato de banho, numa praia da costa do Pacífico, com sua filha.

Os Negros são pelos democratas

O Sul — particularmente o chamado «deep South» sempre foi um baluarte do Partido Democrata. Os seus onze governadores são todos daquele partido. Em 1952 e 1956, devido a divergências dos dirigentes com o candidato Adlai Stevenson, este deixou de receber o apoio daqueles. Apesar disso, Eisenhower venceu apenas em 5 desses 11 Estados, em 1952; e, quatro anos mais tarde, ganhou em 6 e perdeu em 5. Mas em Nova York, «Ike» foi derrotado por Stenvenson devido ao apoio da população do Harlem.

Desta vez, porém, a vitória do candidato democrata naquela região foi quase absoluta. E foi assim porque o seu companheiro, o senador Lyndon Johnson que é do Estado sulista do Texas, não era visto com bons olhos pelos negros devido á sua posição neutra, ou mesmo favorável, quanto á discriminação racial. Justamente por isso, foi apoiado pelos «grandes senhores» do Sul, na esperança de ser Johnson capaz de neutralizar a posição nitidamente liberal do jovem Kennedy... E é preciso salientar que, não obstante a sua grande percentagem numérica, não é tão grande a percentagem eleitoral dos homens de cor no Sul. Aqui, como é sabido, quem manda é o homem branco...

E' até digno de nota o numero proporcionalmente pequeno de eleitores negros. Segundo acaba de ser divulgado, votaram em 8 de Novembro cerca de 2 milhões e meio de pessoas de cor, sendo de 20 milhões o total da população negra nos Estados Unidos da América .A maioria não consegue mesmo registar-se — ou por discriminação racial ou por analfabetismo, que, no caso, é mera consequência dessa discriminação...

O que é um Americano

Retrato autobiográfico dos sobrinhos do "Tio Sam"

Como outros povos que no decurso da sua história se elevam a uma posição de predomínio, exercendo influência sobre outros povos, como condutores de blocos de nações aliadas por estratégia política, consoante determinados princípios ideológicos, e com a consequente acção de efeitos directos no campo económico, os Estados Unidos da América do Norte, guindados a um plano de supremacia pelo presidente Franklin Roosevelt, mercê da sua intervenção na ultima guerra, são hoje um país com ascendente sobre metade do Mundo.

Assim, por toda a parte, os Americanos, com as suas virtudes e inferioridades, têm sido exaltados ou detestados, consoante o prisma através do qual são observados com maior ou menor simpatia. Evidentemente que nem sempre são vistos na justa medida que deve ser aplicada para a compreensão da pessoa humana, principalmente quando os observam através das suas excentricidades, das suas exteriorizações mais ou menos extravagantes, daquilo que, visto superficialmente, dá a caricatura exagerada, deformadora, e não o retrato tanto quanto possível exacto de um tipo humano, caldeado em raças diferentes, necessariamente imperfeito, adaptado ao seu meio especial, mas inadaptável ao ambiente estranho, onde o cifrão e a luva de *box* ãso símbolos de valor diferente.

Eles próprios têm esse pendor para se caricaturarem nos traços autobiográficos em que recortam a sua personalidade, principalmente nas atitudes e até em pequenas coisas que lhes definem, contudo, a psicologia, retratando-os fielmente na sua maneira de ser e nas suas aspirações de predominante individualismo.

Eis os traços essenciais da personalidade do indivíduo norte-americano, aplicados aos sobrinhos do simbólico «Tio Sam», através dos elementos expressivos com que eles próprios, em tom galhofeiro mas bem adequado ao seu pessoalismo, organizaram a autobiografia, divulgada pelo órgão do Posto de Somerville da Legião Americana, «The Gas Attack», sob o título:

«O que é um Americano»

«Um Americano berra com toda a força dos seus pulmões, exigindo que o Governo equilibre o orçamento, e a seguir vai dar os seus ultimos centavos como primeira prestação para a compra de um automóvel, desequilibrando completamente as suas próprias finanças.

«Ataca e subjuga o inimigo, e depois tira a camisa do corpo para o agasalhar.

«Berra pela promulgação de leis que restrinjam a velocidade nas estradas, e a seguir recusa-se a comprar um carro que não dê, pelo menos, cem milhas á hora.

«Conhece todos os jogadores de *base-ball* pelos seus nomes e sabe a que *teams* ou *ligas* eles pertencem, mas não se lembra de metade das palavras do hino americano.

«Gasta uma fortuna em vitaminas para prolongar a vida, e depois guia um automóvel a noventa milhas á hora, arriscando-se a abreviá-la, com vitaminas e tudo.

«Prende cuidadosamente o seu cão, para evitar que se torne vádio, mas permite que um seu filho, ou filha, de dezasseis ou dezassete anos, faça o que quiser e recolha a casa ás duas ou três horas da madrugada.

«Quando um Americano está no seu escritório fala em *base-ball*, *foot-ball*, na caça ou na pesca. Mas se vai assistir a um jogo de *base-ball* ou vai á pesca com os amigos, então só fala de negócios.

«É a unica pessoa no Mundo que paga meio dólar para estacionar o automóvel e ir a um restaurante comer uma *sandwich* de vinte e cinco cêntimos.

«Sendo a América do Norte o país onde existe maior quantidade de produtos alimentícios, é, também, o país onde mais gente segue dietas rigorosas para evitar de comer.

«Contudo, no fim de contas, o melhor cumprimento que a uma pessoa se pode dirigir é chamar-lhe um *Verdadeiro Americano*. E, se muitos dos outros países nos invejam e ambicionam possuir aquilo que nós temos, o melhor que têm a fazer é trabalhar como nós fazemos para adquirir o que possuimos».

Novo processo de impressão Braille

O método convencional de gravar em relevo até seis pontos é vagoroso e dispendioso. O Instituto dos Cegos da Grã-Bretanha aperfeiçoou uma nova técnica pela qual os pontos são impressos através dum estencial perfurado, usando uma pasta plástica especial em lugar de tinta. Como a pasta tem de ser cozida em forno á temperatura de 200 graus centígrados, não é possível utilizar o papel normal de impressão. Por isso, o Instituto dos Cegos teve de pedir a um fabricante britanico de papel que produzisse uma qualidade que não incendiasse no forno e que, ao mesmo tempo retivesse os pontos, conservando, porém, a suavidade necessária para não irritar os dedos sensíveis dos invisuais, tendo a resistência precisa para ser impresso com pontos de ambos os lados.

O papel, com todas estas características, foi finalmente conseguido e já se publicam livros para os invisuais por este novo processo, a preços bastante inferiores.

Artis

Tem á disposição de V. Ex.ª técnicos especializados para executarem

Móveis e Decorações

de todos os géneros

RUA MARIA ANDRADE, 64

(aos Anjos) — Telefone 848719

NO MUNDO DOS DISCOS

HISTÓRIA * CURIOSIDADES * TÉCNICA

ESCOLHA O SEU DISCO

CONCERTOS PARA PIANO DE MAURICE RAVEL

Concertos para piano de Ravel

concerto em sol maior (1931)

- Jacqueline Blanchard e Orquestra da Suisse Romande, dirigida por Ansermet (+ Concerto em ré) — *Decca LXT-2816.*
- Monique Haas e Orquestra de Hamburgo (+ Capricho, de Stravinsky) — *D. G. G. 18004.*
- Henriot e Orquestra de Boston, dirigida por Charles Munch (+ uma Sinfonia, de d'Indy) — *R. C. A. 630512.*
- Marguerite Long e Orquestra do Conservatório de Paris, dirigida por Tzipine — *Columbia FCX 169*
- Michelangeli e Orquestra, dirigida por Ettore Gracis (+ Rachmaninoff) — *H. M. V. FALP 533 (mono) e ASO 255 (Stereo).*
- Perlemuter e Orquestra, dirigida por Horenstein (+ Concerto em ré) — *VOX PL-9220.*

Concerto em ré maior (1931), para a mão esquerda

- Robert Casadesus e a Orquestra de Filadelfia, dirigida por Ormandy — *Philips AE-409046. (45).*
- Jacques Fevrier e Orquestra da R. T. F., dirigida por Tzipine — *Columbia FCX-680.*

ÚLTIMAS EDIÇÕES da Deutsche Grammophon

O ultimo disco enviado pela Deutsche Grammophon aos seus agentes e á Imprensa mundial com os extractos dos seus mais recentes discos, inclui uma selecção da notável interpretação do «Oratório de Natal», de Bach, por solistas, coros e Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigidos por Fritz Lehmann e Günther Arndt. A perfeição técnica da gravação é surpreendente e apenas igualada pela qualidade dos intérpretes e o rigor da sua concepção. (D. G. G. 19212).

Os outros discos que vieram enriquecer o catálogo da D. G. G. são os quartetos «Rasumowsky», de Beethoven, pelo Quarteto Amadeus; os concertos 2 e 3, de Bartok, por Geza Anda, a 6.ª Sinfonia, de Beethoven, por Lorin Maazel e a Filarmónica de Berlim; e três novos discos da série «Musikkunde in Beispielen».

Uma nova vedeta da Fontana

o maestro polaco Witold Rowicki

Quase completamente desconhecido do público ocidental até há relativamente pouco tempo, o maestro polaco Witold Rowicki, de 46 anos, conquistou todos os publicos da Europa quando da sua primeira grande *tournée* no estrangeiro.

Responsável pela criação das duas melhores orquestras sinfónicas do seu país, Rowicki transformou-se rapidamente de uma revelação num idolo. Aproveitando este rasto de popularidade deixado por Rowicki, os discos Fontana, realizaram com este maestro cinco gravações que devem aparecer em Março ou Abril. À frente da Filarmónica de Viena, Rowicki gravou as primeiras sinfonias de Prokofieff e Chostakovitch, e, com a Orquestra Filarmónica de Haia «Sayaneh», de Katchaturian, «O pássaro de fogo», de Stravinsky, e a «Rapsódia romena n.º 1», de Enesco.

Dadas as excelentes referências críticas que chegaram até nós, é de esperar com grande expectativa as próximas edições Fontana com obras dirigidas por Rowicki.

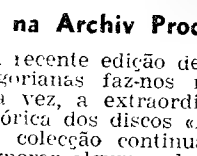
4 SINFONIAS de Mozart num só disco

A passagem do bicentenário de Mozart (1756-1791) fez inundar o mercado do disco com centenas de excelentes interpretações das obras famosas ou ignoradas do mestre de Salzburgo. E, desde então, não tem, felizmente, abrandado o ritmo das edições mozartianas.

Coube agora a vez á «Heliodor» de lançar, num só disco, quatro sinfonias de Mozart, interpretadas pela excelente Orquestra Filarmónica de Londres dirigida por Erich Leinsdorf, que foi assistente de Bruno Walter e Toscanini nos Festivais de Salzburgo.

As sinfonias 29, 30, 31 e 32, incluídas neste disco (Série Westminster 478 055), foram compostas de 1774 a 1779, sendo a mais conhecida a 31, KV 297, «Sinfonia Paris». As outras três foram escritas em Salzburgo.

DEMASIADO JOVENS para Mozart e Beethoven



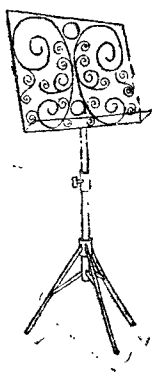
Dimitri Mitropoulos, o extraordinário maestro grego recentemente falecido com 63 anos, dizia, ainda pouco antes da sua morte: «Não me considero bastante amadurecido para dirigir Beethoven». Esta mesma modéstia e este mesmo respeito pelos clássicos testemunhara também há pouco tempo, numa entrevista, o grande Bruno Walter, intérprete mozartiano por excelência. Ao perguntarem-lhe por que só aos cinquenta anos dirigira a Sinfonia K. V. 183, de Mozart, Walter respondeu: «Penso que só aos cinquenta anos tive a coragem bastante para interpretar aquela sinfonia. Sentia de tal maneira o peso da responsabilidade e a dificuldade da sua execução que antes nunca me decidira a abordá-la. Espantam-me os maestros que sem quaisquer requisitos e em qualquer altura se põem a dirigir obras que exigem tanta maturidade artística e técnica».

DUAS MISSAS na Archiv Producktion

A recente edição de duas missas gregorianas faz-nos relevar, mais uma vez, a extraordinária missão histórica dos discos «Archiv». Sem esta colecção continuariamos hoje a ignorar algumas das mais representativas obras do nosso passado musical que, através dela, nos é revelado nas mais fiéis interpretações.

As missas gregorianas agora gravadas são a «Tertia Missa in Nativitate Domini Nostri Jesu Christi», destinada á época do Natal, que é interpretada pelo Coro dos Beneditinos da Abadia de S. Martinho, de Beurón, dirigido pelo dr. Martin Pfaff (Archiv 14 154 APM — mono 198 036 SAPM — estereo), e «Missa in Festo Assumptionis» interpretada pelo Coro do Beneditino da Abadia de Nossa Senhora, de Varensell. (Archiv 14161 APM—mono—198 046 — estero).

Acompanham os discos, como de costume, detalhadas fichas em que se incluem importantes referências ás edições e os textos das obras cantadas.



NOVIDADES

- **«O Cavaleiro da Rosa», de Richard Strauss, versão condensada, por Marianne Schech, Irmgard Seefried, Rita Streich, Fischer Dieskau, coro e orquestra da Ópera de Dresden dirigidos por Karl Böhm** — D. G. G. 18656 (Mono) e 138656 (Stereo).
- **«Sinfonias n.º 4 e 8», de Schubert, pela Orquestra Filarmónica de Viena dirigida por Lorin Maazel** — D. G. G. 18628 (Mono) e 138128 (Stereo).
- **«Fausto», de Gounod, por Victoria de los Angeles, Nicolai Gedda, Boris Christoff, Rita Gorr, etc., coros e orquestra do Teatro Nacional da Ópera, dirigidos por André Cluytens** — H. M. V. 101 a 104 AS OF (Stereo).
- **Integral das sonatas para violoncelo e piano, de Beethoven, por Janos Starker e Gyorgy Sebok** — Erato EJA 6-7.
- **«O mar», de Debussy, e «Bacchus et Ariane», de Roussel pela Orquestra Lamoureux, dirigida por Markevitch** — D. G. G. 618594.
- **«Rapsódia hungara, n.º 2» e «Poema Sinfónico n.º 3», de Liszt, pela Orquestra Lamoureux, dirigida por Roberto Benzi** — Philips GO 5391.

Túlipas

A tulipa é um dos mais belos ornamentos dos nossos jardins na Primavera. Cultivada com os esmeros que a sua beleza bem merece, desenvolve-se normalmente no nosso clima, e o amador que lhe prodigalize os cuidados que a sua cultura exige, será generosamente recompensado com muitas e maravilhosas flores. Observando as instruções que a seguir exporemos, os cultivadores poderão obter uma floração copiosa e espléndida.

Reprodução

A reprodução das tulipas, por intermédio dos bolbos, é fácil e de resultados seguros. Não basta, porém, *comprara quaisquer bolbos de tulipas;* é necessário adquirir exemplares volumosos e bem conformados, pois os bolbos envelhecidos produzirão hastes florais mesquinhas e vegetação raquítica.

De posse dos bolbos cujas características nos ponham ao abrigo de um malogro, temos de escolher o processo de cultura que desejamos seguir: na terra ou na água. Do primeiro nos ocuparemos hoje.

Entre nós, podem meter-se na terra os bolbos das tulipas, de Outubro a Dezembro. Observe-se, no entanto, que deve haver o máximo cuidado em não enterrar os bolbos tarde demais, pois estes, mantidos fora da terra para além do período ideal, perdem muitas das suas qualidades, isto é, enfraquecem, e não poderão fornecer uma floração tão bela quanto desejariamos obter.

As plantações feitas na primera quinzena de Outubro são as que oferecem as maiores possibilidades de êxito seguro. Isto não quer dizer, porém, que se não devem plantar tulipas depois desse período. O que é preciso é evitar que os bolbos sejam enterrados demasiadamente tarde.

A túlipa é a flor de porte mais altivo

Exposição

Porque é muito sensível ao vento e ao frio, a tulipa exige a exposição sul, quer dizer, a mais abrigada. Há amadores que costumam privá-las da luz durante certo tempo para que lancem as raizes e demorem o desenvolvimento da parte aérea, obtendo por este processo uma floração fora do vulgar. Quando os gomos começam a desenvolver-se; porém, é conveniente trazê-los gradualmente para próximo da luz. E' nesta altura que se devem regá-los mais amiudadas vezes, porque no período em que as folhas se desenvolvem, a absorção aumenta consideràvelmente.

A cultura das tulipas pode fazer-se com idênticas possibilidades de êxito em vasos ou em plena terra. Neste ultimo caso, a exposição terá de obedecer aos seguintes requisitos: arejamento perfeito e boa iluminação.

Terra apropriada

No que se refere á terra, as tulipas não exigem mais do que uma terra sã e enriquecida com adubos préviamente incorporados. Se para esta cultura serve qualquer boa terra de jardim, deve evitar-se, todavia, que nela se encontre qualquer adubo de origem animal, designadamente de gado suino ou de quaisquer outros animais carnívoros. Também não convirá a esta planta a terra que for suceptível de conservar por muito tempo a humidade. A mais aconselhável será, pois, a terra areenta.

Regas

Quanto a regas, é conveniente proporcioná-las ás tulipas sempre que o tempo se apresente seco, mas com moderação. Como acima dissemos, logo que a flor aponta, rega-se então abundantemente no caso de o tempo continuar a correr seco.

PANORAMA INTERNACIONAL

Três focos inquietantes de agitação no Mundo

A ultima semana do ano findo e a primeira deste ano coincidiram com o agravamento da situação internacional, localizado em três focos inquietantes de agitação, cada um dos quais pode considerar-se como uma séria ameaça para a causa da paz internacional. No Laos, no Congo, em Cuba, registaram-se acontecimentos de evidente gravidade cujo desfecho é impossível prever mas que, só por si, bastam para demonstrar como é precária a actual conjuntura incessantemente á mercê de um acto imprudente, de uma iniciativa precipitada, de um acto irreflectido. Enquanto esse estado de coisas se não modificar a Humanidade correrá, diáriamente, o risco de um aniquilamento total.

Basta lançar a vista por um mapa para constatar, pelos locais onde se registaram os episódios a que aludimos, que a guerra fria se faz sentir nos pontos mais distantes e sempre com a mesma causa — a rivalidade de interesses dos Estados Unidos e da União Soviética, como estes dois países os entendem e procuram acautelá-los. Não vale a pena, e nada se lucraria com isso, destrinçar as responsabilidades de um e de outro desses países, uma vez que, como os factos eloquentemente, demonstram os conselhos, as sugestões, os pedidos estranhos em nada concorrem para atenuar o risco da evolução dos acontecimentos que condicionam o comportamento daqueles dois governos. De cada vez que estes se produzem os seus protagonistas acusam-se reciprocamente de culpas que logo tomam a expressão perigosa de campanhas de publicidade.

No Laos criou-se uma situação explosiva, resultante da guerra civil que ia há tempo — práticamente desde o termo da liquidação do domínio da França na Indochina no Verão de 1954 — ali se verifica. Situado numa região contestada do Sueste asiático, aquele pequeno país ocupa uma posição estratégica de grande valor e, se a política americana continuasse a ser o que foi durante a era Eisenhower-Dulles, a sua perda representaria um grave prejuízo para os interesses e teses dos Estados Unidos. E' á custa do tesouro americano que se têm conservado no poder os governos que, desde aquela data, dominaram em Luang Prabang sem poderem contar com o sólido apoio de uma grande parte da população. O auxílio assim prestado não produziu os efeitos desejados e, cedo ou tarde, os dirigentes americanos serão levados a rectificar os seus planos não apenas no Laos mas no Sueste asiático.

No Congo o malogro da intervenção das Nações Unidas tornou inevitável, igualmente, uma rectificação de posições que se acentuará depois da posse da nova Administração americana. Naquele país, que recentemente ascendeu á independência, como na totalidade do continente africano, Russos e Americanos serão, em pouco tempo, obrigados a confrontar as suas intenções e objectivos a fim de esclarecer se vão multiplicar-se ali os focos de guerra fria ou se, pelo contrário, é possível, sob a égide de organismos internacionais, assegurar a paz e preparar a prosperidade de nações que padecem da falta de maturidade indispensável ao pleno exercício da soberania. O caso do Congo não pode separar-se do problema de conjunto que assim fica enunciado.

Em Cuba o corte de relações diplomáticas deste país com os Estados Unidos gerou, na região das Caraibas, uma situação explosiva que, a não ser tratada com extremo cuidado, pode degenerar num conflito de imprevisíveis consequências. Era intenção do Governo cubano precipitar esse desenlace ao pedir a redução do numero de funcionários da embaixada americana? Tudo indica que Fidel Castro e os seus colaboradores desejavam pôr termo ás actividades de agentes americanos no território do seu país e que procuraram, por esse meio, reduzi-las ao mínimo ou mesmo talvez pôr-lhes termo, mas não há duvida de que o método que encontraram para o conseguir os faz correr sérios riscos no presente e no futuro.

FIGURA DA SEMANA

Dean Rusk

DEAN RUSK

O novo secretário de Estado americano, que nos próximos tempos será uma das personalidades mais em evidência no Mundo, não parecia a pessoa mais indicada para ocupar o seu posto sucedendo ao falecido Foster Dulles e ao contemporizador Herter. Nada fazia prever a escolha pois, apesar da sua incontestável e reconhecida categoria intelectual, presidia á Fundação Rockfeller e, nessa qualidade, alcançara reputação mundial sendo justamente apreciado e muito conhecido nos meios europeus, nunca tivera a prática diplomática que aparentemente devia ser o principal título a invocar para a escolha.

Mas Dean Rusk será apenas o executante da política pessoal do presidente Kennedy que tem ideias próprias e se propõe pô-las em prática durante o seu mandato de quatro anos, o qual se inicia em 20 do corrente mês. Além disso conta com a colaboração de figuras de primeiro plano, com larga experiência da vida internacional e uma reputação feita nesse domínio — o subsecretário Chester Bowles, que será o seu mais próximo colaborador e foi embaixador na India, o chefe da delegação americana á O. N. U., Adlai Stevenson, que goza de fama mundial e é tido na conta de um dos mais equilibrados e sensatos políticos americanos, Averell Harriman, que como embaixador itinerante representa o presidente sempre que isso se tornar necessário, e de diplomatas profissionais como Charles Bohlen e David Bruce que já representaram os Estados Unidos em Moscovo e Bonn com pleno êxito.

A estes nomes deve acrescentar-se o de John McCloy que será o especialistas para as questões de desarmamento, o problema mais grave e exigente que o novo presidente terá de tratar e procurar resolver. Assim a tarefa de Dean Rusk encontra-se bastante simplificada. Apesar disso ninguém certamente a invejará dada a complexidade e variedade dos assuntos a tratar e resolver alguns dos quais se apresentam com um aspecto agudo e delicado.

Notícias ainda não publicadas

■ **Um dos primeiros gestos da nova Administração americana será o envio a Moscovo do vice-presidente Lyndon Johnson que, para tanto, receberá convite formal do Governo soviético. A personalidade do vice-presidente, dadas as suas tendências conservadoras, não é de molde a causar qualquer inquietação nos meios dos Estados Unidos que receiam ver atraídos para uma manobra equívoca os seus novos dirigentes.**

■ **Fala-se, com insistência, de um possível retorno de Kruchtchev a Nova York quando voltar a reunir-se a assembleia geral das Nações Unidas. A viagem só se justificará se, entretanto, forem criadas condições para um encontro com o novo presidente, Kennedy, ou pelo menos para que este tome parte, na qualidade de chefe do Governo americano, nos trabalhos da assembleia. Por enquanto é difícil conceber que isso aconteça pois o trabalho preparatório seria demorado e difícil.**

■ **Nos Estados Unidos corre a versão de que Kruchtchev será substituido, no corrente ano, pelo ministro da Defesa soviético, marechal Rodion Malinovski. Se esse facto se verificasse, haveria sérios motivos de inquietação para as nações ocidentais pois ele seria a expressão patente da vitória do partido da guerra sobre o partido da coexistência na política soviética.**

■ **Segundo os Americanos, os dirigentes do partido neutralista no Laos, que são o capitão Kong Le e o antigo chefe do Governo laociano, Quinim Phoulsena, antes de deixarem Vientiane na sua recente retirada, levaram uma importante soma, avaliada em 3 milhões de dólares, do Banco Nacional. Em tempo de guerra fria a informação deve ser acolhida com reserva e não deixamos de a referir apenas para efeitos de registo.**

■ **O Governo da Somália, pequeno país da África Oriental que recentemente ascendeu á independência, estabeleceu relações diplomáticas com a China comunista, tendo procedido já a troca de embaixadores. O coronel Nasser deferiu o pedido desse Governo para equipar e adestrar um pequeno exército, de cinco mil homens, destinado á sua defesa e á garantia da sua segurança.**

■ **O general de Gaulle, absorventemente preocupado com a realização do plebiscito sobre o futuro da Argélia marcado para 8 do corrente, pensa na criação de um pacto do Mediterraneo á margem da N. A. T. O., o qual abrangeria os seguintes países, além da França: Espanha, Grécia, Turquia e Israel. Esse pacto, se viesse a concretizar-se, constituiria mais um motivo de perturbação do que um elemento de apaziguamento.**

■ **Nos meios diplomáticos de Praga e Varsóvia corre que há pouco tempo alguns submarinos da esquadra soviética do Báltico foram enviados para as águas da Indochina na previsão de um agravamento da situação no Laos. Esse agravamento é um facto e a 7.ª esquadra americana, por virtude dele, já tomou posições naquelas águas que vigia de perto.**

■ **A eventualidade de um conflito localizado no Laos é encarada sériamente nos meios ocidentais, pois a alternativa dela será a retirada da influência americana até agora determinante naquele pequeno país do Sueste asiático. Entre outros sintomas de que é assim, deve registar-se a chamada ao Vietnam do Norte dos estudantes que se encontram espalhados por diversas regiões do bloco comunista, especialmente na China e na Russia.**

■ **Republicanos e democráticos, no Congresso, estão de acordo em prever que Kennedy será um presidente politicamente forte, um dos mais fortes que até agora ocuparam o seu elevado cargo, do tipo dos dois Roosevelt que deixaram fama da sua passagem pela Casa Branca.**

DUAS OBRAS MAGISTRAIS!

AS LIGAÇÕES PERIGOSAS

POR CHODERLOS DE LACLOS

«O primeiro em data e um dos primeiros em qualidade entre os **romances** realistas, no sentido em que Flaubert entendeu o **realismo**»

Roger VAILLAND

O VALENTE SOLDADO CHVÉÏK

POR JAROSLAV HASEK

Obra-prima só comparável ao **Dom Quichote**, de Cervantes, ao **Pantagruel** e ao **Gargantua** de Rabelais, ou ao **Ubu Roi** de Jarry.

A mais genial sátira ao militarismo, na pessoa do bom soldado Chvéïk, irmão espiritual de Sancho Pança.

PORTUGÁLIA

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoula
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

(6 anos)

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 98 2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — ás 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — ás 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — ás 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — ás 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — ás 14 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — ás 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — ás 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — ás 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — ás 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — ás terças, quintas e sábados, das 14 ás 16 e 30 horas.
Prof. dr. Alen Saldanha — Raios X — ás 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 h.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e

O filho da princesa Margarida

terá uma personalidade viva

(Continuação da 1.ª página)

portanto, que transformam numa aventura a face de cada bebé.

Estatura mediana

Quem tenha observado com atenção as fotografias de Margarida e Tony terá encontrado muita coisa em comum. Ambos são baixos, esbeltos, de constituição delicada. Margarida tem um 1,55 de altura; Tony, 1,73 metros. O bisavô, o avô e o pai de Margarida todos eram de estatura mediana. E o mesmo acontece com os antepassados de Tony. Logo, é seguro prever que o bebé, quando crescer, não atingirá uma estatura elevada.

Olhos azuis

Também quanto aos olhos é fácil fazer previsões. Margarida e Tony têm olhos azuis. A rainha Isabel, a rainha mãe e o rei Jorge VI também. Ambos os pais têm olhos rasgados. Pode afirmar-se, portanto, que o bebé Armstrong-Jones terá olhos grandes e azuis.

Agora, o cabelo: castanho alourado da parte de Tony; castanho também do lado de Margarida. E' quase certo que o bebé terá cabelo castanho, mais aloirado que os pais, e ligeiramente ondulado.

Uma boca rasgada, de lábios carnudos e sensuais, será outro traço do bebé. Tony e Margarida têm bocas assim. Lábios carnudos são um traço dominante e é bem provável que a boca do seu filho tenha o ar voluntarioso e rebelde que nos mostram as fotografias da infancia de Tony.

A linha do nariz só muito tarde se define. Embora Tony tenha herdado a face longa e os malares proeminentes do pai, o nariz é o de sua mãe, a actual condessa de Ross. E a irmã de Tony, a viscondessa de Vesci, apresenta ainda mais rectilínea e breve a linha do nariz. Margarida tem, também, um nariz rectilíneo e pontiagudo. Não há, portanto, qualquer probabilidade de que o bebé venha a ter um nariz abatatado ou achatado.

Tony com pouco mais de cinco anos (á direita) e quando tinha apenas três

Vida longa terá o bebé

Que probabilidade de vida terá o bebé? Teremos é claro que desprezar os acasos, a sorte, os riscos que ameaçam constantemente a vida de todos nós. Herdará o terrível gene da hemofilia? Dez dos descendentes masculinos da rainha Vitória eram portadores do gene da hemofilia. E três das cinco filhas de Vitória foram portadoras do gene «negro» Duas das suas netas, a ultima imperatriz da Russia e a ultima rainha de Espanha, tiveram filhos hemofílicos. Mas os estudiosos de genética afirmam que não tendo o rei Eduardo VII, bisavô de Isabel e Margarida, recebido o gene, não há nenhuma probabilidade de que elas sejam portadoras do terrível mal. De facto, o príncipe Carlos, o herdeiro do trono britanico, não é hemofílico. E também não o será o filho de Tony e Margarida.

Viverá muito ou não?

Jorge V, o pai de Margarida, viveu até aos setenta anos; a rainha Vitória até aos oitenta e um. Do lado de Tony, o seu avô morreu com oitenta e cinco e o seu bisavô com sessenta e nove.

Rapaz ou rapariga?

Não respondemos ainda, afinal, a uma questão fundamental: será um rapaz ou uma rapariga? Também é uma questão de cromossomas. Mas é o pai o factor decisivo na determinação do sexo dos filhos. Estudando os antecedentes de Tony, verifica-se que, do lado paterno, os rapazes foram mais numerosos que as raparigas, na razão de dez para seis. O seu bisavô teve cinco filhos e três filhas; o seu avô um rapaz e duas raparigas; e Tony tem uma irmã. Um palpite: será um rapaz.

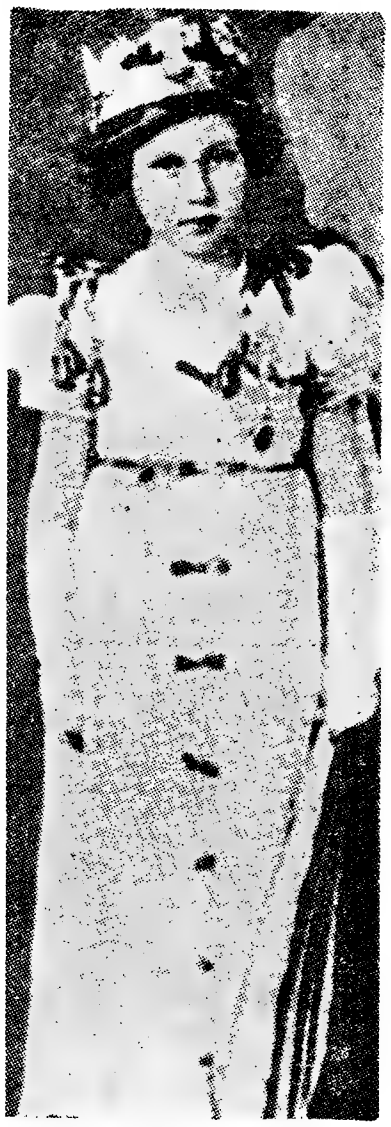
Poderá ser, em vez de um rapaz ou uma rapariga, um par de gémeos? E' uma hipótese que não pode ser recusada, Mas os antecedentes de Tony e Margarida não levam a julgar provável que a rainha Isabel seja presenteada com um par de sobrinhos.

Tendências artísticas

Será possível dizer algo sobre a personalidade do bebé dos Armstrong-Jones? E' o meio ambiente que determina, fundamentalmente o carácter, que permite ou dificulta a expansão da inteligência, que dá possibilidades de concretização ao talento artistico. Nem Margarida nem Tony são intelectuais, mas ambos possuem apurado sentido artístico. Pode esperar-se que o seu filho não seja atraído pelas ideias abstractas, mas se sinta principalmente chamado pelas pessoas interessantes, ou divertidas ou, até, inteligentes. Será inteligente? Tudo leva a crer que o nível de inteligência depende mais do meio ambiente que de factores hereditários. Mas será, certamente, uma criança viva e curiosa.

Aguardemos, agora, o nascimento do bebé para ver confirmadas ou não, as nossas previsões.

Duas das primeiras fotografias da princesa Margarida



As civilizações africanas

(Continuação da 1.ª página)

as classes abastadas converteram-se ao islamismo.

Como consequência da infiltração do islamismo e do desenvolvimento das relações entre os estados do Sudão Ocidental e o resto do mundo muçulmano, através das cidades de Fez, Tlemecén, Tunis, Cairo e Meca, surgiram centros de ensino na Africa Ocidental, principalmente em Tombuctú e Jenne, onde os mercadores e os homens de letras exerciam análoga influência.

Até aos começos do século XIX, a Europa quase não teve contactos directos com o Sudão Ocidental. E, isto, porque para conhecer a história desses estados dependemos de fontes árabes. Os estudiosos encontraram poderosos elementos a provar relações daqueles povos africanos com os árabes dos reinos de Espanha. A partir do século IX, os geografos e historiadores árabes recolhem preciosos elementos sobre o Sudão Ocidental.

Al-Bakri, que, em 1067, escreveu **Masálik wa Mamálik** (Estradas e Reinos), fala da capital de Andoghast, nos confins do reino do Ghana, que era formada por duas cidades distantes uma da outra dez quilómetros: a pagã, onde vivia o rei, e a muçulmana, que tinha doze mesquitas; descreve a corte e a sua vida luxuosa, refere-se a um exército de 200 000 homens, dos quais 40 000 archeiros, e fala do monopólio real de pepitas de ouro e do uso do pó de ouro como moeda. Por Mahamud Kati, um historiador de Tombuctú do século XVI, sabemos que o nome da capital do reino de Ghana era «Kumbi».

Um outro historiador, Ben Batutah, dá-nos um relato muito curioso das instituições e costumes do Mali:

«Os negros têm qualidades admiráveis. Raramente são injustos, mais do que qualquer outro povo, e detestam as injustiças. O seu sultão não desculpa qualquer falta aos deveres da justiça. Existe neste país uma segurança absoluta. Nem viajante, nem nenhum habifante deve ter medo dos ladrões ou dos bandidos... As horas de oração são cuidadosamente observadas. A sexta-feira, as mesquitas estão apinhadas. Entre as boas qualidades deste povo, salientemos o costume de vestir roupa branca e limpa á sexta-feira. E os que apenas têm uma velha camisa lavam-na especialmente para estar limpa á sexta-feira. Também é característico o zelo com que o Corão é decorado. Os pais fecham em casa as crianças que se atrasam no seu estudo e só as libertam quando o sabem de cor...».

Al-Hassan ben Mohamed Alvazrs Alfazi, historiador árabe nascido em Granada em 1490, que em 1518 foi baptizado pelo Papa Leão X e escreveu em italiano grande parte da sua obra, testemunha também o alto grau de desenvolvimento das civilizações do Sudão Ocidental, quando escreve:

«Há em Tombuctu grande numero de juizes, médicos e letrados, todos nomeados pelo rei, que dispensa grandes honras aos eruditos. São vendidos numerosos livros importados da Berbéria. O comércio de livros é mais proveitoso do que qualquer outro negócio».

(De um artigo de Thomas Hodgkin, no «Correio da UNESCO»)

De uma semana para a outra

DIA 31

EM PORTUGAL — Anuncia-se a criação, no Ministério das Comunicações, do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres. ✻ Os funcionários dos corpos administrativos passam a ter o regime de fim de semana. ✻ Em Lisboa, houve fogo de artifício para assinalar a passagem do ano.

NO ESTRANGEIRO — O general de Gaulle, na mensagem de Ano Bom, fez votos para que a paz volte á Argélia. ✻ Violenta tempestade na Austrália fez desaparecer centenas de pessoas. ✻ Na agitação social da Bélgica notou-se uma trégua do fim do ano. ✻ Morreu o cardeal-arcebispo de Munique, D. José Wendel.

DIA 1 DE JANEIRO DE 1961

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica, na mensagem de Ano Bom, acentuou a necessidade da unidade entre os Portugueses. ✻ Chegou a Portugal o dr. Jânio Quadros, presidente eleito do Brasil. ✻ No Campeonato Nacional de Futebol, o Benfica venceu o Belenenses por 4-2, chegando ao fim da primeira volta sem derrotas.

No ESTRANGEIRO — O presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek criticou a indiferença dos Estados Unidos e da Europa em relação á América Latina. ✻ Ao largo da costa africana foi salvo, depois de naufragar, o navegador solitário português Manuel Jorge Gaspar da Silva, que pretendia atingir o Brasil.

DIA 2

EM PORTUGAL — A Camara Municipal de Lisboa inaugurou a actividade das bibliotecas itinerantes. ✻ Em Malhada Gorda, um pequerrucho de 4 anos caiu a uma caldeira de água a ferver e morreu.

NO ESTRANGEIRO — Em Cuba foi decretada a mobilização geral, dizendo o Governo que espera a invasão americana. ✻ No Laos os comunistas atacaram em várias frentes. ✻ Da Bélgica foram expulsos vários comunistas franceses.

DIA 3

EM PORTUGAL — Numa passagem de nível do Vale de Santarém um comboio colheu uma camioneta, matando um homem e ferindo gravemente outro.

NO ESTRANGEIRO — Os Estados Unidos cortaram relações com a Republica de Cuba. ✻ Milhares de soldados seguiram para a Argélia para manter a ordem durante o referendo. ✻ O Parlamento belga apoiou a política do Governo para a manutenção da ordem. ✻ O ministro do Comércio britanico assumiu a presidência dos «Sete».

DIA 4

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica ofereceu um almoço ao nuncio apostólico em Portugal.

NO ESTRANGEIRO — Numa carta para o povo francês 16 generais atacam a política argelina de de Gaulle, apoiando o marechal Juin. ✻ Nos Estados Unidos explodiu um reactor atómico.

DIA 5

EM PORTUGAL — O presidente eleito do Brasil, Janio Quadros, ofereceu num hotel de Lisboa um almoço ao embaixador do seu país, dr. Negrão de Lima. ✻ A bandeira da Grécia foi içada no velho petroleiro «Marão», vendido a um armador daquele país. ✻ A Camara Municipal de Lisboa anuncia que gastará este ano dez mil contos na construção de arruamentos.

NO ESTRANGEIRO — O Laos aceita a fiscalização da Comissão Internacional do Armistício, proposta pela Russia e pela Grã-Bretanha. ✻ O rei Balduino exerce a mediação no conflito entre os grevistas e o Governo belgas. ✻ Dizem de Londres que a princesa Margarida espera um filho.

DIA 6

EM PORTUGAL — Foi entregue ao Chefe do Estado o «Livro de Honra» da Associação de Futebol de Lisboa. ✻ A Academia Militar prestou homenagem, em Santarém, á memória do seu fundador, marechal marquês de Sá da Bandeira. ✻ Abriu, em Sintra, uma exposição de pintura luso-espanhola.

NO ESTRANGEIRO — Começou na Argélia o referendo determinado por de Gaulle, que, mais uma vez, incitou os Franceses e os Argelinos a votarem pela sua política. ✻ A Nigéria proibiu os navios e aviões franceses de tocarem nos seus portos e aeródromos. ✻ O secretário-geral da O. N. U. partiu do Congo para a Africa do Sul.

Chuva na noite

(Continuação da 5.ª página)

cabeça talvez fosse mesmo bonita; olhou para trás, ela ia a atravessar. Os sinos continuavam a tocar. Resolveu entrar na igreja. A Susana podia ao menos ser assim, engraçada, mas não, não tinha nada de especial, e, no entanto, ele simpatizava com ela. Na igreja silenciosa e escura alguns vultos oravam; uma mulher acendia uma vela a uma imagem. De mãos nas algibeiras, ele olhava; a mulher da vela, que saía, perguntou-lhe as horas: — Seis e vinte e cinco minutos. Pensou na Susana, ia chegar tarde. Saiu, cá fora a chuva e o vento continuavam; não há duvida: devia ter trazido o chapéu. Atravessou a rua a correr, subiu os dois degraus de pedra e entrou no café; olhou em volta, a Susana ainda não chegara. Limpou a cara e as mãos com o lenço, alisou o cabelo molhado e sacudiu o sobretudo. Sentou-se e pediu um café. Ela não devia demorar, prometera estar lá ás seis e meia. Acendeu um cigarro e divertiu-se a observar por entre as pálpebras semicerradas as espirais de fumo denso. O ambiente estava carregado de humidade das gabardinas e sobretudos molhados. O senhor da mesa ao lado não tem gabardina nem sobretudo, tem um ar louco e umas mãos expressivas que torturam um fósforo de cera. Noutra mesa uma senhora come bolos e bebe chá. Ele riu-se; aquela devia de ser das que não querem engordar, mas não desistem de comer bolos. Olhou para a porta. Pessoas que saem e que entram. E' um sítio movimentado. Perto da porta há uma máquina com discos. Podia ouvir um, mas ia cortar o mole silêncio, ruidoso do café. Pediu segundo café, enervava-o esperar, era preciso distraír-se com qualquer coisa. Na parede do fundo há um relógio, á volta dele baixos relevos representam possíveis damas romanas de túnicas caindo em pregas severas. Observou todas elas, uma por uma, e pensou: — Quando o ponteiro passar pela cabeça daquela da direita vou-me embora, não espero mais; o ponteiro passou, avançou mais dez minutos. Ele bebeu o café já quase frio, deixou uma moeda em cima da mesa e levantou-se. Desceu os degraus e olhou a noite, pensou na rapariga que vira, ela ia para qualquer sítio, ia... e a Susana não viera. Saiu, a chuva parara, um vento frio fustigava-lhe o rosto, olhou para o céu, havia estrelas, o tempo ia melhorar. A Susana continuaria a não aparecer. E o tempo ia melhorar, para quê pensar mais na Susana... Ela não tinha vindo, pronto! Podia ter-lhe acontecido a ele, mas foi a ela. E apressou o passo intimamente consolado á ideia da casa quente e do livro cuja leitura interrompera para ir ter com a Susana.

Panorama do teatro português

(Continuação da 1.ª página)

personagens (uma delas pode ser «ele»), na tragédia ou na comédia (que podem ser a tragédia ou a comédia da sua vida, já que a vida é um misto das duas coisas!). Enfim, sente repulsa ou atracção pelas personagens, sente-se feliz ou infeliz, conforme a situação. Em suma, **vive** a peça.

Eu sei que isto é pedir muito ao publico, mas sei também que é lícito pedi-lo. Sem o **interesse**, o espectador não pode apreciar, ajuizar do valor da obra. E para pedirmos ao publico interesse pelo teatro, temos que lhe dar teatro. E' esse o problema que vou tratar. Desde já peço ao leitor que se interessa por este problema que, se, não concordar com alguma coisa aqui escrita, o diga e o emende, pois é só do debate e da crítica construtiva que se evolui, que se aprende.

Poderemos dizer que não existe teatro em Portugal?
Com efeito, esta questão já a têm posto com certeza, os leitores a si próprios. Existe. Presentemente estão a funcionar o Nacional, Monumental, Variedades, Coliseu, Maria Vitória, ABC, Avenida e o Trindade. Tantos teatros, dirá o leitor.

Diga-se, para já, que tenho constatado que a juventude está a seguir com crescente interesse os problemas relativos ao teatro. E isso já é alguma coisa. Tudo se tem feito para demover a juventude desse propósito. Preços altos, demasiadamente altos, peças fracas e um nunca acabar de razões:

1.ª — Os preços deviam ser baixados, para que todos, ou quase todos (o miserável, jamais poderá pôr o pé nas salas de espectáculos; é claro que me refiro ao miserável do ponto de vista monetário, pois há a mesma palavra encarada noutros pontos de vista), pudessem ver teatro.

2.ª — O nível das peças que têm sido representadas ultimamente, é desconsolador. Um encenador português, bastante conhecido, que nos tinha dado mostras de querer melhorar a actual situação teatral, deu-nos um espectáculo horrível de um «dramaturgo» português (passe a palavra por esta vez) e agora deu-nos dois outros no género. Fui um dos que mais aplaudiram a iniciativa desse encenador, mas lamentavelmente fui enganado. Senti-me lesado, pois esperava outra coisa dele. Alguns, estão possivelmente a sorrir, pois já o conhecem, mas aqueles que ainda não perceberam, podem escrever-me particularmente, que eu direi quem é. Nós temos revista á portuguesa, ainda que algumas vezes infeliz, teatro musicado (feliz tentativa de Vasco Morgado), não temos «teatro sério», porquê? Parece que todos nós percebemos porquê.

Aquilo a que vou referir-me é ao teatro «sério» (não julguem que me refiro ao indivíduo que está a ver a peça sem se rir, pois a comédia pode pertencer ao teatro sério; aqui poderia empregar «teatro sério» como sinónimo de «bom teatro»).

Porei de novo uma pergunta:
«Margarida da Rua», «Boa Noite, Bettina», é teatro sério? Claro que não é. E' um género de teatro a que chamarei de «musicado». Isto não desprestigia as tentativas de Vasco Morgado, que, diga-se já, têm constituido êxitos. Como teatro musicado, essas tentativas são bastante razoáveis. Além disso, a própria Laura Alves (que tem alcançado êxito neste género de teatro) disse que a sua tentativa de «teatro sério» com a peça «Gata em telhado de zinco quente» resultou num fracasso e numa perda de dinheiro, só acalentada e apoiada pelos estudantes e jovens que aplaudiram a peça. O publico chocou-se com o problema tratado com tanto desassombro (ainda que reconheça que o problema tem mais actualidade nos Estados Unidos).

Assim, parece que é o publico o unico responsável pelo que está a acontecer. Na verdade, não é ele o culpado. Se o publico não está preparado para o «bom teatro», é culpa dele receber friamente peças que noutros países alcançaram tão brilhantes êxitos? Preparem-no primeiro. Façam-no conhecer bom teatro, através de conferências, um jornal de teatro, programas teatrais adequados e depois veremos.

MANUEL FREDERICO
PINHEIRO CHAGAS
(20 anos

Diario de Lisbôa
JUVENIL
NÚMERO 193 · 7 DE JANEIRO DE 1961

Panorama do teatro português

O Teatro é um meio de expressão humana como o romance ou como a poesia.

Porque é humano, dirige-se ao Homem. Porque se dirige ao homem, constitui motivo de reflexões, de críticas dirigidas a ele pelo Homem (quando diz «nos homem» queremos dizer povo) que, ao ver uma peça, sente que os problemas que estão a ser tratados entre aquelas quatro paredes lhe dizem respeito, sente-se integrado neles, e por isso mesmo é que os discute, os comenta, sem permanecer apático na cadeira, alheio ao exterior, sòzinho. Ele foca a sua atenção nas

(Continua na 8.ª página)

A bruxa em decadência

Emídio Augusto Silva de Sousa (17 anos)

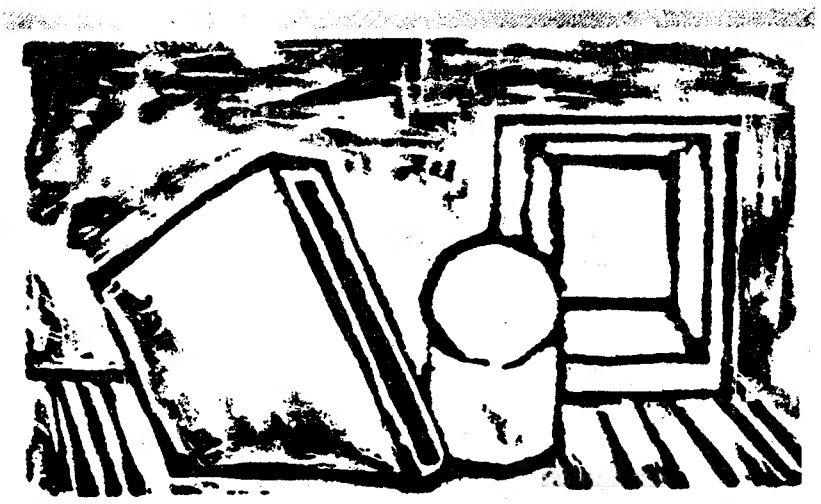
Havia muito que não vinham visitá-la e o negócio decaíra consideravelmente. Muita gente deixara de ser supersticiosa. Tinham passado perto de quatro ou mais anos desde a ultima vez em que a afluência fora enorme, de tal maneira que os clientes tinham de fazer bicha e, muitas vezes, nem chegavam a arranjar lugar para serem atendidos senão no dia seguinte, até, mesmo, três ou quatro dias depois. Nessa altura ainda tinha a bola de cristal. Então, as coisas começaram a correr mal e ela viu-se obrigada a trocá-la por uma de vidro, de maneira a arranjar alguma coisa com que se pudesse manter. Fizera um mau negóco; tinha rendido pouco a troca, mas f o r a absolutamente necessária. No fundo, pensava, vinha a fazer o mesmo efeito. Tanto numa como noutra os clientes só poderiam distinguir os reflexos produzidos pela luz eléctrica. E ela... Bem! Ela podia ver o que quisesse, isto é, aquilo que exactamente via; aquilo que estava para além do conhecimento de qualquer mortal e que ela conseguia adivinhar, ou antes, ver nos destinos do futuro, ás vezes terrível, outras belo.

Lembrava-se das previsões que fizera e não havia duvida de que em algumas tinha acertado. Naquelas em que tal não acontecera, a culpa fora dos clientes: eles é que não seguiam á risca as indicações que lhes mandava executar — ás vezes, até, por incredulidade! Como se alguém pudesse descrer dela! Realmente, de quando em quando, receitava coisas intragáveis. Mas um sacrificiozinho não custa nada, que diabo! Tratava-se de uma coisa séria. Bruxedo é uma coisa séria! Ela nunca tinha comido um sapo cru, nem frito, nem assado. Afinal não houvera precisão disso. Era ou não era a curandeira? Pois bem! Se o era, sabia perfeitamente o que devia fazer em certos casos. Além disso, embora pudesse muito bem adivinhar os destinos das outras pessoas o seu não poderia, de forma nenhuma. Ela estava sã e escorreita; isto é, não tanto como seria de desejar. Era preciso ser paciente. Podia ser que, depois desta espera, o destino tivesse traçado, na palma da sua mão, uma linha de prosperidade. Era preciso esperar. Era preciso ser paciente e não antecipar as coisas, nem ser-se pessimista por isso.

Mas o negócio corria mal, muito mal mesmo!

Onde, dantes, na porta de entrada se ostentava um belíssimo e pesado reposteiro de veludo azul-escuro via-se, agora, uma pobre e fanada cortina de flanela preta, já ruça. A mesa onde meditava, que tinha sido de mogno polido, era de pinho encerado. Gostaria de poder comprar, de novo, uma mesa de mogno. Era uma das coisas que lhe agradava. Sempre lhe

(Continua na 4.ª página)



Linóleo de Carlos Alberto Carvalho Domingos (14 anos), aluno da Escola Técnica Pedro de Santarém

CADA QUAL SABE O QUE SABE

Soluções do 12.º concurso

HISTÓRIA

1.º) — Conquistadas as praças de Tânger e Ceuta, Portugal contribuiria decisivamente para afastar a ameaça dos Sarracenos da Península, instalaria a fé cristã em África e daria início á sua expansão naquele continente.

2.º) — Afonso V conquistou, no Norte de Africa, Alcácer Seguer, Arzila e Tânger;

3.º) — Com a conquista de Granada, em 1492, os Árabes abandonaram definitivamente a Península.

ARTE E LITERATURA

1.º — Pedro Blanch foi um notável chefe de orquestra que contribuiu de forma decisiva para a formação musical do nosso País no primeiro quartel deste século. Foi director da Orquestra Sinfónica Portuguesa;

2.º — Os «Ballets Russes», de Diaghileff, actuaram em Lisboa, no Coliseu, de 13 a 27 de Dezembro de 1917;

3.º — A Sociedade Nacional de Belas-Artes que, em 1907, substituiu o Grémio Artístico, foi fundada por um grupo de pintores, nomeadamente, Falcão Trigoso, António Saúde, Pedro Guedes, Maria Amélia Costa Nery, etc.

CIÊNCIA E TÉCNICA

1.º — Célula é a unidade morfológica de substancia viva;

2.º — Tecido é um grupo de células com forma e funções idênticas;

3.º — Orgão é um conjunto de tecidos semelhantes que trabalham para o mesmo fim.

Premiados e prémios do 12.º concurso

HISTÓRIA

Luís Filipe Salgado de Matos (Lisboa) — «*Os manuscritos do mar Morto*» *(Europa-América)*.

Alberto Branquinho (Covilhã) — «*Pré-história da sociedade europeia*» e «*Lutas sociais na antiga Roma (Europa-América)*.

Fernando Jacinto Neves (Faro) — «*A revolução industrial*» *(Europa-América)*.

ARTE E LITERATURA

Isabel Lopes da Silva (Lisboa) — «*As maravilhas do Cinema*» *(Europa-América)*.

Maria Manuela Aguiar (Rio Maior) — «*Goya*» *(Livros do Brasil)*.

Helder Nascimento Gouveia (Pinhal Novo) — «*A arte e o mito*» *(Livros do Brasil)*.

CIÊNCIA E TÉCNICA

Maria da Graça Jacinto Neves (Faro) — «*A maravilha da Biologia*» *(Livros do Brasil)*.

Maria do Rosário Silva Jesus (Amadora) — «*Nós e a Medicina*» *(Livros do Brasil)*.

António Armando Rodrigues da Costa (Lisboa) — «*A evolução da Física*» e «*A influência nos animais*» *(Livros do Brasil)*.

HISTÓRIA

1.º — O que foi a Revolução Francesa?

2.º — Quem foi Danton?

3.º — Quem foi Robespierre?

ARTE E LITERATURA

1.º — Quem escreveu a «Divina Comédia»?

2.º — Quem pintou as «Meninas»?

3.º — Quem compôs a «Aida»?

CIÊNCIA E TÉCNICA

1.º — O que é um dínamo?

2.º — Qual o princípio dos motores de explosão?

3.º — Etapas da evolução do automóvel?

DIRIGIR TODA A CORRESPONDÊNCIA A «DIÁRIO DE LISBOA» — «JUVENIL» — RUA LUZ SORIANO, 44 — LISBOA

COLECÇÃO SABER
ROGER DAJOZ
A VIDA NOS FUNDOS MARINHOS
O estudo das grandes profundidades marinhas, os instrumentos de observação e de colheita da fauna marinha, o mundo abissal num volume ilustrado com gravuras e fotografias ..... 15$00
NA MESMA COLECÇÃO:
JOÃO DE FREITAS BRANCO
HISTÓRIA DA MÚSICA PORTUGUESA
15$00
PAUL ARRIGHI
LITERATURA ITÁLIANA
15$00
ARNOLD HASKELL
BALLET
com ilustrações em extra-texto
25$00
RUA DAS FLORES, 45
LISBOA — 2

PROBLEMA **Por ler os seus bons conselhos, Tião, e ver o bom acolhimento que dá ás nossas ideias, é que lhe escrevo.**

O problema que lhe vou expor, não é verdadeiramente um problema, é antes uma ideia que desde há muito ocupa o meu pensamento.

É o seguinte: julgo que, por intermédio do «Juvenil», podia haver uma troca de correspondência entre os jovens leitores do nosso suplemento, e que essa correspondência podia englobar os mais diversos assuntos. Por exemplo, nós podíamos trocar opiniões sobre as terras portuguesas do Continente ou do Ultramar, sobre o programa de um determinado curso ou ano, sobre línguas, etc. No meu caso, eu gostaria de me corresponder com um Algarvio ou uma Algarvia, sobre assuntos relacionados com o terceiro ano do liceu e sobre as cidades ou vilas em que moramos ou que conhecemos. Eu vivo no Porto, e penso que esta correspondência seria interessante, por serem as nossos provincias tão distantes e de tão diversos costumes. Também não me importaria que o meu correspondente ou a minha correspondente fosse das Beiras. Isto no meu caso, os outros escolheriam o assunto que mais lhes agradasse.

Espero que me tenha compreendido, meu caro Tião, já que você é uma pessoa que nos compreende a todos, e sobretudo que nos ajuda.

IDEALIZADOR
(14 anos)

RESPOSTA A tua ideia aqui fica, e por sinal corresponde ao desejo de outros leitores do «Juvenil». Acho que é uma boa ideia, pois o convívio entre pessoas com os mesmos interesses espirituais, e a troca de impressões e conhecimentos, além de serem uma distracção muito util e agradável, podem abrir caminho a sólidas amizades.

Os rapazes e as raparigas do Algarve e das Beiras, que queiram trocar correspondência contigo, meu caro «Idealizador», do Porto, podem enviar-me a sua primeira carta, que eu a farei seguir para ti.

Palavra posta no vento
Rouxinol canta no muro

Eu sou de tudo o que é puro
não me penso
nem me invento
Louvo o Sol e louvo a Lua
Beijo o dinheiro que pego

O meu silêncio é imenso
Há em mim criança nua
que renego

EDUARDO DO PRADO COELHO (16 anos)

PROBLEMA **Li aquele problema da rapariga que a mãe se veste de maneira excêntrica, e compreendo muito bem o que ela sente porque o que se passa comigo é um pouco semelhante. Tenho quinze anos e gosto muito da minha mãe, mas ela não gosta muito de mim, ou pelo menos não gosta tanto como eu dela. Eu bem percebo que ela acha que eu sou feia e quer que eu pareça mais nova do que sou. E antes quer sair com as amigas do que comigo. Gostava tanto que ela fosse mais minha amiga, Tião! O que é que eu posso fazer?**

RESPOSTA Não há um bocadinho de exagero naquilo que dizes? Tenho a certeza de que a tua mãe gosta muito de ti, embora prefira sair com as amigas. Sabes? Isso acontece, quando as mães são ainda muito novas e bonitas, e não reparam que as suas «pequeninas» estão crescendo rápidamente. Quanto a seres feia, é hipótese que nem se põe... Aos quinze anos todas as raparigas são encantadoras.

Procura, por todos os méios, agradar á tua mãe. Verás como ela é sensível ás tuas atenções e delicadezas.

Procura também, uma vez por outra, sair com ela e as suas amigas, ainda que isso te não divirta muito. Mostra-te alegre e ao mesmo tempo discreta. E pensa que o tempo passa muito depressa, que dentro de dois anos estarás verdadeiramente uma senhora, e que entretanto a tua mãe se habituará a considerar-te como tal.

Vendo bem as coisas, não serás tu que queres parecer mais velha do que és? Não há nada que não possa ser encarado sob dois aspectos diferentes, e ambos igualmente verdadeiros. Que dizes?

Para todos, um abraço com os melhores votos de um novo ano muito feliz, de

TIÃO

(Continuação da 3.ª página)

vestigação histórica e crítica que até á época em Portugal se fizera. Herculano foi ás fontes, estudou as instituições da Idade Média, mostrando quanto era espontanea e tradicional a liberdade política condenada pelos absolutistas.

O cantor do heroísmo cívico e o poeta, o romancista, o economista, o sociólogo, o autor da «História de Portugal», o obreiro dos «Portugáliae Monumenta Histórica», equivalem-se, pelo menos nesse fervor que ele pôs, como os melhores entre os maiores, em tudo o que rigorosa e generosamente fazia.

Morreu, só e honrado, em 1877, no seu retiro de Vale de Lobos.

O MEU PROFESSOR TAL...

Tenho achado muito curiosa esta secção em que perguntam qual é a qualidade que nós, jovens estudantes, mais apreciamos nos nossos mestres, e quais são as atitudes que mais nos magoam.

Tenho lido as opiniões dos rapazes e das raparigas que têm respondido, e também tenho conversado sobre este assunto com os meus colegas.

Parece-me que, de um modo geral, a qualidade mais apreciada num professor é o espírito de justiça; assim como a injustiça é o que mais desagrada, chegando a provocar autênticas revoltas. Eu também estou de acordo, que um bom professor tem de ser justo, tem de saber distinguir entre o aluno que trabalha e aquele que leva o ano a fingir que estuda, de modo a premiar um e a castigar outro, é claro que em qualquer caso o prémio e o castigo são traduzidos em boas e más classificações.

Mas há uma qualidade que ainda não vi apontada e que em meu entender é imprescindível num professor, e essa qualidade é a delicadeza, a boa educação. Um professor pode saber muito e ser muito justo, mas se for malcriado não cumpre integralmente a sua missão, que é ao mesmo tempo instruir e educar, e não consegue impor-se ao aluno nem cativá-lo. Eu sei-o bem por experiência própria. No meu quarto ano liceal tive um professor que era a pessoa mais mal educada que se pode imaginar. Só nos tratava por alcunhas, os palavrões eram uns atrás dos outros, de tal maneira que nenhum de nós lhe guardava respeito. Os mais pequenos ficavam pasmados e tinham-lhe medo, os mais velhos resmungavam e ás vezes até lhe respondiam á letra. Foram tantos os conflitos que no ano seguinte mudou de liceu, e a verdade é que não deixou saudades. Todos nos sentimos aliviados com a sua ausência. Se nós, rapazes, muitas vezes conversando uns com os outros usamos uma linguagem e modos mais livres, não está certo nem gostamos que os nossos superiores, que têm o dever de nos corrigir e dar bons exemplos, procedam e falem ainda pior do que nós.

Aqui está porque venho também dar a minha opinião, e essa é que num professor é a delicadeza e a correcção tanto de palavras como de atitudes. E o que mais me choca são os modos grosseiros e os ditos ordinários.

Os professores deviam pensar que cada aluno é um juiz que os julga, e deviam ter o cuidado de proceder de maneira que esse julgamento lhes fosse favorável. Um mestre não é superior pelo facto de assim se intitular a si mesmo. É-o, de facto, quando os alunos espontaneamente o reconhecem como tal.

Saber muito e ser justo não basta. É indispensável ser correcto e bem educado, de contrário nunca será um verdadeiro professor. É esta a opinião muito sincera do

PATO MARRECO
(17 anos).

Balada

À M.ª Deosinda

À imprecisa virgem do canto,
também a ti,
e a mim.

O galope furioso dos alados cavalos dos céus,
e o cheiro acre de perfumes velhos,
o contraste da filharmónica
e meus amigos.
As lágrimas secas
não choradas,
e recordações amargas
...que valem?

– Sómente a Paz do linho branco dos pensamentos não sentidos,
e o esquecimento do próprio momento
da balada triste
importam...

ARMANDO DE SOUSA

OS GRANDES HOMENS DE PORTUGAL

Alexandre Herculano

Historiador, poeta, romancista e cidadão, o vulto de Alexandre Herculano é dos que verdadeiramente dominam o nosso século XIX, animado de impulsos progressistas, na aurora da grande revolução científica e técnica que surgiu, entre nós, com o Romantismo e o Liberalismo.

Nasceu Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo em Lisboa no ano de 1810.

Teve educação religiosa, nas aulas dos Padres Oratorianos, depois tirou o primeiro ano de Ciências Matemáticas na Academia de Marinha e matriculou-se na Aula de Comércio, curso que então, dava acesso ás repartições da Fazenda Publica. Na Torre do Tombo, adquiriu os conhecimentos de diplomáticas que o haviam de servir nas suas futuras investigações.

Por volta de 1830, o jovem Alexandre Herculano era um dos frequentadores da Tebaida do Morgado de Assentis e do salão literário da Marquesa de Alorna. Foi junto desta (Alcipe), precursora do Romantismo em Portugal, que Herculano sentiu a atracção pelas literaturas germânicas que havia de levá-lo a estudar o alemão, a ler Klopstock, Schiller e Goethe, assim como Walter Scott, e a escrever, na esteira destes autores, os romances históricos e de tese com que havia de erguer entre nós uma obra de ficcionista grandiosa, cheia de paixão e, ao mesmo tempo, retórica, num caudal tempestuoso de emoções, movimentando massas, ressurgindo épocas de crise e de exaltação patriótica: «O Bobo» (conflito de classes e de ódios no dealbar da nacionalidade); «Eurico» (barreiras de casta e de raça na época da invasão sarracena e da Reconquista). Nestes livros, como na poesia de Herculano, o amor e o sentimento religioso, desempenham papel primordial.

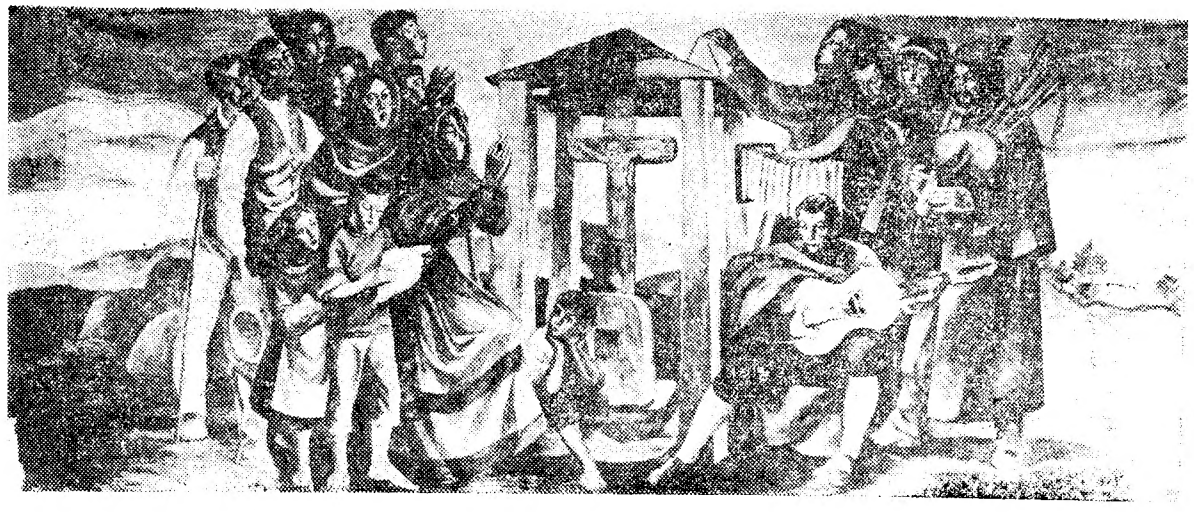
Este homem probo e generoso, que se bateu nas fileiras liberais, ao tempo da reacção absolutista e pela lealdade ás suas ideias teve de emigrar, andou por terras de Inglaterra (Plymouth) e França (Rennes), onde continuou a estudar e a cultivar-se, até que da Ilha Terceira veio, com o Exército constitucionalista, lutar no Mindelo pela causa democrática. Um ano após o Cerco do Porto, era segundo bibliotecário da Biblioteca do Porto.

Mais tarde exerceu o cargo de director da Biblioteca da Ajuda e nessas funções se manteve até 1867, data em que, descontente com os homens, com as intrigas dos influentes, com as hipocrisias, as invejas e as críticas venenosas que por todo o lado encontrava, decidiu retirar-se para a sua propriedade de Vale de Lobos, onde terminou os seus dias austeramente.

Como novela histórica, «O Monge de Cister» é excelente, mas fica aquém do «Eurico» na qualidade poética. Aí atingiu Herculano a força de estilo, o poder de representação visual que dele fazem um dos nossos maiores prosadores de todos os tempos. A sua «Harpa do Crente» revela o religioso social, homem perante Deus, contra os farisaismos de uma igreja que lhe parece afastada da pureza primeva.

Liberal burguês, erudito, trabalhador infatigável, deve-lhe a nossa cultura a mais séria obra de in-

(Continua na 7.ª página)



Fresco — trabalho colectivo de alunos da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, do Porto

(Continuação da 1.ª página)

agradara. E o reposteiro também. Mais tarde; mais tarde compraria. As coisas não iriam continuar assim, claro! Enfim! A casa apresentava um aspecto de decadência. Era desolante! As cartas, velhas, sujas e dobradas algumas, já não tinham o esplendor luzidio de antigamente e mostravam um ar caduco a condizer com a marcha do negócio. A bela secretaria que costumava estar ao canto da sala, junto da janela, e onde ela se sentava para escrever o seu diário e anotar os futuros que lhe pareciam mais interessantes, tinha sido vendida, também por motivo de absoluta necessidade. Já nem escrevia esse diário visto que a vida parecia ter-se desintegrado dela. Vivia porque tinha que viver e era tudo.

Mesmo assim, as duas argolas enormes que se penduravam nas suas orelhas fizeram um ligeiro movimento quando ela sacudiu devagar e angustiosamente a cabeça de cabelos ainda muito negros. As poucas rugas da sua testa contraíram-se e a beleza mística e fresca de um rosto quase jovem contrastou singularmente com o sorriso amargo que se desenhou nos lábios descorados.

— Há-de mudar... — monologou como quem busca, sem esperanças, num naufrágio, um lenho extraviado, ocasional, que o venha a salvar.

— Há-de mudar... — repetiu, querendo assegurar-se de que os seus augúrios eram verdadeiros; porém, no tom da sua voz, havia uma agonia silenciosa, mal contida, quase consciente.

O efeito das suas palavras foi um silêncio mais pungente e mais desesperado; foi a contracção das mandíbulas e o enrijecimento do corpo numa expectativa sem esperança: foi uma lágrima a tremer, teimosa, nos seus olhos, e os dentes a cerrarem-se brutalmente, como que a comprimir a dor que começava possuí-la.

Esperou. Da rua vinham as buzinas dos veículos que corriam apressados e indiferentes para um destino que era só deles, para um destino que julgava ter sido, outrora, dela. E o ruído das fábricas, o matraquear confuso dos sapatos das pessoas que passavam lá fora, o barulho ensurdecedor com que abatiam, ao lado, o prédio em ruínas, o martelar dos pedreiros na pedra, o motor do tractor que retirava a terra inútil, o do cilindro que aplanava a rua... E, dentro da casa, o silêncio e mais nada. Mais nada! Angustiosamente mais nada!

Descontraiu-se. O relógio do corredor, relíquia do tempo de seus pais, marcava, insensível, as quatro horas. O martelar das badaladas encheu a casa durante algum tempo e a última hora ficou pairando no ar a tornar o silêncio mais triste e mais só. Tique... taque... tique... taque... E continuava o barulho enervante enchendo o silêncio e a quietude.

Passaram longos os breves momentos que se seguiram enquanto a bruxa deixou de pensar. Durante todo esse tempo uma lassidão voluptuosa parecia tê-la desprendido da existência. Não sentia o peso da situação económica, não sentia o peso do malogro da sua profissão, não sentia, mesmo, o peso do seu próprio corpo. De todo, tinha-se afastado de si a ideia de que era um ser pensante, animado, possuído de uma vida que tinha que cumprir, mesmo no momento de a abandonar. Aproximara-se bastante da amnésia, se é que o esquecimento que a rodeara não se poderia chamar uma amnésia temporária. Houve, então, qualquer coisa que fez quebrar a imensidão dos dias moles e intermináveis: soou, distinta, a campainha da porta.

Todas as esperanças voltaram. Um sorriso, desta vez feliz, iluminou-lhe o rosto, onde afivelou, rápida e subtilmente, a máscara da misticidade. Dispôs sobre a mesa quatro cartas em quadrado e, ao centro, a bola de vidro. Dividiu o resto do baralho em quatro montes que colocou de cada lado do quadrado. Foi buscar uma retorta com água, pô-la em cima de uma lamparina e acendeu-a. Pegou num monte de cartas de correio que lhe tinham escrito noutros tempos, espalhou-as desordenadamente sobre a mesa, como se estivesse a responder e a aconselhar a todas aquelas pessoas.

A campainha retiniu outra vez, insistentemente. Ela deitou um último olhar ao cenário a certificar-se de que tudo estava perfeito e, com um ar aparentemente tranquilo, dirigiu-se apressadamente para a porta. Abriu uma greta, espreitou, e perguntou com voz cava, observando a pessoa que tocava para ver que efeito produzia o tom da sua voz:

— Que deseja?

A voz indiferente e metálica do homem que respondeu tolheu-lhe, de repente, os ânimos.

— Água e luz. — anunciou.

Ela continuou a sorrir misticamente enquanto o mandava entrar. Queria assegurar-se de que ainda não perdera de todo a personalidade e, ao mesmo tempo, angariar, deste modo, talvez, um novo futuro cliente. Quase estava certa que sim. Ou não? «Não» — pensou desoladamente — «Este não sabe penetrar nem quer compreender os segredos do sobrenatural». «Talvez que um dia os soubesse; talvez que na derradeira hora compreendesse a importância de se saber o futuro». «Este, nem isso!» — ripostou a si mesma. Então um grande nó formou-se-lhe na garganta e foi a custo que respondeu ao homem que acabara de passar o recibo:

— Obrigada.

E a mesma voz, metálica e impessoal, veio ferir-lhe, de novo, os tímpanos, dizendo:

— Oitenta e três escudos. Paga já?

— Não. Pode ir-se embora.

A porta fechou-se lentamente, chiando um pouco nos gonzos. O trinco, ao alojar-se na fechadura, fez um ruído lúgubre e seco. No ar pairava ainda o peso da desilusão e avolumava-se a sensação de esperança perdida. Não! Não devia; não podia esperar nada! A expressão mística do rosto da feiticeira deu lugar a uma contracção trágica. Depois a boca dela abriu-se, mostrando os dentes alvos e certos. Da sua garganta saiu um riso cavo, semelhante a um cacarejar rouco, gutural, que ia aumentando, aumentando sempre, até bater nas paredes e regressar, até ecoar por toda a casa, até encher tudo; até tornar a atmosfera ameaçadoramente trágica.

— Feiticeira!... Ah! Ah! Ah!... Bruxa!... Ah!... Ah!... Ah!...

E ria, ria loucamente, perdidamente. Caiu de bruços, batendo com a cabeça no chão. Um soluço sacudiu-a e perpassou por todo o corpo. Continuou a rir enquanto estava deitada e tão convulsivamente que se arrastava por toda a casa; o vestido preto ia-se rasgando de encontro aos pregos mais salientes, ao mesmo tempo que o corpo, e o sangue punha uma nota de garridez no tecido, mais acentuada ainda pela cor deste. As unhas dela enterraram-se na cara, tão facilmente como se enterrariam em manteiga, e os dentes morderam tão furiosamente os lábios que ficaram imediatamente lá marcados. Depois as lágrimas rebentaram e misturaram-se com o sangue e com o riso e com os soluços.

Cessou o ruído da broca. Os pedreiros deixaram de martelar e as pessoas já não passavam com tanta frequência. Já os automóveis tinham acendido os seus faróis e as buzinas deixado de tocar. Só o relógio continuava imperturbável... tique... taque... tique... taque... Fizera-se um longo silêncio e dir-se-ia que a natureza morrera.

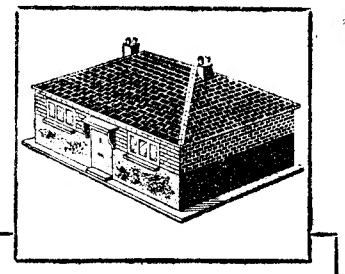
O Sol desceu mansamente e pôs nos vidros da janela reflexos vermelhos...

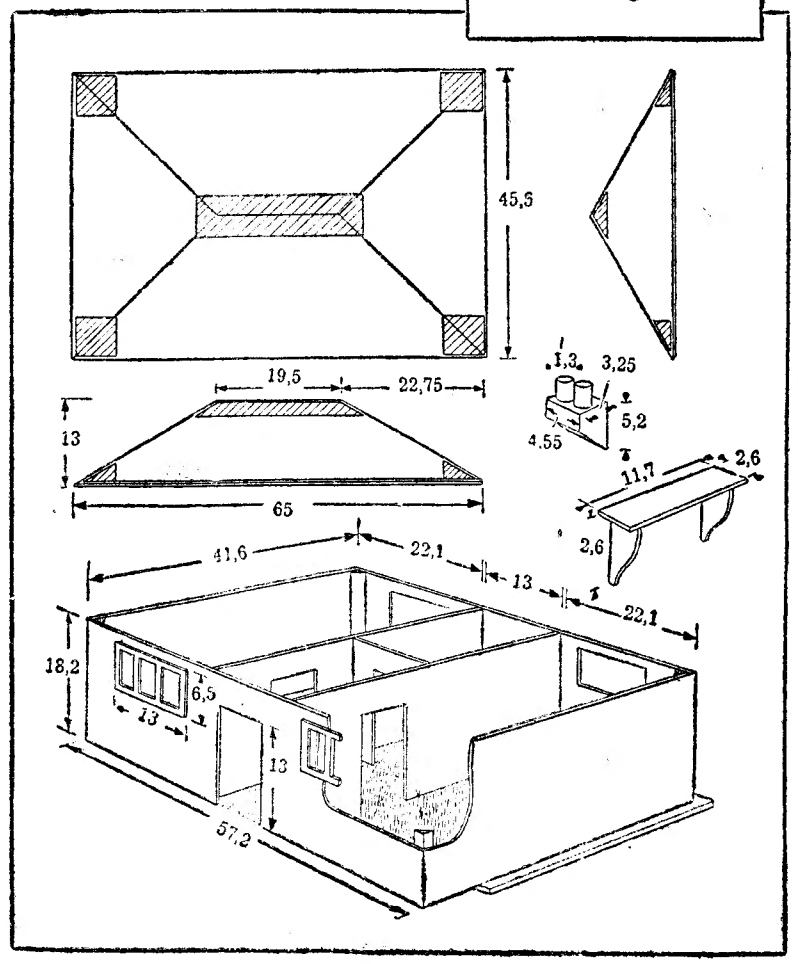
Como fazer uma casa de bonecas

Construiremos esta semana uma casa de bonecas, o que permitirá satisfazer um sonho das nossas irmãs ou das nossas amigas mais jovens.

O esqueleto da casa é construído em contraplacado ou madeira prensada, com cerca de 0,3 cm. de espessura. Os cantos são reforçados por pequenas vigas de base triangular, com 1.3 cm. de lado. Para fixar as paredes divisórias usam-se pequeninos pregos ou mesmo alfinetes fortes. As janelas das paredes da frente e de trás devem ser cortadas ligeiramente menores que os caixilhos exteriores. Uma vez construídas fixam-se as diversas partes do telhado com a ajuda de pequenas cunhas e ajusta-se o conjunto. Cobre-se o telhado com papel que imite telhas. Fixa-se o telhado á parede de trás da casa com uma longa dobradiça, que se prolongue por todo o comprimento da parede. Grudam-se quatro pequenos cilindros a dois blocos de madeira, os quais se fixam depois ao telhado, simulando chaminés. Prende-se a porta com dobradiças e cola-se o seu pequeno alpendre. Cobrem-se as paredes com imitações de tijolos ou outros materiais de construção e só depois se pintam as janelas, a porta, as chaminés e o alpendre. Por fim, constroi-se, com as dimensões de 1.3×0.65, um degrau para a porta de entrada.

A casa está pronta. Os mais habilidosos ainda poderão fazer uma instalação eléctrica. Ficará para outra semana a construção do mobiliário necessário á utilização e decoração deste pequeno lar de bonecas.





CHUVA NA NOITE

Um conto

de MARIA EDUARDA DOS REIS COLLARES

(16 anos)

A chuva batia nos vidros agora mais suavemente. Ele levantou a cortina e olhou a rua molhada onde o vento agitava num turbilhão as folhas secas; as pessoas passavam apressadas, um garoto pedia esmola, á esquina um cego tocava violino; era engraçado fazer desenhos nos vidros embaciados da janela, claro que são coisas de crianças, mas é divertido. Olhou o relógio: quase seis horas. Deixou a janela e vestiu o sobretudo; ao sair o garotito estendeu-lhe a mão roxa de frio; egoisticamente conservou as suas no calor das algibeiras; a chuva gelada colava-lhe o cabelo a cara; afastou-o sacudindo a cabeça; devia ter trazido o chapéu de chuva; mas não lhe apetecia, e depois aquele vento que lhe atirava chuva de frente e as folhas molhadas de encontro ás pernas, ia-lhe voltar o chapéu. Não, não havia desculpa; devia ter trazido o chapéu e nada mais.

Estava já muito escuro, as luzes através da chuva pareciam estrelas e os anuncios luminosos compliçadas peças de um jogo infantil. Levantou melhor a gola do sobretudo: maldita chuva que nunca mais parava!... O asfalto negro da rua, molhado, estava mais brilhante, e os carros ao passar deixavam marcas baças que logo a chuva apagava. A água corria-lhe pela cara e os pingos frios caiam-lhe no pescoço incomodativamente. Tirou um lenço da algibeira e limpou a cara, um carro passou perigosamente rente a ele; subiu para o passeio e guardou o lenço. Ao passar em frente de uma igreja os sinos tocaram ecoando solenemente na noite de ruídos confusos; ele olhou para o carrilhão, os sinos grandes e negros obedeciam dóceis á mão que os manobrava. Com a atenção fixa nos sinos foi de encontro a uma rapariga, pediu desculpa, ela sorriu. Era engraçada, a rapariga, tinha um sorriso vivo; sem aquele lenço na

(Continua na 8.ª página)